



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM HISTÓRIA: CULTURA E PODER

HÉLIA BARBOSA DE MENESES

**PATRIMÔNIO CULTURAL DE TRINDADE, GOIÁS: FESTEJANDO O DIVINO PAI
ETERNO E AS DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

GOIÂNIA

2022

HÉLIA BARBOSA DE MENESES

**PATRIMÔNIO CULTURAL DE TRINDADE, GOIÁS: FESTEJANDO O DIVINO PAI
ETERNO E AS DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História (PPGHIST) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração do estudo de cultura e Poder.
Linha de Pesquisa: Patrimônio Cultural e Território.
Orientadora: Profa. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura.

GOIÂNIA

2022

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás
Márcia Rita Freire - Bibliotecária - CRB1/1551

M543p Meneses, Hêlia Barbosa de
Patrimônio cultural de Trindade, Goiás : festejando
o Divino Pai Eterno e as dinâmicas de participação
social / Hêlia Barbosa de Meneses. -- 2022.
126 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2022.
Inclui referências f. 109-119.

1. Festa do Divino - Trindade (GO). 2. Patrimônio
cultural - Trindade (GO). 3. Festas religiosas - Trindade
(GO). I. Boaventura, Deusa Maria Rodrigues. II. Pontifícia
Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação
em História - 29/06/2022. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 398.332(817.3)(043)



Instituição de Pós-Graduação e Pesquisa – PPGPE
Coordenação de Pós-Graduação em Letras – UENGG
Escola de Formação de Professores e Humanidades – EFPH

**PATRIMÔNIO CULTURAL DE TRINDADE, GOIÁS: FESTEJANDO O DIVINO PAI ETERNO E AS
DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

HÉLLA BARBOSA DE MENESES

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 29 de junho de 2022, às 14h.**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura / PUC Goiás

Profa. Dra. Sibelí Aparecida Viana / PUC Goiás

Profa. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira / UFG

Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro / PUC Goiás

Prof. Dr. Patrick de Almeida Zechin / UEG

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de mestrado aos meus pais Maria Barbosa e Hélio Afonso, com muito carinho.

Aos meus irmãos Davi, Yara e Javé, cunhadas e sobrinho (as) pelo apoio.

Ao noivo Marcelo, o meu amor, companheiro nesta jornada.

Sempre me compreenderam e me apoiaram.

Lembrando que a vida é efêmera, mas o amor... eterno!

“Assim diz o Senhor: os teus sonhos são meus, teus problemas são meus, tua vida também é minha. Eu de ti cuidarei, nunca te deixarei, os teus sonhos eu realizarei”.

Chris Durán

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é o único tesouro dos humildes”.

William Shakespeare

Agradeço pelos sonhos realizados, pelas conquistas alcançadas e pela alegria em poder compartilhar as vitórias ao lado daqueles que tanto amamos. Assim, gostaria de agradecer primeiramente a Deus por permitir que eu chegasse até aqui, concluindo mais esta etapa tão importante em minha vida.

Agradeço a todos que caminharam comigo nesta jornada, pelo incentivo, apoio, abraços e palavras de força dessas pessoas tão especiais que contribuíram muito para o meu caminhar, a evolução de cada passo, me estimulando a vencer cada desafio.

De uma forma muito especial quero agradecer à minha orientadora Professora Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura, com quem aprendi que ser mestre é ir além da sala de aula numa dedicação que não tem dia e nem hora, que mesmo nesse tempo de pandemia a qual estamos enfrentando, sem poder nos encontrar fisicamente, sempre esteve comigo, pronta a me atender (*e-mail*, telefone, *WhatsApp* e outros recursos), direcionar, incentivar e orientar nesta jornada me fazendo sempre acreditar no meu sonho e na capacidade de realizá-lo. Peço a Deus que continue sempre abençoando seu caminho com muita luz, alegria e paz. A você, minha eterna gratidão professora!

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO - por mais esta oportunidade em minha vida, à professora e coordenadora do mestrado Dra. Thaís Marinho, que desde o início me recebeu no curso com muito carinho, me incentivando e direcionando para os estudos, a todos os docentes das disciplinas ministradas no curso de Pós-Graduação, aos participantes das bancas, dos seminários, congressos, minicursos, colóquios e jornadas científicas que muito contribuíram para as minhas leituras e escritas de fichamentos, *power point*, resumos, artigos e capítulos de livros.

Agradeço de todo coração aos meus pais Hélio Afonso de Meneses e Maria Barbosa de Meneses, e aos meus irmãos Davi, Javé e, principalmente, à minha irmã Yara Beatriz, que sempre estiveram comigo nos momentos em que mais precisei de força, estímulo e atenção. Agradeço às minhas cunhadas e sobrinho (as) pela

compreensão, por muitas vezes não poder estar presente nos momentos de convivência, pois sei que de vocês também vem incentivo e força para prosseguir nessa caminhada. Agradeço pelo chá e frutas, que minha mãezinha sempre trazia quando estava sentada à mesa dedicando a minha dissertação para chegar à finalização deste trabalho. Ao meu noivo Marcelo Rodrigues Silveira, pelas leituras de cada etapa escrita, a quem subtraí tantos momentos de nosso convívio, e que me apóia sempre e me dá força de seu amor e companheirismo.

A todos os meus amigos e colegas de curso que foram capazes de perceber a pouca disponibilidade de tempo que por vezes demonstrei. E em especial à minha amiga Ismeinem Vieira, que conheci no decorrer do curso do mestrado, pela amizade sincera, conselhos, conversas e ajuda na pesquisa de campo virtual proporcionando aos participantes o acesso ao *link* a fim de responder o questionário.

Agradeço a todos, também pelos momentos animados de descontração que me proporcionaram mesmo em plena pandemia nas conversas pelo *WhatsApp*, pois também foi imprescindível na execução deste estudo, meus eternos agradecimentos por toda força que me deram nessa caminhada, por todas palavras de fé, pelos sorrisos e pelos choros compartilhados. Vocês são presentes de Deus na minha vida!

Aos componentes trindadenses, que responderam ao questionário de forma satisfatória para a pesquisa de campo, pude compreender o pensamento e comportamento de cada um sobre a Festa do Divino Pai Eterno, pois sem eles não teria como concluir esta dissertação.

O meu profundo agradecimento a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Gratidão por me ajudarem a cultivar mais uma semente em meu sonho.

A todos, muito obrigada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Santuário do Divino Pai Eterno.	29
Figura 2 - Sala dos Milagres em Trindade.....	30
Figura 3- Igreja Matriz do Matriz do Divino Eterno ou “Igreja Velha”	32
Figura 4 - Desfile de Carros de Boi.	33
Figura 5 - Medalhão de barro que deu origem à tradição de fé em Trindade-GO.....	77
Figura 6 - Imagem do Divino Pai Eterno, esculpida em madeira pelo Artista Plástico Veiga Valle.	79
Figura 7 - Faixa etária dos sujeitos participantes da pesquisa.	82
Figura 8 - Religião dos sujeitos participantes da pesquisa.....	84
Figura 9 - Identificação do nível de escolaridade dos sujeitos participantes da pesquisa.....	84
Figura 10 - Quantos anos os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.....	87
Figura 11 - Gênero dos sujeitos participantes da pesquisa.....	91
Figura 12 - Identificar como esse sujeito participa da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.	94
Figura 13 - Estrutura da programação e trajeto da Nova Rodovia dos Romeiros/2013.	97
Figura 14 - Identificar como esse sujeito se sente participando da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.	101
Figura 15 - Números de participantes que concordaram participar da pesquisa.....	122
Figura 16 - Estado civil dos sujeitos participantes da pesquisa.....	123
Figura 17 - Identificação da cor e/ou raça dos sujeitos participantes da pesquisa..	123
Figura 18 - Carreiródromo/2022.	125
Figura 19 - Zé Capeta – Tocador de Berrante/2022.....	125
Figura 20 - Romeiro/2022.	125
Figura 21 - Festa do Divino Pai Eterno – Trindade/GO/2013.....	126
Figura 22 - Comércio na Festa do Divino/2019.	126
Figura 23 - Portal da Fé - Trindade/2019.	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária dos participantes da pesquisa.	83
Tabela 2 - Religião e escolaridade dos participantes da pesquisa.....	85
Tabela 3 - Quantos anos os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.....	87
Tabela 4 - Como os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.....	94
Tabela 5 - Qual é a forma de participação dos sujeitos na Festa do Divino Pai Eterno.....	95
Tabela 6 - Programação Especial das atividades realizadas.	99
Tabela 7 - Como os participantes da pesquisa se sentem participando da Festa do Divino Pai Eterno.....	102
Tabela 8 - Estado civil e raça dos participantes da pesquisa.	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: DISCUTINDO O PATRIMÔNIO	23
1.1 O PATRIMÔNIO IMATERIAL	30
1.1.1 As festas populares como patrimônio imaterial.....	37
CAPÍTULO 2: AS FESTAS POPULARES NO BRASIL	43
2.1 AS FESTAS COMO REGISTROS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA COLETIVA.	54
2.2 MEMÓRIA E A REPRESENTAÇÃO NAS FESTAS POPULARES	59
2.3. AS FESTAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE	67
2.3.1. As festas religiosas: o caso da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade	72
CAPÍTULO 3: OS TRINDADENSES, OS FIÉIS E A FESTA DO DIVINO	81
3.1. HOMENS E MULHERES COMO PATROCINADORES DA FESTA DO DIVINO.	85
3.1.1 Homens e mulheres como organizadores da festa	88
3.1.2 A programação da festa do Divino: participação dos homens e mulheres.	96
3.2 AS SOCIABILIDADES NOS ESPAÇOS DE TRABALHO DA FESTA DO DIVINO	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	120
ANEXO A - QUESTIONÁRIO.....	120
ANEXO B – DADOS COMPLEMENTARES DA PESQUISA DE CAMPO	122

RESUMO

A pesquisa tem por propósito estudar o Patrimônio Cultural Imaterial da cidade de Trindade, mais especificamente, compreender as dinâmicas na participação dos trindadenses e organização da Festa do Divino Pai Eterno, entendendo-a como espaço de sociabilidades e valorização dessa tradição. Contudo, o recorte temporal desta pesquisa será a partir de 2013, data essa que foi reconstruída e inaugurada a nova rodovia dos romeiros até 2019. Neste período há um aumento significativo de fiéis em direção a essa cidade devido à facilidade, conforto e segurança neste trajeto de fé e devoção, percorrendo a distância de 18 km do trevo de Goiânia até o Santuário da Basílica. A Festa do Divino Pai Eterno é uma festa religiosa que acontece na cidade de Trindade a partir do primeiro domingo de julho de cada ano, sendo atualmente a segunda maior festa religiosa do Brasil em público presente, atraindo cerca de 2,5 milhões de visitantes nos 10 dias de celebração, que está ligada à sua crença, onde envolve a tradição das práticas e celebrações religiosas, no que tange à religiosidade e o imaginário da fé. Desde a descoberta do medalhão de barro, por volta de 1840, os romeiros devotos do Divino Pai Eterno se deslocam de suas cidades, movidos pela fé em carros de boi ou até mesmo a pé em direção ao Santuário Basílica do Divino Pai Eterno em Trindade, um lugar de onde os fiéis buscam paz e sentido para vida, alívio para as dores e agradecem as graças recebidas. Para atingir esse propósito realizou-se pesquisa quantitativa e qualitativa, por meio do levantamento bibliográfico, artigos, fotografias, entrevistas (questionário virtual), acervo documental e observação participante sobre a importância do impacto das dinâmicas na memória e na cultura que faz parte do Patrimônio Cultural no processo de participação e organização da Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade. Obtendo como resultado que apesar das modificações ocorridas no decorrer dos anos, a tradição e a fé dos devotos da cidade de Trindade permanece. Concluindo que cada sujeito participante atua na organização de forma diferente, mantendo viva a grande Festa do Divino Pai Eterno.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Dinâmicas Sociais. Festa Religiosa. Memória. Trindade.

ABSTRACT

The research aims to study the Intangible Cultural Heritage of the city of Trindade, more specifically to understand the dynamics in the participation of the Trindadens and the organization of the Festa do Divino Pai Eterno, understanding it as a space for sociability and appreciation of this tradition. However, the time frame of this research will be from 2013 onwards, the date that the new highway for pilgrims was rebuilt and inaugurated until 2019. During this period, there is a significant increase in the number of faithful towards this city, due to the ease, comfort and safety in this journey of faith. and devotion, covering the distance of 18 km from the Goiânia interchange to the Basilica Sanctuary. The Festa do Divino Pai Eterno is a religious festival that takes place in the city of Trindade from the first Sunday of July of each year, being currently the second largest religious festival in Brazil in public, attracting about 2.5 million visitors in the 10 days of celebration, which is linked to their belief, which involves the tradition of religious practices and celebrations, regarding religiosity and the imagination of faith. Since the discovery of the clay medallion, around 1840, pilgrims devoted to the Divino Pai Eterno move from their cities, moved by their faith, in ox carts or even on foot towards the Basilica Sanctuary of the Divino Pai Eterno in Trindade, a place from where the faithful seek peace and meaning for life, relief from pain and give thanks for the graces received. To achieve this purpose, quantitative and qualitative research was carried out, through a bibliographic survey, articles, photographs, interviews (virtual questionnaire), document collection and participant observation on the importance of the impact of dynamics on memory and on the culture that is part of the Cultural Heritage in the process of participation and organization of the Festa do Divino Pai Eterno in the city of Trindade. As a result, despite the changes that have taken place over the years, the tradition and faith of the devotees of the city of Trindade remains. Concluding that each participating subject acts in the organization in a different way, keeping alive the great Feast of the Divine Eternal Father.

Keywords: Cultural Heritage. Social dynamics. Religious Party. Memory. Trinity.

INTRODUÇÃO

Que o sentido da referida preservação do patrimônio “não é pela materialidade existente, mas pela representação, evocação ou memória que lhe é inerente” (SOUZA FILHO, 2006, p. 53).

No final do mês de junho, e início de julho de todos os anos, vários romeiros se deslocam de suas cidades para Trindade, em Goiás, para a Festa do Divino Pai Eterno, movidos pela fé, em seus carros de bois, de carro ou até mesmo a pé, onde homens e mulheres participam desse evento. Esse acontecimento tem origem na década de 1840, quando foi encontrado o medalhão da Santíssima Trindade no Arraial do Barro Preto por Ana Rosa e Constantino Xavier, desde então, se iniciou um movimento de devoção a essa imagem.

No final do século XIX, esse evento passou por um processo de institucionalização, e com o passar dos anos se consolidou e continuou expandindo, ainda que sofrendo várias modificações e assumindo novos traços, que neste contexto, a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros é considerada um grande marco. Percebe-se também com este estudo que existem outros fatores que tem modificado essa festa. Segundo Calácio (2014), o sagrado e o profano confundem-se na celebração, de um lado as novenas, missas, e de outro, a programação não religiosa como as barracas comerciais, parques de diversões, jogatinas e desfile de carro de bois.

A pesquisa tem como objetivo principal abordar quais são as participações e o papel de homens e mulheres nas dinâmicas sociais dos trindadenses em relação à Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade - GO, em uma cultura familiar que se verifica a permanência de novos e antigos valores, podendo ser influenciada e transformada, perpassando pelas dinâmicas, com recorte temporal a partir de 2013, quando foi reconstruída e inaugurada a nova rodovia dos romeiros até 2019.

Entende-se que essa rodovia é um espaço de sociabilidades e de valorização dessa tradição, e que com a sua construção houve também um aumento do número de romeiros em direção à Festa do Divino Pai Eterno. Essa importância se dá devido ao sentido de pertencimento a essa tradição religiosa, podendo sentir orgulho de fazer parte dessa cultura, elevando assim o senso de preservação do patrimônio cultural.

A fé de um povo festejando o Divino Pai Eterno, por meio das dinâmicas de participação social, nos remete também a uma documentação histórica e cultural capaz de revelar ao historiador/a, a dimensão da importância da relação das pessoas com Deus, a presença do milagre, do sagrado na vida cotidiana, as modificações ocorridas nesse recorte temporal e a organização desse evento, favorecendo o conhecimento e estudo das atitudes religiosas populares e suas dinâmicas.

No decorrer deste estudo percebe-se o quanto as temáticas pesquisadas têm relação comigo, elas fazem parte da minha vivência, pois o ambiente religioso católico sempre foi para mim um espaço familiar. Escrever sobre a Festa do Divino Pai Eterno, enquanto patrimônio cultural imaterial, e abordar sobre a participação dos trindadenses, desperta em mim percepções nunca antes exploradas, lembranças nunca antes experimentadas.

Após me formar em Artes Visuais (Licenciatura), e estar nesta jornada no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História sinto mais provocada a compreender que existem outros fatores que envolvem a organização dessa festa, portanto, esta pesquisa irá contribuir muito para minha formação acadêmica e pessoal.

Embora esse tema já tenha sido trabalhado por vários/as pesquisadores/as, como a autora Lorrana Laila Silva de Almeida (2020) em sua dissertação com o tema “Daí pra cá é meu”, que analisa como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO a partir das relações estabelecidas entre os grupos investigados (comerciantes, moradores, poder público, peregrinos); e os autores Corcinio Junior (2020) e Givaldo Ferreira (2020) com a tese “Arte e devoção: ex-votos pictóricos do Divino Pai Eterno (Trindade/GO, séculos XX e XXI)”, que apontam o diálogo e as apropriações simbólicas presentes entre as práticas de arte popular, traçando a presença da narrativa e das apropriações da memória que os devotos, por meio da arte, registram seus livramentos, desafios superados e conquistas obtidas sob os auspícios do Divino Pai Eterno. Certamente existem muitos outros estudos sobre essa tradição.

A perspectiva teórica, metodológica que será abordada trará outras contribuições, com novas formas de compreensão sobre a Festa do Divino Pai Eterno. Pois esta pesquisa é bastante relevante, não possui nenhuma abordagem da espacialidade temporal do Patrimônio Cultural Imaterial da cidade Trindade e das

dinâmicas ocorridas após a reconstrução e inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros. Pois será abordada a importância do comportamento dos trindadenses na participação e organização dessa festa, neste recorte temporal.

Como Vilhena (2003, p. 19) relembra, “[...] a festa não começa com a chegada dos convidados, mas com os preparativos, assim também a peregrinação não começa com a partida, mas com seu anúncio, seu advento”.

Existe um processo de preparação e organização dessa festa, mesmo com todas as dinâmicas ocorridas após a inauguração da nova rodovia dos romeiros.

Sendo assim, esta pesquisa nos traz novos dados que poderão preencher lacunas historiográficas, entre elas, a importância do patrimônio cultural de Trindade como parte da história da comunidade e da memória social, que se busca identificar as dinâmicas sociais dos homens e mulheres na Festa do Divino Pai Eterno, estudando os impactos das dinâmicas e percebendo a importância da participação desses trindadenses na organização da Festa do Divino como espaço de sociabilidade e valorização desta tradição.

Esta pesquisa está vinculada no campo da história cultural na linha de pesquisa Patrimônio Cultural e Território, cujo tema é “Patrimônio Cultural de Trindade, Goiás: Festejando o Divino Pai Eterno e as Dinâmicas de Participação Social”, que a princípio recorro aos seguintes autores: Brandão (2015), Geertz (1989), Parker (1996), Pessoa (2005) e Rosendahl (2002) buscando compreender sobre as manifestações culturais e suas interrelações, proporcionando elucidar sobre a importância da Festa do Divino Pai Eterno, mesmo perpassando pelas dinâmicas ocorridas, como exemplo de criação desse universo de relações sociais. Ali se juntam vários romeiros devotos e carreiros (dos carros de boi) de várias cidades regionais em que se percebe a religião como elemento relevante na socialização, aglomeração de povoados em uma região.

Transcendendo assim o lugar habitado, podendo influenciar por meio da fé e devoção outras cidades e povoados, sendo, portanto, uma cidade religiosa, que é a base das manifestações culturais que mantêm o ajuntamento das pessoas por meio dessa festa tradicional. No qual, alguns elementos da cultura são considerados como patrimônio de uma sociedade tornando-se importantes para as pessoas que fazem parte dela, pois na relação com o patrimônio é que se resgata a história e memória de um povo e nas dinâmicas ocorridas é que percebemos mudanças que podem ou não ocorrer em sua trajetória.

No decorrer desta pesquisa traçaram-se algumas hipóteses, entre elas: que a festa do Divino Pai Eterno, os Romeiros e a Romaria de carros de boi são uma prática do catolicismo popular inserida na cultura popular, em que os impactos causados a partir da construção da nova rodovia dos romeiros impulsionam ainda mais a continuidade da festa e a cerimônia religiosa. Apesar da inovação trazida pela nova Rodovia dos Romeiros, a Festa Religiosa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade ainda é marcada por símbolos e elementos patrimoniais ativos na memória.

Após a inauguração da nova rodovia dos romeiros, com as práticas novas assumindo a vida contemporânea, existe àqueles que ainda vão pela fé (sacralidade), em busca de rezas e votos e aqueles que são atraídos para os festejos (profanidade), o forró, as barraquinhas que servem bebidas e proporcionam jogos e comércio.

Apesar da modernização de alguns costumes nas festas a tradição está sempre presente, sendo passada como herança de geração em geração, como na busca de um conforto em uma oração na novena, a entrega de um ex-voto no altar da Basílica ou até mesmo nas brincadeiras da festa no espaço profano. Sendo que cada um desses elementos remete à memória e ao pertencimento de cada um dos romeiros, assim, entendem-se essas manifestações como patrimônio cultural e imaterial.

Com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros, realizada no ano de 2013 e com o aumento do número de fiéis, pode se distinguir o turista religioso do peregrino pela vivência e percepção do sagrado nos lugares de devoção. Os devotos valorizam os símbolos e os rituais presentes na devoção, que são ignorados pelos turistas que não conseguem decodificá-los. Ambos estão presentes no mesmo tempo e espaço, mas com olhares e ações diferentes.

A média estimada para o ano de 2019 foi de 3 milhões de fiéis. Rosendahl (2006; 2009) afirma que a peregrinação é pautada na dificuldade física, no sofrimento, no sacrifício, na separação do indivíduo de sua moradia. Além disso, a romaria prevê a prática religiosa durante o deslocamento até a chegada ao destino conferindo à viagem um sentido espiritual aproximando o fiel do ser sagrado.

A romaria é momento de encontro. Muitos passam o ano inteiro sem se comunicarem e se reencontram na rodovia dos romeiros durante a peregrinação e os dias de festa. O trajeto é marcado por rezas, diversão, doação física e devoção.

Destaca-se por relação de troca não somente pelo fato da comercialização e de bens e serviços, mas também troca sua devoção pela graça concebida pelo Santo. Os romeiros trocam experiências ao longo do caminho, o comerciante troca bens e serviços pela moeda, e a instituição é quem cuida do espaço público em troca do reconhecimento popular.

Metodologicamente, realizou-se pesquisa bibliográfica, qualitativa e quantitativa com o objetivo de estudar a festa do Divino Pai Eterno como patrimônio imaterial, procurando identificar e analisar os impactos das dinâmicas sociais na organização, especificidades e participação dos trindadenses entendendo-a como espaço de sociabilidades e valorização desse patrimônio.

Esta pesquisa foi realizada por meio de um levantamento de dados utilizando-se como fonte principal os livros técnicos de autores que tratam do assunto em questão e como fonte complementar os artigos acadêmicos, fotografias, dossiê, acervo documental e entrevistas (questionário virtual) devido ao momento de pandemia a qual estamos vivenciando. Os contatos (trinta e cinco *e-mails* e *WhatsApp*) dos entrevistados foram fornecidos para este projeto por uma pessoa que conheci no decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa que nasceu e reside na cidade de Trindade.

Os principais autores utilizados na pesquisa foram: Bezerra (2008), Brandão (2015), Brasil (1988), Calvente (2004), Castells (2000), Correa (2016), Durkheim (1996), Geertz (1989), Gil (2006), Minayo (2007), Navarro (2006), Halbwachs (2003), Pessoa (2005), Parker (1996), Ribeiro Junior (1982), Rodrigues (1999), Rosendahl (2002) e Souza Filho (2006). Os autores contribuem nos permitindo compreender melhor sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, e o comportamento dos 35 entrevistados que representarão a população de Trindade na participação e organização da Festa do Divino, no recorte temporal a partir de 2013.

Sendo assim, esta pesquisa será qualitativa, escolho essa metodologia por considerá-la mais adequada para a compreensão dos acontecimentos, bem como os significados que as pessoas dão aos fenômenos (GIL, 2006, p. 12). E por permitir o acesso a um nível de realidade social que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo de crenças, valores significados e outros construtos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, p. 27).

Minayo (2007, p. 308) ressalta que a consistência interna conseguida através de múltiplas abordagens metodológicas é quase o único teste que temos para a

validade das pesquisas qualitativas. Portanto, em todos os sentidos, os documentos pessoais entram no interior de um conjunto abrangente de estratégias de compreensão da realidade. Caracteriza por ser uma pesquisa que tem por interesse a análise e a interpretação de elementos que não estão claramente explícitos, mas que influenciam de forma significativa o comportamento humano (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Duarte (2002) salienta que as pesquisas qualitativas geralmente são caracterizadas pela realização de entrevistas, as quais devem ser aplicadas a partir da definição de critérios para seleção adequada dos sujeitos a serem analisados. Por sua vez, a presente pesquisa partiu da escolha por *e-mail*, contemplando os sujeitos que conseguiram responder todas as questões com qualidade de informações apresentadas aos problemas investigados, possibilitando ao investigador pesquisador uma construção analítica levando a uma reflexão e compreensão do problema investigado.

Assim, ao iniciar a trajetória da pesquisa de campo optou-se pelas abordagens quantitativa e qualitativa por meio das entrevistas dos 35 trindadenses. A abordagem quantitativa apresentam-se as porcentagens em gráficos coletados ao traçar o perfil dos sujeitos participantes. Na abordagem qualitativa foi realizada a coleta dos dados pelas pesquisadoras no ambiente virtual por meio de *links*, *e-mails* e *WhatsApp*, que possibilitou o estudo e análise das respostas dos trindadenses, em que foram registrados resultando em gráficos e dados, via *Google Forms*.

Segundo Flick (2009), os métodos qualitativos e quantitativos devem ser considerados como campos complementares na tentativa de conectar essas duas abordagens, com a Análise de Conteúdo que será considerada neste estudo, visto que possibilita a explicitação e a sistematização do conteúdo das pesquisas a partir de índices passíveis de quantificação.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) e Pessoa (2012) destacam que os resultados oriundos da investigação qualitativa estão baseados nas crenças, percepções, sentimentos e valores dos sujeitos e, portanto, há um sentido na maneira como eles se comportam, uma significância que passa a ser revelada ao passo que as ações e fenômenos do ser são analisados mais profundamente, já que não são conhecidos de forma imediata.

Fraser e Gondim (2004) atentam que na realização de entrevistas estruturadas o pesquisador deve planejar de maneira antecipada como será o

desenvolvimento do diálogo a ser estabelecido entre ele e o sujeito pesquisado, justamente pela possibilidade de ocorrência de eventos inesperados durante sua execução.

Foram utilizadas como instrumentos para coleta dos dados, entrevistas estruturadas orientadas por um roteiro, contendo perguntas previamente estabelecidas com intuito de auxiliar a pesquisadora a conduzir os questionamentos para obter informações relevantes que contribuirão muito para a construção de um estudo de grande valor. Esse questionário foi realizado conforme assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante. Destaca-se, ainda, que esta pesquisa está aprovada no Comitê de Ética pela Plataforma Brasil, com o Parecer nº 4.999.297.

Foi inserido como resultado da pesquisa as tabelas e gráficos, com cores correspondentes aos dados em porcentagem e quantidade ordenadas possibilitando assim uma organização e interpretação do trabalho na coleta de dados de forma clara e objetiva.

Para Bardin (2011), a análise qualitativa dos dados permite realizar um estudo pormenorizado dos temas que indica quais valores e concepções estão presentes nas narrativas. Assim, o presente estudo busca elaborar uma síntese interpretativa sobre cada categoria e estabelecer diálogos, reflexões e relações com a pesquisa sobre a participação dos trindadenses na Festa do Divino Pai Eterno.

O autor aponta que a abordagem quantitativa se funda na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem, o que possibilita a descrição dos dados por meio de um método estatístico, sendo, portanto, uma análise mais objetiva.

A pesquisadora seguiu os procedimentos e atendimentos do Comitê de Ética, assim que o projeto obteve o parecer aprovado iniciou-se um diálogo virtual e a distância.

Buscou-se por meio dos investigados perceber as diferentes opiniões acerca do tema trabalhado, a partir da análise dos conteúdos dos dados obtidos da abordagem de cada um.

Apresenta-se como critério de seleção dos 35 entrevistados: homens e mulheres, que residiam na cidade e participavam de alguma forma contribuindo para a realização desta Festa do Divino Pai Eterno, como patrocinadores, organizadores

ou voluntários, representando a população de Trindade, conforme o último censo (2021) com 132.006 habitantes.

A coleta dos dados ocorreu do dia 06 a 28, no mês de outubro de 2021, com a participação efetiva de 35 moradores como descrito anteriormente, nascidos na cidade de Trindade-GO, com 100 % das respostas concluídas.

Essa busca teve o apoio de uma amiga que nasceu e reside em Trindade, pois foi quem conseguiu os e-mails dos trindadenses, para os quais eu passei o *link* do questionário respondido. Elaborou-se um questionário desdobrando em duas partes, para que a coleta de dados seja precisa e que tenha dados para compreender e analisar o universo dos trindadenses, sobre a suas dinâmicas de participação na Festa do Divino Pai Eterno no período da inauguração da nova Rodovia dos Romeiros, no recorte temporal a partir de 2013.

O armazenamento de dados foi realizado pelas pesquisadoras por *download*, os dados da pesquisa não foram disponibilizados ou arquivados em qualquer nuvem virtual, as respostas foram devidamente preservadas e conservadas em forma de arquivos no word e em PDF. Destaca-se que identificação dos entrevistados será por números, preservando assim o anonimato dos participantes na construção desta narrativa.

A primeira parte do questionário teve como proposta o levantamento de dados do perfil dos sujeitos pesquisados (traçando assim o perfil de cada um), sendo um questionário de perguntas fechadas (em anexo), obtendo o quantitativo de participantes, apresentados por gráficos e percentagens. Como naquele momento vivemos dias de isolamento social por conta da Covid-19, o questionário foi realizado no ambiente virtual de forma on-line, ou seja, respeitando a biossegurança dos entrevistados e pesquisador, como consta na lei n. 13.979 no decreto estadual de n. 9.653 nota técnica de nº: 11/2020¹.

A segunda parte do questionário foram abordadas questões abertas considerando viabilizar os temas propostos no projeto, como consta no final do mesmo (em anexo). A proposta das questões do questionário contendo perguntas fechadas e abertas foram realizadas no aplicativo “*Google Forms*”². A realização

¹ Nota Técnica SES – GO.

² *Google Forms* refere-se a um aplicativo de gerenciamento em pesquisas que podem ser utilizados por usuários com a finalidade de coletar informações e dados sobre os indivíduos para pesquisas a fins, em forma de questionários abertos ou fechados e formulários de registros, sendo que os

desta pesquisa, através do formulário virtual contendo questões, é uma alternativa amplamente utilizada. A criação desse formulário eletrônico é um facilitador neste momento em que estamos passando pela pandemia, pois não há possibilidade de ir a *loco* para pesquisa. Esse formulário foi distribuído aos entrevistados, posteriormente houve uma organização e análise precisa dos dados coletados.

Percebe-se que a pesquisa virtual também apresenta várias vantagens associadas à utilização do formulário eletrônico quando comparado ao formulário convencional (com utilização de papel), entre elas, a facilidade na busca de dados, a utilização de armazenamento físico diminuto e distribuição fácil e rápida (ZANINI, 2007).

Google Forms é uma ferramenta que oferece suporte para a criação de formulários personalizados de forma simples e disponibiliza a apresentação dos dados em uma tabela e gráficos.

O campo da pesquisa é realizado na cidade de Trindade-GO, município do estado de Goiás, localizado na região Centro-Oeste do país. Pertence à mesorregião de Goiânia, localizada no oeste da capital do estado a 16 km dessa. Com uma área de aproximadamente 710.328km², é o oitavo município mais populoso do estado de Goiás, com 132.006 habitantes³ (conforme estimativas 2021), conhecida como cidade da fé, que nasceu a partir do encontro entre a fé e devoção. Trindade surgiu do município de Campinas que, em 1909, tinha como distrito Barro Preto. Foi fragmentado em 1920 quando mudou de nome em homenagem à história dos garimpeiros Ana Rosa e Constantino Xavier, casal que encontrou a medalha do Divino Pai Eterno, onde hoje se encontra atualmente o Santuário Basílica, templo o qual atrai grande quantidade de romeiros durante a Festa do Divino Pai Eterno.

A dissertação está constituída por três capítulos, que com as abordagens dos trinta e cinco trindadenses tem como intuito conhecer, aprofundar e analisar, tanto de forma histórica quanto interpretativa o patrimônio imaterial, a memória e as representações, as festas populares no Brasil e a atuação de homens e mulheres trindadenses na realização e organização da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO.

resultados dos mesmos podem ser compartilhados e transmitidos automaticamente. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Forms>. Acesso em: 05 ago. 2021.

³ Cf. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/historico> e IBGE (2021). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/trindade.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

O primeiro capítulo busca compreender os conceitos sobre Patrimônio e o Patrimônio Imaterial, apresentando as festas populares como patrimônio imaterial, enfatizando a importância e a participação de homens e mulheres nessa tradição. Esse capítulo contribui para esta pesquisa, pois é importante frisar que por meio do Patrimônio Cultural apresentam-se as tradições e saberes de determinado povo, preservando e valorizando os elementos culturais patrimoniais e mantendo viva sua identidade.

O segundo capítulo aborda sobre a pesquisa, o estudo do conceito e as narrativas sobre as Festas populares no Brasil como registro de sua história e memória coletiva, em sua tradição como representação e parte importante na preservação dessa memória, apresentando como um espaço de sociabilidade e pontuando as festas religiosas em que será explanado a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.

No terceiro e último capítulo compreende-se a programação da Festa do Divino Pai Eterno, o papel dos homens e mulheres como patrocinadores e organizadores dessa Festa, de que forma esses trindadenses atuam nesse processo e nessa tradição como espaço de sociabilidade e de trabalho.

Nas considerações finais possibilitou-se compreender melhor o papel dos homens e mulheres na participação e organização da Festa do Divino Pai Eterno, por meio das dinâmicas ocorridas no recorte temporal após 2013.

As narrativas dos sujeitos entrevistados na pesquisa de campo enriqueceram a escrita da dissertação. Esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar a análise diante do que foi proposto, visto que há muitas questões a serem abordadas, analisadas e discutidas sobre a temática assumida neste estudo. A pretensão desta pesquisa foi dar fala aos trindadenses por meio dos dados colhidos nas entrevistas realizada pela pesquisa de campo e com os estudos das referências, obtendo a compreensão de como eles atuam na participação e organização dessa festa, que falam da importância dos elementos religiosos, socioculturais que caracterizam essa festa na perspectiva da fé e na valorização do seu patrimônio cultural. Pontuam também a sua tradição que é repassada pelos antepassados e que ainda mesmo diante de todas as mudanças ocorridas após a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros, continuam passando para as gerações futuras.

CAPÍTULO 1: DISCUTINDO O PATRIMÔNIO

“O patrimônio é uma dimensão da memória” (CANDAU, 2016, p. 16).

Patrimônio vem do latim *pater*, que significa pai. Patrimônio é o que o pai deixa para seu filho. É relacionado com tudo aquilo que o pai transmitia para o seu filho, esse termo estava ligado à ideia de herança. No Brasil com a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, houve uma ampliação no conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nomenclatura Patrimônio Histórico e Artístico por Patrimônio Cultural Brasileiro.

Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento. Sobretudo, os de caráter imaterial, em que a definição institucional de patrimônio cultural reconhecida pela Constituição Federal de 1988, Artigo nº 216, se identifica como patrimônio cultural um conjunto de bens de natureza material e imaterial, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Incluindo assim as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; objetos, as obras, edificações, documentos e espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história e à memória desse povo como descrito no parágrafo anterior. A preservação desse patrimônio cultural significa manter vivo os bens aos quais esses valores estão associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar ou de um grupo social.

Ao longo do tempo, o entendimento do patrimônio apresentou novos elementos, que foram vinculados à ideia de nação e cultura. Poulot (2009, p. 199) afirma que a partir da década de sessenta a cultura sofre mudança em seu conceito, a sua definição não é mais canônica, transferida de geração em geração, é sim um conjunto de ideias de culturas múltiplas fortalecendo a pluralidade de identidades.

Cria-se, então, um universo simbólico característico aos patrimônios culturais, nos quais o valor nacional é o seu cerne (FONSECA, 2005, p. 29-31).

Essa nova ampliação do conceito de patrimônio cultural voltada para a participação da comunidade, é portadora de referência à identidade, à memória e à ação dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira. Sendo consolidado no Art. 216 da Constituição Federal de 1988, Fonseca (2005) afirma que na noção de Patrimônio Imaterial, a imaterialidade é relativa, “Patrimônio Intangível”, pintura, festa, rituais, culinária e outros, o que remete ao transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis.

Assim, nesse contexto, os processos de preservação do patrimônio mantêm viva a memória de um grupo, podendo tanto agregar um determinado grupo, como ela pode também esquecer muitos outros.

O patrimônio em Trindade são todas as manifestações e expressões que a comunidade cria ao longo dos anos, que são acumuladas de geração em geração. Cada geração as recebe, usufrui e modifica de acordo com sua necessidade e história vivida. Patrimônio cultural não são bens herdados somente do passado, são também aquelas produzidas no presente (COELI, 2015, p. 124).

O patrimônio também está relacionado diretamente à ideia de propriedade, sendo denominada um dos universais da cultura humana, pois todos os povos de que se têm notícia conhecem alguma forma de propriedade, seja ela individual ou coletiva.

Pode-se dizer que propriedade é um tipo de criação social, pois a existência de um objeto em si não é suficiente para que ele seja relevante para o grupo social, mas é relevante a atribuição de valor socialmente construído a um conjunto de normas que regulam a sua permanência dentro do grupo, estabelecendo uma rede de relações entre as pessoas. Assim, a manutenção dos laços primordiais e os símbolos reforçam o sentimento de pertencimento e identificação de um povo com o estado.

Em 2001, a legislação patrimonial foi ampliada, levando-se em conta uma nova categoria de bens, que já fora pensada por Mário de Andrade em 1936, embora não houvesse até então uma previsão legal detalhada. O decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, institui o registro de bens culturais de caráter imaterial, criando um conjunto de livros de tomo.

Esta percepção daquilo que é sagrado e a seriedade de espírito que ela desperta é acompanhada pela atribuição de caráter sagrado aos poderes, transcendentes ou terrenos, que os homens consideram governar as suas vidas (SHILS, 1974, p. 401).

A citação acima nos remete que o bem decretado como representativo da cultura torna-se superior e emblemático. Assim, uma vez constatado o caráter sagrado da atribuição de valor patrimonial a um bem imóvel ou monumento público, observa-se que nesse processo de reconhecimento e identificação há uma relação de poder, hierarquizada, que estabelece competências e define saberes específicos.

Concorda-se que falar de hierarquização de bens culturais é admitir o espaço social como um espaço de relações de poder desiguais como construção histórica, religiosa e política. Nota-se que no cotidiano das pessoas, em todo momento, há um processo de seleção e hierarquização das escolhas e os posicionamentos são definidos como um lugar no universo social.

Cruz, Meneses e Pinto (2008) frisam que é notório que o patrimônio cultural se refere, direta e indiretamente, ao passado. Assim como a tradição é sempre construído a partir do presente, e reconfigurado em suas práticas e simbologias no tempo-espaço. e

Os autores pontuam que durante muito tempo o termo era entendido como coletivo das obras monumentais, tida como noção de patrimônio histórico. Mas esse conceito em algumas décadas foi alargado com inclusão do aspecto cultural e das “dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos intangíveis” (PELLEGRINO, 2003, p. 1), levando a transição da noção de patrimônio histórico para patrimônio cultural.

Gonçalves (2009) nos proporciona uma reflexão crítica sobre a categorização simples ou reducionista do termo Patrimônio. Ele afirma que o termo “patrimônio” está presente no cotidiano, como patrimônio econômico, financeiro, imobiliário, culturais, arquitetônicos, histórico, artístico, etnográfico, ecológico, genético, sem falar dos patrimônios intangíveis.

A grande importância e responsabilidade dos antropólogos nessa tarefa de registro e tombamento dos inúmeros patrimônios existentes no país. Fica claro o cuidado que se deve ter com o alargamento da categoria Patrimônio Cultural, como também com a banalização desse termo, quando qualquer “coisa”, pode se tornar a ser patrimônio. Concluindo que o que determina a singularidade de uma comunidade é o conjunto dos “saberes e fazeres” das pessoas que nela estão inseridas.

Há muitos anos já vem sendo discutido os conceitos de patrimônio e a sua classificação em tangível e intangível, ou material e imaterial. Como afirma Gonçalves (2009), “opondo-se ao chamado ‘patrimônio de pedra e cal’, [...] visa a aspectos da vida social e cultural, dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais”. Para ele, a categoria “intangibilidade” traz um novo horizonte de noções e ideias sobre a categoria “patrimônio”, no qual os antropólogos são aqueles que estão à frente.

Nesse momento, com a ampliação do conceito da categoria patrimônio, Gonçalves afirma que a categoria patrimônio reside na ambiguidade da noção antropológica de cultura e que está exposta permanente às mais diversas interpretações. Nesse sentido que a categoria Patrimônio Cultural deve ser pensada enquanto uma categoria etnográfica, sempre tomando o outro como parâmetro de suas análises. Em que o historiador também atua no pensar criticamente sobre como as políticas públicas voltadas para o patrimônio têm impactado as práticas culturais daqueles que são objetos e alvo das mesmas.

Ficando assim evidente a importância e a responsabilidade dos antropólogos e historiadores nessa tarefa, que não é tão simples.

Segundo Possamai (2000, p. 21), o patrimônio apresenta-se

[...] como documento da sociedade, inegável a relevância que este tem, independente dos grupos, classes ou etnias que ele venha a representar ou ainda dos períodos históricos a que se refere, por mais sombrios que esses possam ser (POSSAMAI, 2000, p. 21).

Como já foi mencionado anteriormente, mas com grande importância frisar, o Patrimônio Cultural pode ser apresentado como Patrimônio Imaterial, Patrimônio Material, Patrimônio Artístico, que reúne dimensões históricas e arte, bens artísticos e Patrimônio Natural referente aos bens naturais de uma região.

O conceito de patrimônio, entretanto, não é estático, adquiriu novas transformações de valores simbólicos essenciais à categoria de pensamento, incorporando outras dimensões histórica e artística. Conforme afirma Poulot (2009, p. 14), “na virada do séc. XX para XXI, o patrimônio vem como algo que deve contribuir para revelar a identidade de cada um”.

Patrimônio histórico. A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias,

constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos (BOSI, 1994, p. 26).

Segundo Choay (2006, p. 11), a expressão “patrimônio histórico” remete à instituição e a uma mentalidade. Ambas apontam para o desejo de estabilidade que compõe as construções identitárias. As edificações como bens ocupam um lugar privilegiado na ideia de patrimônio e que a concretude dessas, avaliadas como monumentos históricos atesta o estatuto ontológico do passado, a dimensão do tempo que viveu coletivamente e consolida coesões grupais.

É importante pontuar que toda paisagem no interior da qual se desenvolvem relações humanas cumpre a função de identidade, mas que sua condição de bem material privilegiado não lhes confere exclusividade na evocação do passado coletivo.

Concordo com a citação de Bossi (1994, p. 26), pois o que determina se um bem cultural é ou não patrimônio histórico cultural é a sua relevância histórica para a formação identitária de um povo e a importância da preservação desse bem, para que ocorra uma manutenção cultural dessa comunidade.

Souza (2008), assim como Gonçalves (2009), apresenta o mesmo pensamento que pontua sobre o processo de ampliação da concepção de patrimônio cultural e as suas principais repercussões na prática. Souza (2008) ressalta que o patrimônio cultural sempre foi valorizado sob o ponto de vista material como exemplo as igrejas, monumentos, centros históricos, obras, objetos, bens intangíveis e outros que apresentam características rurais, históricas, artísticas, paisagísticas, arqueológicas e/ou arquitetônicas.

Ele afirma que o patrimônio cultural imaterial, representado pelas manifestações culturais, pelos costumes de um povo, pela comida, modos de criar, fazer e viver foi por muito tempo esquecido.

Fonseca (2005) aborda o conceito de “Patrimônio histórico e artístico” como um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou constituir de obras de arte, ou por terem sido palco de eventos marcantes, mencionado em documentos e nas narrativas dos historiadores.

A construção do que chamamos de patrimônio histórico e artístico nacional partiu de uma motivação prática do novo estatuto de propriedade dos bens

confiscados e de uma motivação ideológica, da necessidade de ressemantizar esses bens (FONSECA, 2005, p. 58).

A Constituição Federal de 1988 inovou ao prever a proteção do patrimônio cultural em suas diversas dimensões, inclusive a imaterial, de modo que fossem utilizados instrumentos como o inventário, o registro, a vigilância, o tombamento e a desapropriação, dentre outros.

A Carta Maior trouxe uma visão ampliada do patrimônio cultural, e com ela a necessidade de entendê-lo a partir dos processos culturais que regem as relações sociais humanas, e que são recriados baseados nas ideias de dinamicidade e fluidez, iniciando um novo processo no tratamento do patrimônio cultural.

Logo, é importante frisar sobre a história das ações patrimoniais no Brasil, em que os bens tombados após a década de 70 foram compreendidos como documentos que representavam grande valor cultural para a coletividade, dando importância à memória e identidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO passa substituir o conceito de “patrimônio histórico e artístico” pelo o conceito de “patrimônio cultural”. Assim há uma preocupação das sociedades modernas com o patrimônio que acabou rompendo com as bases aristocráticas e privadas do colecionismo, surgindo assim os Estados Nacionais.

Fonseca (2005, p. 59) afirma que “a noção de patrimônio se inseriu, portanto, no projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, e passou a servir ao processo de consolidação dos Estados-nações moderno”.

Segundo Poulot (2009, p. 12), “a história do patrimônio é amplamente a história da maneira como uma sociedade constrói seu patrimônio”. Com todas essas contribuições referenciais que citamos pontua-se que a própria sociedade de Trindade irá entender o que faz parte da identidade da comunidade, preservando assim o patrimônio, que passa ter sentido não como algo dado.

Então, conclui-se que a própria sociedade é quem diz o que faz parte da sua identidade para ser preservado. Portanto, a ideia de patrimônio cultural implica no valor que é atribuído a ele, justificando a sua importância para sociedade.

Todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade. A identidade cultural de um povo se renova e enriquece em contato com as tradições e valores dos demais. A cultura é um diálogo, intercâmbio de ideias e experiências, apreciação de outros valores e tradições; no isolamento, esgota-se e morre. O universal não pode ser postulado em

abstrato por nenhuma cultura em particular, surge da experiência de todos os povos do mundo, cada um dos quais afirma a sua identidade. Identidade cultural e diversidade cultural são indissociáveis (ICOMOS, 1985, p. 2).

Conforme a citação pode-se compreender a expressão da identidade cultural como um conjunto de referências culturais, em que a pessoa individualmente, ou em grupo, se define, se constitui e se comunica preservando sua dignidade. A cultura adquire várias formas através do tempo e do espaço.

Essa diversidade se manifesta na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade, que constitui o patrimônio comum da humanidade, reconhecida e consolidada para as gerações presentes e futuras.

O patrimônio da cidade de Trindade começa ser entendido não somente como elemento material produzido por um povo, como as igrejas, monumentos e imagens, mas também elementos não materiais ligados à tradição, crenças e conhecimento popular, como a festa, as missas, a romaria e tantos outros.

A cidade de Trindade surpreende pela riqueza de patrimônio cultural tanto material quanto imaterial, com a construção da Igreja Matriz (figura 1) ou “Santuário Velho”, os carros de boi e a sala dos milagres (figura 2) no qual estão os objetos deixados pelos devotos, como agradecimento ao pai Eterno, pelas graças alcançadas. É lá que estão guardados os registros de grandes bençãos, curas e livramentos recebidos pelos devotos do Pai Eterno.

Figura 1- Santuário do Divino Pai Eterno.



Fonte: Autora.

Figura 2 - Sala dos Milagres em Trindade.



Fonte: Eduardo Rodolfo Carvalhares (AFIPE).

Em 1989, a Conferência Geral da UNESCO⁴ adotou a recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, passando a contemplar a cultura popular e tradicional como formas de patrimônio, tendo em vista a fragilidade em que esses elementos se encontrariam ante à globalização.

Esse documento foi importante, pois iniciou a maneira como passou conceber o processo de proteção a expressões da cultura popular, aqui definida como “criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem a expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social” (UNESCO, 1989, p. 1).

1.1 O PATRIMÔNIO IMATERIAL

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, que junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais lhes são associados, as comunidades, grupos e os

⁴ UNESCO. Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, 1989. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.⁵ De acordo com documentos do IPHAN de 2012, o patrimônio imaterial

[...] cuida da preservação dos bens culturais de natureza imaterial, saberes artesanais e ofícios, como pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, mas também manifestos através das danças e músicas, incluindo também os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações religiosas, sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade (IPHAN, 2012).

Nesse sentido, a Festa do Divino Pai Eterno apresenta-se como um tipo de patrimônio cultural da região, estando associado a ela o catolicismo, um outro patrimônio humano, sonoro e religioso que também pode ser visto isoladamente, apresentando significados independentes. Tais fenômenos quando se interrelacionam tornam-se singulares: uma festa cheia de ritos e significados diversos.

O ato de festejar uma devoção religiosa remete ao patrimônio vivo, dinâmico e atualizado. Percebe-se, então, que a imaterialidade de patrimônio material está ligada aos valores atribuídos a algumas atividades na representação de si e de uma sociedade, já que a comunidade apresenta uma identidade ligada ao seu passado, como continuidade da memória coletiva. Nesse sentido, a preservação do patrimônio vem manter viva a identidade de um povo.

Fonseca (2001) destaca a importância da formulação e implementação das políticas, que tem como finalidade enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais sem perder de vista os valores que justificam a preservação. Também frisa que as políticas vão além dos conceitos, nelas formulam-se diretrizes, definem critérios e prioridades e realizam intervenções, embora mantendo sempre como parâmetro a tensão entre necessidade, demanda e recursos disponíveis.

A autora ainda afirma que os conceitos são imprecisos, sendo imperioso passar da teoria à prática, na esperança de que a experiência possa como de costume enriquecer a reflexão no diálogo sobre o processo de produção do conhecimento e de transformação da realidade.

Em Trindade observam-se patrimônios culturais religiosos como: A Igreja Matriz⁶ de Trindade, conhecida como Igreja Matriz do Divino Pai Eterno ou nomeada

⁵ Convenção de Paris de 2003.

de “Igreja Velha” (Figura 3), que foi inaugurada em 8 de setembro de 1912 pelo missionário redentorista Antão Jorge, considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 24 de setembro de 2014 (Patrimônio Cultural Material), e também a Romaria de Carros de Bois⁷ (Figura 4) da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, em Goiás, que foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, em 2016 e inscrita no Livro de Registro das Celebrações, cujo epicentro da Romaria é em Trindade, mas os devotos saem de diversas cidades de Goiás e de estados próximos, do Centro-Oeste e do Sudeste.

Desde o século XIX, milhões de devotos participaram da Festa que acontece, anualmente, na cidade de Trindade.

Figura 3- Igreja Matriz do Matriz do Divino Eterno ou “Igreja Velha”.



Fonte: trindadego.com.br

⁶ IPHAN. Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1331/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

⁷ AFIPE. História da Igreja Matriz de Trindade. 2021. Disponível em: <<https://www.paieterno.com.br/home-basilica/igreja-matriz/>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Figura 4 - Desfile de Carros de Boi.



Fonte: Eduardo Rodolfo Carvalhaes (AFIPE).

A Romaria dos Carros de Bois é também considerada um Patrimônio imaterial do município de Trindade, e também reconhecida nacionalmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A história dessa romaria começa no ano de 1988, idealizada por Benigno José Monteiro e Pedro Alves de Moraes, que deram início a um festival que denominado como “Festival do Carro de Boi”, em que havia premiações, contando com a presença e participação de vários carreiros.

Ao longo da história, o festival foi ganhando grande representatividade no cenário religioso de Trindade, tendo em vista que os carreiros vinham de longe, de várias cidades, realizando a romaria em devoção ao Divino Pai Eterno. Portanto, todos os anos, a Romaria dos Carros de Boi passou a ser conhecida por meio de desfiles e representação histórica da origem, sendo realizada toda quinta-feira na semana da Romaria em louvor ao Divino Pai Eterno.

Essa abordagem da questão do patrimônio cultural vem evidenciar que é tudo aquilo que pertence à população de Trindade, como por exemplo, a Festa do Divino Pai Eterno e suas tradições que são a herança do passado e tudo que se constrói hoje.

Sendo obrigação de todos preservar, transmitir e deixar o legado da história dessa população para as outras pessoas. Fonseca (2009) nos afirma que o

patrimônio cultural é de grande importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Dessa forma, a questão de patrimônio cultural não se esgota no nível conceitual, mas busca assim novos instrumentos de preservação e promoção.

Falar a respeito das políticas públicas vinculadas ao patrimônio é também falar sobre o processo de preservação deste patrimônio. A preservação dos “bens culturais”, sendo uma ação da cultura que pode ser variável, polêmica e negociada. Os diferentes segmentos sociais aplicam valor a este patrimônio em determinado momento específico de sua trajetória.

No momento que surge o “Estado Nação” surge também a necessidade de apropriação do patrimônio, dos bens que são signos identificadores da sociedade. A mudança na cultura e o processo de transformação de seu meio são fatores que dinamizam como deve ser e o que deve ser preservado. Da convergência desses fatores surgem os conflitos, que nem sempre são controlados pelos poderes públicos.

A herança patrimonial vem de um conjunto de bens de produção material e imaterial, interligada a comunidade dando sentido à festa. Organizadores, turistas, devotos e observadores se interagem por meio desse acontecimento festivo. Esse ato de festejar remete ao patrimônio vivo e dinâmico na contemporaneidade, mas sem perder sua tradição.

Gonçalves (2009, p. 23) afirma que a festa do Divino se constitui num “fato social total”, à medida que envolve arquitetura, culinária, música, religião, rituais, técnicas, estética, regras jurídicas, moralidade etc. Assim, acontece na festa do Divino Pai Eterno. O Fato Social Total, segundo Mauss (2003), é uma atividade que tem implicações em toda a sociedade, nas esferas econômicas, jurídicas, políticas e religiosas. Diversas esferas da vida social e psicológica são tecidas juntas pelo que ele passa a chamar de “fatos sociais totais”.

Nas festas religiosas deve ser ressaltado o sentido político em relação ao período, pois tais festas são manifestações religiosas e também, manifestações de poder. As relações de poder e as estruturas hierárquicas que as definiram, moldaram suas formas e configuraram seus rituais. Controlar as festas religiosas num momento histórico em que poder político e religioso mantem entrelaçados foi uma maneira de controlar, ao mesmo tempo, o súdito e o fiel. De impor-se sobre

ambos e enquadrá-los dentro de uma celebração na qual as linhas de poder devem estar bem definidas.

Segundo Matins e Oliveira (2013), a cultura no campo econômico parece ser bem expressa nas noções e aplicações das políticas, do Estado e do mercado, em torno da “economia baseada no conhecimento”. Para eles existe uma aplicação econômica direcionada a produção de bens culturais e simbólicos. Existindo um enquadramento da cultura em um processo competitivo e concorrenciais, voltado para um desenvolvimento territorial.

Com essa descrição dos autores, entende-se que existe uma tensão estabelecida, que com a globalização há uma imposição do uso de elementos competitivos organizados em torno da cultura. Em outras áreas econômicas, nem sempre o mercado é o agente principal desse processo. Como afirmam os autores, que no setor cultural o consumo nem sempre pode ser considerado o elemento-chave da produção cultural, porque a cultura também apresenta características peculiares enquanto bem, no sentido econômico do termo e que as demais atividades do processo como a produção e distribuição de bens e serviços culturais, são mantidas, estruturadas e organizadas pela ação do Estado.

Entende-se que a intervenção do Estado exerce várias ações no campo da produção cultural. Yúdice (2004) sugere que a cultura não pode ser pensada somente como uma condição antropológica, ou como alta cultura, ou cultura de massa, para o autor a cultura pode ser pensada como uma ação recursiva propõe então uma visão transversal: recurso econômico, social e político. Mencionando uma cultura, ou uma produção cultural, em diversos momentos da vida social.

O autor evidencia a transversalidade da cultura na contemporaneidade, enfatizando os elementos identitários e de pertencimento, ou as estratégias dentro da ordem material da vida social que articulam o símbolo e o material.

A conexão com a economia deve ser compreendida em todo processo de produção, pois esta produção é simultaneamente, material e simbólica. Em algum momento do processo haverá troca que não serão somente simbólicas (THOMPSON, 1995; CANCLINI, 2005).

Canclini (1979, p. 57) denominou de “organização material do campo artístico”, os meios de produção (materiais, procedimentos, produtos, serviços auxiliares etc) e as relações de produção estabelecidas com o público, as

instituições do Estado e do mercado, os críticos etc. Para ele, no que diz respeito ao consumo os circuitos de produção cultural estariam associados ao desenvolvimento do capitalismo.

Thompson (1995) destaca a criação de meios técnicos e um conjunto de instituições que foram orientadas para possibilitar a produção, reprodução e circulação das formas simbólicas numa escala antes inimaginável. Que permeiam todas as sociedades em diferentes proporções e determinações, política e econômica.

A festa torna-se, então, um patrimônio que suscita outros patrimônios, elementos constitutivos da identidade trindadense.

Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua História, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 4).

De acordo com esse entendimento sobre o patrimônio imaterial fica perceptível que a Festa do Divino Pai Eterno não é apenas uma comemoração religiosa que detém um conjunto de bens patrimoniais, mas é também uma oportunidade de que esse evento, por meio de seu simbolismo, mantenha viva a memória coletiva.

As festas constituem um marco da espacialidade e identidade da cultura local. Essa afirmação parte das pesquisas de Maia (2002), Lobo (2006) e França (2008).

Maia (2002) analisa a festa pela tradição reforçando a identidade local por meio das redes interrelacionais acordado nas festas. Segundo Lobo (2006), as singularidades dos lugares possibilitam a interpretação dos significados simbólicos e a manifestação dos valores identitários. Já na visão de França (2008), as trajetórias socioespaciais dos lugares festivos revelam as identidades presentes nas tradições das festas. Portanto, os elementos identitários da Festa do Divino Pai Eterno inserem-se na construção atual do espaço da cidade de Trindade.

Na festa, a vivência social torna-se “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Uma festa como a do Divino Pai Eterno, em Trindade, é permeada por tradições comuns sempre marcadas por identidade própria em que o festeiro do Divino é um sujeito influente, e que ao realizar a festa reafirma sua posição e sua identidade. Na organização da Festa do Divino se encontram grupos disputando hierarquias e lugares sociais. A festa, ao mesmo tempo que unifica, diferencia tanto os que participam ativamente dela quanto dos que estão fora.

Ela suscita novas representações, identifica percursos, inovadores ou memoráveis, brinca com o antigo e o novo, o sagrado e o profano, o real e o virtual, reafirmando a identidade de cada indivíduo desta comunidade e valorizando esse patrimônio.

1.1.1 As festas populares como patrimônio imaterial

A festa popular como patrimônio imaterial e manifestação cultural faz parte da estrutura social de uma determinada comunidade. A reflexão sobre o Patrimônio Imaterial no Brasil se deu a partir da criação do Decreto nº 3.551/2000 e legislação complementar, que tem possibilitado a (re)valorização dos estudos sobre as festas populares, consideradas como expressões de múltiplas linguagens simbólicas e responsáveis pela construção de tradições e identidades coletivas. O responsável por atuar nessa área é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI).

Entre os historiadores, o decreto ganhou importância desde 1980, impulsionado pelas discussões que valorizavam a pesquisa sobre novos temas e novas fontes, levando a reflexões diversas que demonstraram o seu pertencimento no campo da história.

Com as leituras realizadas para esta pesquisa chega-se à percepção de que as manifestações culturais eram consideradas relevantes mesmo antes do ano 2000 como afirmam os historiadores, mas ainda não faziam parte do rol dos patrimônios culturais do país⁸.

Significa dizer que após o ano de 2000 é que lhes foi atribuída uma categoria jurídica. Só após essa data é que foi atribuída um valor cultural e simbólico por parte do Estado. Que por sua vez, esse valor se dá calcado em parâmetros presentes nas

⁸ Uma breve análise do patrimônio cultural imaterial brasileiro na regulamentação do Decreto nº 3.551/2000: novas perspectivas e possibilidades de acautelamento. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=84b069ebd287d467>. Acesso em: 11 maio 2022.

leis, Constituição e regulamentos etc, os quais são determinados como digno de serem valorizados e protegidos.

(...) compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais (CASTRO; FONSECA, 2008, p. 12).

Conforme a citação, o patrimônio imaterial brasileiro diz respeito ao “fato social total”. As expressões, os modos de criar, fazer e viver, as sociabilidades diversas são representadas a nível simbólico e constituem as memórias, identidades e ações dos brasileiros.

Segundo a teoria durkheimiana, as festas demonstram experiência religiosa do homem por um “estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital” (1996, p. 417-418).

Assim, todos dançam, cantam e participam das festas movidos pela alegria, o caráter estético ganha grande importância na teoria durkheimiana⁹ pela força performática, faz os “homens esquecerem o mundo real, transportando-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade” (1996, p. 414).

Para ele o cerimonial religioso e a comemoração estética se combinam. Estão próximos e os “participantes passam de um gênero a outro sem solução de continuidade” (1996, p. 414). Afirma que ambos são necessários, pois a festa recria o indivíduo e que quando o riso se torna uma mera recreação e acaba seu conteúdo, o ritual perde o seu sentido, quando “afrouxa o vínculo entre a história da tribo e os acontecimentos e personagens representados” (1996, p. 414).

⁹ Cf. O indivíduo que se declara durkheimiano é um adorador, admirador ou segue da Sociologia de Durkheim. O pensamento durkheimiano é referente à forma de ver a sociedade de acordo com a definição sociológica, feita por Émile Durkheim. In: DICIONÁRIO INFORMAL. 2022. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/durkheimiano/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

A festa também revigora o indivíduo e desperta o sentimento de vínculo coletivo, assim “o rito, portanto, só pode servir para manter a vitalidade das crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias, ou seja, em suma, para revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva” (1996, p. 409). Ela possibilita ao indivíduo uma organização simbólica do mundo, o ritual articula ao coletivo, reorganizando várias versões das estruturas simbólicas do social e recombina seus aspectos conflitantes.

O Patrimônio Imaterial no Brasil possibilita a (re)valorização dos estudos sobre as festas populares, que são consideradas expressões múltiplas de linguagens simbólicas, responsáveis pela construção de tradições e identidades coletivas.

A simbolização da unidade apontada por Guarinello é encontrada nas considerações de Durkheim (2003), para ele:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p. 972).

A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, considerada uma festa religiosa que é representada nas ruas, igrejas, capelas, praças em toda cidade em louvor ao Divino Pai Eterno, seus fiéis se direcionam todos os anos, conforme o calendário. Seus participantes se organizam em grupos estruturados, respeitando a divisão de trabalho e a hierarquia interna.

Observa-se que essa manifestação cultural é resultante de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. Carvalho (2007, p. 66) afirma que

com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas, nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e conseqüentemente, as manifestações culturais também não.

Cohn (2001), afirma que na antropologia americana, cultura passa ser definida como um conjunto de traços que podem ser perdidos ou tomados para populações vizinhas, enquanto a antropologia britânica pensa como um sistema de partes articuladas entre si. Porém, essa visão de “traços culturais” que pode ser

perdidos e pode chegar à noção de aculturação. Ou seja, estariam sujeitos a uma perda cultural e ao desaparecimento da diversidade cultural. Assim, o importante não é a manutenção dos traços em si, mas a diferença que dá origem a identidade e que é estabelecida contextualmente por meio de traços maleáveis e flexíveis.

Com os estudos realizados para esta pesquisa se avalia que o homem é o resultado do seu meio cultural socializado, abordagens atuais têm compreendido que o homem/as pessoas e suas ações/comportamentos não são resultantes do sistema social, econômico, cultural... mas ele mesmo/as próprias pessoas, são constituintes do meio envolvente. Nessa perspectiva o humano é agente. Ele é herdeiro de um processo acumulativo de conhecimentos e experiências adquiridas pelos seus antepassados, que com as dinâmicas podem perder e ganhar traços culturais, levando a uma cultura não estática. O que deve ser preservada é a sua diferença em relação às outras.

Nesse sentido, observa-se na atualidade que a interdependência global fragmenta códigos culturais e identidades. Quanto mais a vida social é permeada pela globalização, mais as identidades se tornam desvinculadas de lugares, tempos, história e tradições podendo levar a uma manipulação do patrimônio cultural, permitindo inovações e invenções.

Amaral (2001, 2008) afirma que as festas brasileiras estabelecem relações de comunicação entre conteúdos culturais, sociais, políticos e econômicos, além de atuarem como mediadoras entre elementos tangíveis e intangíveis, objetivos e subjetivos etc. Cita a seguir:

[...] a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a qualidade entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A festa é a também a mediação entre os anseios individuais e coletivos, fantasia e realidade, mito e história, o passado, o presente e o futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando encontros culturais e transformando em pontes, para aqueles que são tidos como opostos. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma (AMARAL, 2008, p. 5).

Assim com a leitura dessa referência, entende-se que as festas populares são manifestações da cultura local de diversas regiões brasileiras. Por outro lado, na contemporaneidade percebe-se a alteração de certas dinâmicas tradicionais dessas festas como: a modernização; o sistema capitalista e suas atividades comerciais, a política, a formação de redes de interação e comunicação.

Na Festa do Divino Pai Eterno essas alterações são notadas mais enfaticamente a partir da reconstrução da Nova Rodovia dos Romeiros em 2013. Os impactos da Nova Rodovia dos Romeiros, na GO-060 se consolidaram por meio das suas transformações, concebendo-se, atualmente, diante de uma nova realidade.

Nesse contexto, a rodovia comparece como elemento na articulação com os sujeitos da pesquisa, integrada pelos comerciantes, industriais, moradores, e os romeiros que circulam ao longo da rodovia, caracterizando a diversidade e a pluralidade nos arranjos das funções produtivas e administrativas que compõem a estrutura espacial.

Pereira (2019) aponta que com a reforma da rodovia GO-060 houve uma relevância da mobilidade urbana no desenvolvimento e na transformação da cidade de Trindade, com a presente atuação do poder público como ente representativo do Estado na normatização, regulamentação e controle da estrutura espacial e também com a atuação das organizações empresariais como agente do desenvolvimento econômico e produtivo dos interesses da sociedade.

Em 2016, com a duplicação da rodovia, manifestou-se o interesse por parte do Governo Estadual, sociedade e da população religiosa a construção dos Painéis da Via Sacra, que configurassem os cenários da Crucificação de Cristo, ao longo da rodovia, inclusive com pista exclusiva destinada aos pedestres da romaria dos devotos do “Divino Pai Eterno”, segregadas da rodovia por medida de segurança, conforme painel da Figura 12.

Por meio também dessas obras rodoviárias e religiosas despertou-se, cada vez mais, o interesse da comunidade pela caminhada da fé, da cidade de Goiânia até Trindade, com extensão de 18 km.

Com tamanho investimento público, com o aumento de pessoas seguindo para festa do Divino, apresentam pontos positivos e negativos. Não se pode deixar de perceber que com a modernização houve uma maior presença de pedintes na porta da igreja, aumento na marginalização, assaltos e prostituição. Transformações ocorridas pelo atravessamento da mundialização do capital, redes de comunicação, sociabilidades e práticas da vida urbana que configuram a Festa e a Romaria.

Trata-se, ainda, de perceber que a festa se altera de lugar. Cada vez mais o entorno da Igreja Nova é gravitado por pessoas, vendedores, peregrinos e devotos. E a promessa de construção de um novo templo já repercute nos valores dos imóveis e no deslocamento dos lugares festivos.

Com a pesquisa de campo pode-se notar em algumas narrativas a resistência sobre as mudanças ocorridas após a inauguração da nova rodovia. Afirmam que o poder de conduzir o movimento festivo e a resistência nos demonstra um conflito entre a liderança religiosa e antigos moradores da cidade.

Amaral (2001, 2008) enfatiza que a festa popular é “válvula de escape” e “repositório imenso de culturas e tradições”, cita que a festa pode ser entendida como um “espaço para revolta ritualizada, território de símbolos que anuncia a insatisfação social” (DEL PRIORE, 1994, p. 128).

Para Amaral (2001,2008) a festa não é nem afirmação, nem negação da sociedade, nem fruição inconsequente, nem consciência. Ela é uma das dimensões que se dá nas experiências de sentir-se brasileiro, o povo acumula e reparte suas riquezas, tempo e lugar que reitera sua intimidade com os deuses e santos expressos nas danças, comidas e homenagens direcionadas para eles.

Cruz, Meneses e Pinto (2008) descrevem que nos festejos populares as práticas do passado chegam ao presente revelando características culturais que identificam o lugar por meio de bens simbólicos. E que as manifestações de fé que se traduzem em festas populares implicam a produção de vestimentas, música, comida, objetos específicos para a celebração cultural, que levam brilho, som, cor e sabor para os participantes. Assim, de acordo com Lody (2004), a fé é festa.

Para eles os festejos da cultura popular são considerados bens patrimoniais de natureza imaterial que englobam outros bens patrimoniais como a gastronomia, as danças, as músicas e adereços que identificam o lugar e são produzidos e compartilhados durante os festejos. Portanto, todo aparato simbólico expressa a nossa herança cultural híbrida e cada vez mais contemporânea, tentando atender às exigências locais e globais.

Cruz, Meneses e Pinto (2008) afirmam que as práticas de natureza rituais ou simbólicas, através da repetição inculcam certos valores e normas e dão continuidade em relação ao passado. Desse modo, o espaço festivo reproduz os rituais das gerações passadas e reforça as tradições, repetindo códigos comportamentais, criando também novos códigos.

CAPÍTULO 2: AS FESTAS POPULARES NO BRASIL

“A festa é, num sentido amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e nos espaços sociais” (GUARINELLO, 2001, p. 972).

As festas populares no Brasil são comemorações típicas, ou eventos festivos de grande diversidade e pluralidade, que contam com a participação de uma coletividade, que está presente a identidade de um povo, seus costumes e suas vivências, ultrapassando o campo da sociabilidade, construindo valores e memórias, entre os diferentes sujeitos que dela participa.. Sendo assim, elas servem para resgatar e preservar fatos históricos, tradições e crenças que estão ligadas diretamente com a formação da cultura local, tais como rituais religiosos, comidas, músicas, danças e roupas típicas.

Conforme Bezerra (2008), um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar as identidades. Para ele, o significado da festa está em suas manifestações, seu desenvolvimento e discursos que mantêm relacionando de perto ou de longe a unidade e a identidade.

A festa é um fato social, um instrumento de afirmação política, étnica e territorial e tem um potencial simbólico incomensurável, como destaca Marcia Sant’anna (2013). São marcadoras de espaços e ao mesmo tempo se tornam instituidoras de lugares e territórios, memórias, sentimentos de pertencimentos que são acionados (SANT’ANNA, 2013). Por isso, são reconhecidas como um âmbito privilegiado no patrimônio cultural imaterial, como pode ser observado em textos do IPHAN:

São rituais e festas que marcam a vivência coletiva de um grupo social, sendo considerados importantes para a sua cultura, memória e identidade, acontecem em lugares ou territórios específicos e podem estar relacionadas à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade que envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras manifestações culturais (IPHAN, 2020).¹⁰

As manifestações populares no Brasil, no final do século XVIII e início do século XIX, destacam-se nas pesquisas folclóricas pela “descoberta” das festas

¹⁰ IPHAN. Livros de registro. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>. Acesso em: 20 abr. 2022.

populares ligadas ao imaginário da época. No Brasil, o ato de festejar já existia bem antes da colonização indígena, que tinham como uma cosmologia relacionar o sagrado com a vida na natureza. Na África, também era marcante a celebração no dia a dia dos povos africanos, os quais aqui foram trazidos escravizados e, comumente, reproduziram a alegria de celebrar.

Ferreira (2013) afirma que as festas populares na literatura brasileira são resultado das ações catequizantes que foram inseridas aos indígenas e aos negros escravizados. As manifestações culturais, como caboclinhos, bumba meu boi, maracatus, cavalhadas, congadas e outras são resultantes de uma ação pedagógica católica que buscavam inculcar na população os costumes da civilização ocidental, para sobrevivência entre os povos.

A realização das festas populares envolve processos de criação, difusão e organização da cultura de diferentes segmentos culturais como o artesanato, o patrimônio, a gastronomia, a dança, a música, a religiosidade, o culto, o ritual e outros.

As festas religiosas¹¹ são festas populares que homenageiam as divindades ligadas às religiões de um grupo social. Geralmente é a parte ritualística, em que ocorrem os atos devocionais, profissão de fé e cerimônias, além da parte também conhecida como festa do largo, composta por quermesses, barraquinhas, brincadeiras etc.

As festas populares consolidavam as comunidades, aldeias e urbanas do mundo tradicional ocorrem uma quebra da rotina ou de uma continuidade cotidiana da existência. No século XX, os políticos utilizavam as festas como uma potente ferramenta de fiscalização e de controle.

Pode-se exemplificar, as festas carnavalescas, em especial o Carnaval do Rio de Janeiro; as festas juninas no Nordeste; a Festa do Peão de Barretos; a *Oktoberfest* de Blumenau; e os Festivais de Parintins (MORAIS FILHO, 2002; TRIGUEIRO, 2005; CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008; CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012).

Acrescentam-se, ainda, as festas religiosas católicas como as Festas de Santos Reis de Martinésia; Festa do Padre Cícero; a Páscoa e o Natal (ANDRADE, 2006; ZALUAR, 1983; MARQUES; BRANDÃO, 2015), e festas de cultura afro-

¹¹ CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (CNFCP). 2022. Festas religiosas. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001449.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

brasileiras, como a Festa de São Benedito; as Festas do Bumba-Meu-Boi em São Luiz, Maranhão; Boi-Bumbá na Amazônia; a Capoeira; a Congada; Afoxé; Bloco Afro; Batbacumba Auê; Obá a Festa; Festa de Preto Velho; e as celebrações em homenagem à Iemanjá (REVISTA RAÇA, 2016; SOARES, 2019; PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL, 2020).

Brandão e Marques (2015) estudam sobre um modelo de análise escalar das festas populares, afirmam que são manifestações culturais que fazem parte da estrutura social comunitária, compondo, interagindo, influenciando e modificando o cotidiano. E que é de grande importância olhar a festa sobre pontos de vista de diferentes escalas, para entender os elementos aparentemente opostos como a reza e o baile, ou a devoção e a diversão.

Nos dias de hoje é possível visualizar determinados fenômenos se infiltrando e alterando o sentido das festas populares tornando-as um espaço de consumo e de espetáculo. São eles: o sistema capitalista e suas atividades comerciais; a modernização; e a formação de redes de interação e comunicação.

O capitalismo e as atividades comerciais se inserem nas festas, na comercialização de serviços e bens. Entretanto, verifica-se que essas trocas econômicas divergem do sentido primordial das festas populares que apresentam um elemento sagrado como eixo central da manifestação e, portanto, são consideradas manifestações sagradas ou sacro-profanas.

Como por exemplo, a venda de santos padroeiros nas barraquinhas montadas por homens e mulheres da cidade, a comercialização de bebidas, a instalação de parques de diversões, os shows com cantores conhecidos, entre outros tipos de bens durante a realização do evento. Em casos como esses os empresários e os políticos se apropriam do lugar da festa e o utilizam como espaço para reprodução do capital.

As festas religiosas sempre tiveram bastante importância no estado de Goiás. Rocha (2001) fala desses festejos como um dos pontos centrais na vida em Goiás no período colonial.

Boa parte da vida na capitania organizava-se em torno dos valores cristãos. A vida social era regida pelos ritos e pelo calendário religioso. As comemorações religiosas marcavam profundamente os momentos de socialização e de convivência social, tomados como ocasiões de reafirmação dos valores cristãos (ROCHA, 2001, p. 63).

Com o passar dos anos as festas religiosas em Goiás tiveram várias transformações, mas mantendo sempre a importância desse evento em cada cidade, fazendo parte do seu cotidiano. As Procissões, folias, novenas, romarias, congadas, cavalhadas e tantas outras manifestações religiosas e culturais têm um espaço importante na vida e história goiana. Tais festas nunca se afastam dos objetivos de sua criação, mas são moldadas para atender a necessidade de cada região.

(...) acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo que geralmente observam uma frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina sequente da “vida social”; que criam comportamentos, sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos períodos longos de rotina. São festas em Goiás, as comemorações dos Santos Padroeiros das cidades, as grandes e pequenas romarias, as festas de “comemoração geral” como as do ciclo junino, as festas cívicas e algumas festas eventuais, como uma festa “do carreiro de boi” que foi organizada uma única vez em Mossâmedes em 1965 (BRANDÃO, 1974, p. 3-4).

Com referência à citação, as festas religiosas em Goiás são responsáveis por atrair um público numeroso podendo modificar a rotina das cidades que funcionam como meio onde o espetáculo ocorre envolvendo os co-participantes da festa. Rituais esses que adaptam certos hábitos conforme cada região, sem abrir mão da sua essência, a fé.

Atualmente, na Festa do Divino Pai Eterno pode-se perceber alterações das dinâmicas sociais na cidade de Trindade tanto na comunidade como na organização local dessa festa, os nativos dessa cidade têm grande participação nas atividades realizadas.

Com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros, no período da festa do Divino Pai Eterno, percebe-se uma grande mudança, a festa passa a contar com algumas melhorias, como a participação de homens e mulheres nas barraquinhas da OVG distribuindo lanches no decorrer do trajeto ao passar pelos painéis da Via Sacra, com uma iluminação adequada e um amplo sistema de monitoramento com câmeras para garantir segurança e comodidade aos romeiros, leva, contudo, a um aumento na quantidade de fiéis em direção à Basílica.

Muitas vezes tornando uma festa em grande proporção ou até mesmo um espetáculo, mas que apesar disso ainda existe uma preservação da fé, devoção e tradição. Assim como afirma Brandão e Marques (2015), que em uma rápida

observação da manifestação cultural pode-se crer que ela se tornou espetáculo ou se reduziu a um resíduo folclorizado.

A festa por ser complexa apresenta tanto o espetáculo como a tradição, atentando às suas ressignificações, apropriações e espetacularização num âmbito macro escalar e aos detalhes e singularidades da festa no contexto microescalar.

Os autores Brandão e Marques (2015) afirmam que a globalização com suas redes de interação e comunicação são fatores que modificam diretamente a cultura popular e as festas. Alguns eventos têm alcançado um número bem maior de espectadores devido às ferramentas de comunicação como a televisão, internet, rádio e jornais.

De acordo com Ferreira (2001) e Amaral (2001), a festa é um instrumento de comunicação, e é através desse elemento que ela sobrevive ao longo do tempo. Levando a uma mixagem de sujeitos (os tradicionais da festa com os novos integrantes), conferindo um novo sentido à manifestação e reforçando sua maleabilidade e flexibilidade.

No caso de Trindade, observa-se a presença do mesmo fenômeno, sobretudo com a construção da Nova Rodovia dos Romeiros. Por essa rodovia milhares de pessoas fazem o percurso de 18 quilômetros de Goiânia até o Santuário Brasília no centro da cidade. A partir da inauguração desta ponte, a cidade passou a receber mais de 2,5 milhões de pessoas à época da festa, o que acarretou significativas transformações nesse evento, um crescimento considerável da Festa do Divino Pai Eterno.

Diante de tal quadro, esse evento festivo passou a ser apropriado por administradores públicos que muitas vezes tentaram transformá-la em megaeventos, com estruturas imensas e presença de cantores conhecidos nas missas realizadas. Mas, como ressalta Bezerra (2008), é por meio dessas festas que as experiências sociais e as representações identitárias locais são (re)atualizadas, ritualizadas e celebradas, apresentadas como uma representação do território.

Nas territorialidades festivas (...) é onde o poder se manifesta resultante de dois polos que se fazem face a face, ou que estejam em discordância, criando, assim o campo do poder que é definido como uma combinação de energia e informação, visando o controle e a dominação da situação (CORRÊA; ALVES, 2016, p. 277).

As festas religiosas acompanham as mudanças na sociedade, e principalmente, os seus valores. Ao longo dos anos, novos significados, perdas, mudanças, poder e incorporações de novos elementos que, efetivamente, transformaram a Festa do Divino Espírito Santo.

Nesse sentido, se entende que a realização das festas religiosas não se trata apenas a questão religiosa enquanto divindade a ser celebrada, mas também, pode revelar um contexto de lutas e ideais. Essa representação passa a fazer parte da cultura dessa comunidade, passada dos antepassados para a geração futura na forma de tradições, como no caso da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO.

As festas religiosas católicas, devido à sua grande dimensão se tornam referências em sua região. Isso se explica pela movimentação no campo econômico, político e social que influencia diretamente todo contexto local, onde ocorre a manifestação religiosa.

Dessa forma, devido a tantas transformações no seu espaço geográfico, a região se torna conhecida pelas festividades religiosas praticadas, como a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás e tantas outras.

Percebe-se que nas festas religiosas ocorre um grande jogo de poder tanto religioso como político. Ao passo que a igreja exerce poder e domínio sobre os espaços, gerindo e controlando as conjunturas espaciais, esses passam a ser modificados, carregados de elementos simbólicos e originando, assim, o fato religioso. Por sua vez, esse processo de transformação dos espaços enquanto territórios religiosos consideram que:

É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

De forma complementar, Silva (2013) defende que o poder praticado pelas instituições religiosas, reflete na forma como essas instituições se organizam no espaço, apresentando como objetivo a conquista de territórios ocupados por outras denominações ou a conquista de espaços ainda não dominados. Assim, como afirma Raffestin (1993), a igreja passa a ser um território dominado, marcado pelas relações de poder existentes em sua conjuntura.

(...) até mesmo no interior das igrejas, os empréstimos de riquezas, as transferências de bens, também revelam uma quantidade de relações dissimétricas. Bem mais do que a língua, a religião é marcada por relações de poder cujos trunfos são exatamente o controle da energia e da informação, sob a forma de homens, de recursos e de espaços. Sendo uma organização, toda igreja se comporta da mesma maneira que qualquer outra organização: procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar. Procura codificar todo o seu meio. A codificação pelo sagrado é até mesmo muito eficaz, pois tende a isolar do resto os homens, os recursos e os espaços que são codificados. (...) As religiões penetram ou penetraram em todas as manifestações da vida cotidiana, quer sejam culturais, sociais, políticas ou econômicas (RAFFESTIN, 1993, p. 127).

Cabe elucidar nessa discussão que apesar da igreja tentar penetrar em todas as manifestações, como afirma Rafferstin (1993), há também um espaço de produção de disputas e conflitos territoriais, que refletem as relações geradas entre comunidades entendidas como agentes políticos que detêm certa identidade, controle e domínio sobre o território.

Como por exemplo, a dominação territorial que é identificada na romaria com as alterações no decorrer dos anos, em que o trajeto do caminho passa a ser territorializado e direcionado pelo poder da igreja e pelo poder público. O espaço usado para a peregrinação passa a ser ocupado por romeiros que atribuem significados sagrados, ou seja, há uma apropriação simbólica do espaço, refletidas no percurso da romaria. Como podemos ver com as Narrativas dos participantes da pesquisa de campo:

[...] Para mim é uma época muito boa, recebemos visitas de parentes e amigos, e para a comunidade em sua maioria é uma forma de renda extra. (Entrevista 12/2021)

[...] Apesar de suas raízes religiosas, vários elementos populares foram incorporados à festa como a figura do Divino Pai Eterno e o Espírito Santo, Templos sagrados, procissões com queimas de fogos etc. [...] Transmito essa tradição através de causos vividos pela família a milhares anos, pois essa tradição vem de geração em geração. São muitas histórias contadas e recontadas pela família. [...] A mudança na Nova Rodovia dos Romeiros, foi de grande valia, pois amenizou o fluxo de pedestre e carros evitando acidentes. Facilitando a vida quem vêm pagar promessas... (Entrevista 14/2021)

[...] Hoje pra mim e para minha família não tem tanto significado, pois somos cristãos (evangélicos). Mas compreendo que para o crescimento econômico, social, político, também para a cultura e tradições a festa tem grande significado. [...] com as mudanças houve grandes mudanças positivas. A Cidade de Trindade, a Capital da Fé vem desenvolvendo significadamente. (Entrevista 16/2021)

[...] Bom tem algo que me chama muita atenção durante a romaria/festa que é o luxo e o lixo que se misturam de uma maneira meio surreal, além da simplicidade, humildade dentre tantas intenções e más intenções dos que frequentam e organizam a festa/romaria. (Entrevista 35/2021).

A existência de festejos em diversas culturas e contextos históricos demonstra o quanto a festa é importante para a vida em sociedade. Conforme Ferreira (2013), no Brasil foram firmados certos conceitos que territorializaram as formas de festejar determinantes para associarmos o festejo a pertencimento de algum lugar específico.

Desse modo, criou-se uma geografia etnográfica das festas, as festas sertanejas encontram-se nos interiores do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, as festas ligadas às vertentes europeias se encontram na região sul do país. Já as festas indígenas se encontram centradas na região amazônica e Centro-Oeste e as festas negras se destacam na cidade de Salvador na Bahia. Mas com o passar dos tempos, devido à imigração, percebem-se algumas mudanças nessa geografia festiva brasileira.

Para Bezerra (2008), a festa, do ponto de vista da geografia, é uma oportunidade de compreender a natureza do laço territorial, permite perceber os signos espacializados pelos quais os grupos se identificam a contextos geográficos específicos fortalecendo a sua singularidade.

Nota-se que a cidade de Trindade tem se desenvolvido em vários sentidos, econômico, social, político e cultural, com mais rapidez, após a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros atraindo os nativos, homens e mulheres da cidade, e também de cidades próximas para a Festa do Divino Pai Eterno. Essa cidade religiosa torna-se um fenômeno, como um indicador de mudança desse espaço. Contudo, cita-se aqui Boaventura (2007, p. 45) que ressalta:

Faz se necessário que os municípios tenham capacidade de desenvolver planos e projetos urbanísticos voltados à realidade municipal específica, principal responsável direto pela gestão das questões territoriais, financeiras, ambientais, administrativas, políticas e sociais do município (BOAVENTURA, 2007, p. 45).

Ressalta-se que com o aumento de fiéis na cidade, as formas de celebrar o sagrado foram se adaptando e construindo territórios dentro das modificações ocorridas em Trindade, mediante ao crescimento que muitas vezes desordenado por influência das aglomerações urbanas e interferências políticas.

Bezerra (2008) ressalta a (re)criação e (re)invenção da festa diante dos preceitos de geração de renda e afirma que as festas, conforme vêm sendo apropriadas pelos administradores públicos, tendem a se transformar em megaeventos.

Mesmo assim, a identidade é preservada e apresentada como uma representação do território. A autora afirma que “para perdurar e se reproduzir a identidade necessita o recurso à memória social, ao jogo simbólico, às cerimônias comemorativas e às festas, aos discursos históricos e mitológicos, à repetição das práticas e dos comportamentos rotineiros do cotidiano” (BEZERRA, 2008, p. 9). Frente a isso, a festa é propícia para se construir sentidos identitários, pois processa várias narrativas em diversos meios e estratégias de comunicação.

As festas populares¹² são comemorações ou eventos festivos que contam com a participação do povo. Caracterizam-se pela presença marcante das tradições regionais, rituais religiosos, comidas, músicas, danças e roupas típicas. Ocorrem em diversas localidades do Brasil (algumas são específicas de determinadas cidades ou regiões), estão diretamente ligadas ao folclore brasileiro, pois apresentam forte componente cultural.

Elas estão presentes desde o aparecimento do homem sobre a terra, delimitando uma relação espaço-temporal imbricada à existência humana. As festas apresentam grandes significados, bem como as motivações da sua efetivação. Curado (2011) afirma que é possível que o temporal (época das festas) foi baseado nos ciclos produtivos que se reuniam e estabeleciam proposições festivas. As festas acabavam por determinar alguns espaços de convivência social, eram preparados diferentemente daqueles destinadas ao cotidiano.

Como, por exemplo, as festas que se fizeram presentes no momento da ocupação/colonização europeia cristã, que era impositiva possuindo um caráter católico-evangelizador e que com o passar do tempo foram criando suas próprias festas, estabelecida pelo contato de diferentes culturas.

No Brasil, observa-se a existência de vários tipos de tipos de festas: festas cívicas, festas das colheitas, festas folclóricas, festas natalinas, festas agropecuárias, comemorativas, festas religiosas de santos (romarias e padroeiros), dos orixás e outras.

¹² SUAPESQUISA.COM. Festas Populares do Brasil. 2022. Disponível em: <https://m.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/festa_populares.htm>. Acesso em: 19 jan. 2022.

Cruz, Meneses e Pinto (2008) abordam sobre as culturas populares representadas nas festas, crenças, hábitos e tradições, revelados na gastronomia, nas danças folclóricas, nos ritos e celebrações, buscando enfatizar que todo espaço ou lugar possui um significado de existência que o torna singular, dando um sentido de pertencimento, uma vez que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si.

Afirmam que nas festas culturais surgem saberes que perpassam várias existências das comunidades, simbolizadas nas comidas, no artesanato, celebrações e demais manifestações culturais.

As expressões culturais de cada comunidade, expressão suas crenças e suas particularidades, os elementos que os representam são expostos por saberes compartilhados pela comunidade por meio da simbologia, do artesanato, religiosidade e outras manifestações culturais. Dessa forma, entendem-se as festas populares a partir dos

traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmadas no Brasil (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 2, 3).

As manifestações populares são pensadas não somente pelo aspecto do fazer artístico, mas também são compostas pelas relações que se estabelecem na conjuntura festiva, traduzindo linguagens e exibindo expressões do pensar, fazer e sentir de determinada sociedade, retratando, assim, os traços da cultura de um povo (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008; RAFAEL, 2018).

Em Trindade, na Festa do Divino Pai Eterno, observa-se que as manifestações culturais são resultantes de múltiplas interações (homens e mulheres) e oposições no tempo e no espaço. Assim, afirma Carvalho (2007),

com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não (CARVALHO, 2007, p. 66).

A religião é um elemento relevante na socialização de uma região, que transcende o lugar habitado, influenciando outras cidades ou povoados. A cidade de Trindade por ser religiosa é a base das manifestações culturais que mantêm o

ajuntamento das pessoas através da festa do Divino Pai Eterno. É através do sincretismo que os costumes, hábitos e a prática do comércio são cultivados na oportunidade do lazer motivado por esta festa religiosa.

A religiosidade (formal ou não-formal) exerce uma força muito grande na sociabilidade, nas manifestações culturais, como a folia, os desfiles de carros de bois, os artistas de rua e outros. A missa seguida por uma festa propicia a convergência de pessoas de lugares vizinhos para outro local, formando ali uma aglomeração, geralmente, nas proximidades de um capelão. Numa cidade religiosa e festiva existe uma solidariedade pelo contato direto do romeiro com outro romeiro, com os comerciantes, com os mendigos etc.

Já na região central desde os tempos antigos, o estado de Goiás, na leitura de Palacin e Moraes (1994), conhecido pelas bandeiras quase que desde os primeiros dias da colonização, o seu povoamento só se deu em decorrência do descobrimento das minas de ouro no século XVIII. Que conforme a economia aurífera, vários arraiais chamados de vilas foram surgindo em várias regiões do estado para o local em que se direcionaram os sujeitos rumo ao interior do Brasil, acarretando a existência de diversas categorias de festas.

A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade - GO é um exemplo da criação desse universo de relações. Ali se juntam vários sitiantes no santuário, principalmente os carreiros (dos carros de boi), que se confundem com romeiros de outras cidades, como Goiânia e outras.

Almeida (2011) pontua ao afirmar que as festas criam lugares e territórios específicos; neles, as territorialidades são elaboradas, a partir de relações afetivas e de pertencimento territorial, que alimentam as tradições e persistência dos vínculos e identidades locais.

É possível compreender que o território da festa é um lugar tomado por traços identitários da comunidade na história, que também revela a individualidade de cada um. Para Ferreira (2013), a abordagem das festas populares leva à exploração dos atributos perpassados pela história e cultura de determinado território, que torna os processos de civilização evidente, integrando a comunidade.

2.1 AS FESTAS COMO REGISTROS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA COLETIVA

As festas, como registro da história, têm suas raízes mais profundas na colonização do Brasil e história indígena do Brasil, com as missões jesuítas de cristianização indígena. Afirma Amaral (2001) que o constante festejar brasileiro de caráter essencialmente religioso, de fato, não é recente. E que os viajantes ao chegarem ao Brasil, muitos ficavam perplexos quando, já a partir da porta das primeiras igrejas avistadas, e por todo o percurso das inúmeras procissões que se realizavam constantemente, contemplavam as imensas “alas” compostas por carros alegóricos.

Neles gente de todas as raças fantasiadas dos mais diversos personagens, ricamente vestidos e adornados, corporações de ofício e irmandades religiosas, os grupos dançarinos e músicos, desfilavam lado por lado, todos juntos (AMARAL, 2001, p. 27).

Assim, desde o período da colonização brasileira pelos portugueses, as festas já eram empregadas como forma de catequização indígenas, ou para tornar suportável aos próprios colonizadores às dificuldades da colonização. Logo, segundo Silva (2011, p. 161), “eram usadas como meio de controle da igreja e estatal para diminuir as tensões étnicas e como meio de cristianizar as ideias centralizadoras dos Estados Absolutistas”.

Amaral (2001) nos mostra que no período colonial não foi nítida a divisão entre o sagrado e o profano nas festividades religiosas, pois elas se interligavam, misturando-se entre si, e também, entre as práticas étnicas. A festa era organizada de forma que atraísse a população para si e para a participação do povo. Após a aprovação da realização da festa, admitia-se pelo Estado e pela igreja a obrigação da participação nos eventos, levando ao aparecimento de “brechas”, “lacunas” de extravio da classe explorada pelo trabalho escravo, introduzindo assim suas formas de festejar dentro da festa oficial, que apropriava, sincronizava e transformava em características dotadas de uma cultura popular, com significados e manifestações próprias.

A festa colonial se constitui para a criação das tradições e consolidadas dos costumes, permitindo que as culturas estabelecessem contatos pelos valores lúdicos, religiosos e artísticos, constituindo linguagens simbólicas.

Silva (2011) refere que o milagre e as trocas culturais constituem-se enquanto as primeiras inserções realizadas pelo povo nas festas de caráter religioso no Brasil, e se perpetuam através das rupturas que permanecem até os dias atuais.

Campineiro, Leite e Perez (2011) também afirmam que a festa sempre ocupou um papel importante ao longo da história. No período colonial era uma forma de suportar as imposições da Metrópole Portuguesa. Nas sociedades pré-modernas apresentava um formato triplo, que era dividido para o trabalho, lazer e o sagrado, ou seja, as festas tanto preenchia o período de confraternização, como também o de religiosidade. Na sociedade Pós-Revolução Industrial, a festa era realizada no tempo disponível, depois de cumprir os deveres impostos pelo trabalho. Pontuam os autores que, em todas essas fases da história, a festa sempre foi preservada e que não existe sociedade humana sem festa.

Aqui a explanação sobre as festas religiosas, a dimensão do sagrado e profano se fazem presentes, são praticados e identificados, enfatiza-se, portanto, que a festa e religião se unem em alguns momentos, contribuindo para as diferenças culturais na história Brasileira, dando origem a uma cultura nacional diversificada.

Rosendahl (2002) nos atenta sobre a vinculação do espaço sagrado e o espaço profano a um espaço social. A autora entende que o sagrado e o profano fazem parte da vida do indivíduo, entretanto, observa-se na comunidade de Trindade no período da festa do Divino Pai Eterno uma diversidade cultural que está presente tanto o sagrado, em suas orações, missas, batizados, promessas, romária de carros de bois e outros, como também aspectos do profano, nas festas que ocorrem nos bares, nos bingos, jogos, nos shows sertanejos e comercialização, dentre outros, de roupas e santinhos.

Rosendahl (2002) ressalta a existência de uma ordem de distribuição do espaço, e nessa distribuição o sagrado se limita, tornando possível o profano, que por sua vez o homem, ao criar espaços sagrados, materializa em seus sentimentos imagens e pensamentos, sendo assim definidos com base no poder da mente, a qual percorre além do que é percebido pelo mundo material. Entendendo assim que o sagrado e profano são elementos que fazem parte da vida social, assumindo um papel primordial e significativo na maneira do indivíduo lidar e atuar no mundo.

A festa do Divino Pai Eterno e a Romaria de carro de bois é uma prática do catolicismo popular inserida na cultura popular, que para entendermos é preciso ter um conceito claro do que é cultura. O entendimento de cultura, sobre o qual essa

análise encontra-se fundamentada, é baseado na concepção de Geertz (1989, p. 43), que a considera como uma rede tecida pelas sociedades, carregada de significados múltiplos que só podem ser decifrados quando inseridos em seu próprio devir histórico e social.

Segundo Pessoa (2005, p. 34), a “cultura goiana” está muito bem caracterizada nas manifestações populares do povo goiano, de maneira especial nas festas religiosas, que podem ao mesmo serem compreendidas como representações religiosas e sociais.

Cito aqui também Durkheim (1996), que afirma que o indivíduo “desaparece”, no divertimento em grupo e na religião, que passa ser dominado pelo coletivo. Ele entende que nas transgressões ocorridas são reafirmadas as crenças e regras, tornando possível a vida em sociedade. No grupo e na religião a comunidade reanima “periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais” (DURKHEIM, 1996, p.536). A consciência coletiva, portanto, para Durkheim, com o passar do tempo, tende a perder suas forças, tanto as festas como os rituais religiosos, que se tornam imprescindíveis para reavivar os “laços sociais”, que correm, sempre, o risco de se desfazerem.

Desse modo, poderíamos imaginar que quanto mais festas um grupo realizar, maiores seriam as forças para o rompimento social as quais elas resistem, as festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social.

Para compreender melhor a festa como registro da memória, se faz importante discutir alguns conceitos. Segundo Maurice Halbwachs (2003), a memória é a representação que a sociedade tem e é construída socialmente por quadros sociais: “são estímulos de que a memória coletiva serve para recompor uma imagem do passado que concorde em cada época com os pensamentos dominantes da sociedade” (2003, p. 10). Esses estímulos são essenciais, estruturam, reorganizam e auxiliam na construção das lembranças sobre o passado no presente. Os quadros sociais afirmados por ele seriam os grupos ao qual o indivíduo se relaciona durante sua trajetória de vida como, escola, família, trabalho e outros.

Halbwachs (2003) enfatiza que as memórias individualizadas, ou coletivas, estão presentes socialmente, vista que o sujeito lembra por que está integrado na sociedade em qual faz parte, pois os quadros sociais estão sempre ao seu redor, logo esse sujeito carrega representações ditas como (valores morais), da sociedade

em que pertence. O autor pontua que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (2003, p. 170).

Ou seja, o espaço, funciona como um marco que nos auxilia tanto na formação como na evocação desta, garantindo um sentimento de continuidade, mesmo que “a memória individual existe, mas está enraizada dentro de quadros sociais ligada às representações coletivas estabelecidas por grupos sociais”. (TORINO, 2013, p.1) Portanto, não apenas os indivíduos lembram das coisas, mas também os grupos e as coletividades.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoa que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

A memória é produzida pela compreensão dos símbolos, codificação e participação social de um grupo, em que os sujeitos estão inseridos. Assim, a memória individual é tida como impressões particulares sobre os fatos, que apresentam detalhes e sequências que organizamos dentro da memória coletiva. Para Halbwachs (2003, p. 61) “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas”. Pode-se falar, portanto, que memória coletiva são impressões e registros significativos para um conjunto de pessoas em que buscamos em um evento que teve lugar na vida de uma comunidade.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Entende-se que para o autor, a memória coletiva é um ato de interação com o outro, nossas lembranças estão permeadas de ideias e impressões afetivas estabelecidas pelo grupo. A memória social é afetiva e recorda-se no presente a

vivência coletiva vivida no passado em um determinado grupo. Portanto, a memória coletiva de Halbwachs seria uma memória partilhada por um grupo, um povo, uma nação, constituindo a identidade desse grupo na história.

Assim, percebe-se a importância da festa como parte da história dessas comunidades e da memória social, bem como ajuda na construção da identidade social e da preservação da cultura local e regional

(...) segundo Halbwachs o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Segundo Halbwachs (2013, p. 39), para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que esses nos apresentem seus testemunhos, é preciso também que elas não concordem com as memórias deles e que existam pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança seja reconstituída.

A festa com suas imagens, peças antigas, missas, romeiros e com toda preparação, são elementos que fazem vir à tona a memória do passado. Mas as mudanças estão sempre presentes, tornando impossível trazer para atualidade ou reviver uma memória completa.

Segundo Bosi (1999, p. 55), a alteração do ambiente, por menor que seja atinge “a qualidade íntima da memória.” Assim, com as dinâmicas social e espacial, a partir de 2013, ano em que foi inaugurada a nova rodovia dos romeiros, existem transformações de comportamento, o sonho da memória gravado no inconsciente dá espaço a realidade atual.

Bosi (1999, p. 55), tendo como base Halbwachs, lembra que o caráter espontâneo da memória é excepcional: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Candau (2016) aprofunda um pouco mais a compreensão do conceito de memória coletiva elaborado por Maurice Halbwachs, logo, nos proporciona compreender como passamos de forma individual para forma coletiva de memória e identidade. O autor aponta as diferentes formas e possibilidades ou não do

compartilhamento da memória. Ele afirma que a “existência de atos não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” (CANDAU, 2016, p. 35).

Candau (2016) nos pontua ainda algumas manifestações da memória e diferencia protomemória, memória propriamente dita (evocação) e metamemória. A protomemória seria a memória social (memória *habitus*), “que ocorre sem tomada de consciência”, já a memória propriamente dita (evocação) seria uma recordação ou reconhecimento, e a última, a metamemória é a representação que fazemos das próprias lembranças, de como nos vemos e identificamos, fazendo assim parte da construção identitária.

Sendo assim, para Candau (2016) somente a metamemória faz parte da memória coletiva, pois é um conjunto de representações da memória que pode ser compartilhada, enquanto as outras duas são individuais não podendo ser compartilhadas.

Desse modo, a festa está presente na história de uma sociedade relacionada ao seu passado, a sua vivência e transformações ocorridas ao longo do tempo, atuando presente na memória para gerações futuras, se apropriando de seus significados, constituídos em torno da preservação desse patrimônio, na concepção de uma história.

2.2 MEMÓRIA E A REPRESENTAÇÃO NAS FESTAS POPULARES

Pensando em representações, sentidos e memória é que a festa do Divino Pai Eterno se tornou fundamental nesta pesquisa. A história de uma sociedade está relacionada ao seu passado e as transformações que foram ocorridas ao longo do tempo. A memória está presente na concepção de uma história, selecionando e se apropriando dos significados que constitui a preservação de um patrimônio. Portanto, o patrimônio torna-se uma “categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana” (GONÇALVES, 2009, p. 22).

Mendonça (2001)¹³ afirma que o papel da memória como substrato das manifestações culturais populares, pode-se afirmar graças a experiência do mundo presente na representação tradicional, os relatos passados dão sentido ao presente e aos projetos futuros. Esse processo de transmissão de conhecimento permite a tessitura de laços de solidariedade, de identidade e de um sentido de pertencimento que se define por meio das interações sociais e das relações que os membros das comunidades estabelecem entre si e com os outros.

Percebe-se então que na organização de uma festa religiosa popular existe integração entre os diferentes segmentos sociais, o entrelaçamento entre a esfera da experiência concreta e sua representação pública, que leva aproximação do cotidiano e cultura, sagrado e profano, contrição e gozo indo muito além da atualização da memória coletiva.

Assim, o bem patrimonial evoca lembranças de um passado, capaz de produzir sentimentos e emoções que permite reviver momentos e fatos já vividos, que explicam os momentos presentes.

O resgate de valores e saberes só se torna real a partir do momento em que existe uma capacidade de entendimento do significado das lembranças materializadas, garantindo assim o contato direto com espaços e ambientes construídos em outras gerações.

Percebe-se que para desenvolver seu processo de preservação é de grande importância conhecer o patrimônio que é a herança do passado transferida às gerações futuras.

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugares definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p. 972).

A festa não é somente um espaço de comemoração e de celebração, mas é também representada como símbolo da unidade dos participantes de uma determinada identidade, como é notado na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.

¹³ MENDONÇA, Maria Luiza M. **Festas Populares hoje: Muito Além da Tradição**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.

Essa simbolização da unidade apontada por Guarinello é encontrada nas considerações que Durkheim (2003) elabora sobre festa, pois, para ele, as ações comemorativas ao mesmo tempo em que libertam, também celebram a unidade; por meio deles, “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade” (DURKHEIM, 2003, p. 409). Para esse autor, através das ações comemorativas os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais e as lembranças que fazem reviver, dá-lhes uma impressão de força e de confiança.

Assim com relação à identidade, concorda-se com o pensamento de Guarinello (2001), que reforça a festa como a concretização efetiva e sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção das expectativas individuais, um ponto em comum que define a unidade dos sujeitos participantes. “A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social” (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Cruz, Meneses e Pinto (2008) remetem que fragmentos do passado, visto nas edificações, espaços, nas ruas, nos saberes e fazeres de um povo são importantes para sua história e relações sociais. Esses fragmentos estão presentes também na Festa do Divino Pai Eterno, ativando a memória desta comunidade trindadense, mantendo o passado vivo no presente, fazendo assim projeção para o futuro, por meio das imagens que são projetadas no imaginário, pois ao observarem seus monumentos é que as manifestações são revividas.

Nas festas percebe-se, por um lado, que a memória indica uma crise de identidade, mas por outro lado provoca um fortalecimento, como afirma Abib (2007). No entanto, por várias razões, existe a necessidade de movimentos que reorganizam a memória, podendo gerar cisões, separações nos grupos, levando as crises. Assim, pode-se notar que as práticas do passado chegam ao presente, revelando características culturais, que identificam o lugar por meios simbólicos.

Como na festa em Trindade que é considerada também, uma festa popular de bens patrimoniais de natureza imaterial, carregada de simbologia, sendo identificada pela sua religiosidade, missas, músicas, carros de bois, imagens de santos e adereços, produzidos por aqueles que participam das manifestações, que representam o lugar e a sua região, transmitindo ao longo dos anos esse aparato simbólico que na atualidade tenta atender as exigências locais e globais.

A memória contribui para coesão da coletividade, a devoção, a expressão da fé, em que há momentos de reencontros e nostalgias: “A memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo” (SILVA, 2002, p. 427).

A reconstrução do passado através da memória passa pelas recordações comuns a um coletivo de pessoas que tenham vivenciado os mesmos fatos. A partir da experiência compartilhada, a memória dos conhecimentos se faz presente tanto para o sujeito individual, como para o “outro”, enquanto coletividade. (Halbwachs, 2006).

Esse ato de trazer a memória escreve uma nova história, “a história popular”, que está no centro da noção de patrimônio cultural, no qual abrange o imaterial, o intangível.

O patrimônio imaterial, as diferentes experiências dos grupos, as comunidades carregadas de memórias, relações sociais e simbólicas, a cultura popular, celebrações, as festas, a religiosidade, as danças, a musicalidade, as comidas e bebidas, as artes, os artesanatos, ritos, mitos e mistérios, a história oral e tantas outras expressões devem ser preservadas, pois fazem o nosso país culturalmente tão rico e diversificado.

A festa, os romeiros e o santuário do Divino Pai Eterno são o grande cenário na memória das pessoas que acreditam na Santíssima Trindade e são devotos à Virgem Maria. Essas comunidades seguem rituais que vem da memória e tradições dos seus pais e avós, na importância desta festa religiosa como parte de sua história e preservação da cultura local e regional, reconstroem e repensam o passado com o jeito da atualidade, influenciado pelos mecanismos da modernidade. A festa envolve toda comunidade local por conseguir reunir, em um único evento, cultura, turismo e manifestação pública da fé das pessoas. Além de manter a tradição, repassando de geração em geração, a festividade movimenta também a economia local e o poder da igreja.

A festa do Divino Pai Eterno, que perpassa o século, é uma manifestação cultural popular da comunidade, em que está representado por elementos simbólicos como a adoração a Santíssima Trindade e rituais pautados nas ressignificações de costumes e valores. O termo cultural aqui abordado é defendido por Geertz (1989), como o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo.

A cultura é uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca (GEERTZ, 1978, p. 15).

A festa popular em gratidão ao Divino Pai Eterno em Trindade é representada como possibilidade de construção de uma memória, e tem grande significado, na preservação do sentido da fé dessa comunidade, levando a uma aproximação da comunidade com os participantes da festa e com o Divino. Garantindo assim a identidade cultural local representada pela religiosidade dos devotos e na apropriação simbólica desse espaço.

Catroga (2001) identifica três níveis de memória: a protomemória, a memória-habitude e a metamemória. A protomemória, diz respeito a um conceito mais passivo, sendo boa parte ao nosso habitus e a nossa socialização, sendo fonte dos automatismos. O conceito da memória-habitude é a memória propriamente dita, se refere à recordação e ao reconhecimento. E a metamemória se relaciona com as representações que o indivíduo faz do que viveu. Os dois últimos conceitos apresentam caráter mais ativo, que o sujeito e a coletividade buscam a anamnese. Essas categorias “também remetem para a maneira como cada um se filia ao seu próprio passado e como, explicitamente, constrói sua identidade e se distingue dos outros” (CATROGA, 2001, p. 15).

A memória se sobressai no embate entre os diversos campos mnésicos (coletivos e individuais) e na tensão tridimensional do tempo (passado, presente, futuro). Catroga (2001) faz referência ao trabalho de Koselleck (2006) e acredita que o sujeito se recorda, conforme seu espaço de experiências e suas expectativas, sendo a memória constituída a partir dessa vasta rede relacional.

Grande parte do que somos hoje interage não somente com memórias próprias, mas com uma série de outras memórias de outros indivíduos e sociedades. O autor nos propõe refletir, que as memórias individuais e coletivas se unem para formar uma identidade memorial¹⁴, como afirma Tzvetan Todorov:

¹⁴ Para Paul Ricoeur, a tensão entre memórias coletivas e individuais não é fácil de ser resolvida. Ele tenta discutir o que chama de “olhar interior” e “olhar exterior” onde chega à conclusão de que: “nem a sociologia da memória coletiva nem a fenomenologia da memória individual conseguem derivar, da posição forte que ocupam respectivamente, a legitimidade aparente da tese adversa: coesão dos estados de consciência do eu individual, de um lado; capacidade das entidades coletivas de conservar e recordar as lembranças comuns, do outro” (RICOEUR, 2010, p. 134).

A recordação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto individual como de grupo. Um e outro também se definem, evidentemente, por sua vontade no presente e seus projetos de futuro; mas não podem prescindir dessa primeira lembrança (TODOROV, 2002, p. 199).

A memória individual é formada de várias memórias em permanente construção. Segundo Ricoeur (1996; 1997), recordar a si mesmo é um ato relacional, ou melhor, de alteridade, a consciência do eu se matura em correlação às camadas morais, não só as diretamente vividas, mas também as adquiridas.

Assim, a memória envolve uma dimensão coletiva e que os grupos (os quadros sociais) estão presentes na constituição do indivíduo enquanto sujeito histórico, marcando sua visão de mundo¹⁵. Mais especialmente, nas comemorações como a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade e nos trabalhos produzidos com o intuito de homenagear esta cidade, instituição ou personalidades, as fronteiras entre memória e história são reduzidas, marcando o "lugar social" em que o historiador realizou seu trabalho. Entre a *amnésie* e *anamnese*, as memórias definem padrões identitários de uma sociedade, que as identidades individuais e coletivas são formadas.

Catroga (2001) não concorda com a visão de que "a história só começa no ponto onde termina a tradição, no instante em que se apaga ou se decompõe a memória social" (HALBWACHS, 1990, p. 38). Para ele, a história e memória podem imbricar-se, interrelacionam-se, e a história da historiografia, especialmente, pode representar um terreno fértil para observar e analisar essas conexões, na historiografia, a memória deixa de ser adversária para ser aliada.

A tradição transmite a história, que liga o passado e o presente, mantendo como referência os valores construídos e preservados ao longo do tempo, sendo importante destacar que esta se transforma e adquire novos significados a cada tempo e sociedade. Guardando, porém, muito de sua essência.

Halbwachs (2006) e Nora (1993) consideram a história e memória como polos opostos, sendo a memória algo dinâmico, "vivo", dialético, enquanto a história é algo

¹⁵ Ricoeur entende que a linguagem articula uma relação entre a lembrança individual (apenas os indivíduos lembram) e sua dimensão social, coletiva, (própria da fase "declarativa da memória"), que ocorre quando "a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. Ora, pronunciado esse discurso costuma ocorrer na língua comum, a língua materna, da qual é preciso dizer que é a língua dos outros" (RICOEUR, 2007, p. 138)

estático, universal que "deslegitima o passado vivido", especialmente quando diz respeito a uma história produzida dentro de um universo de festividades.

A história não é memória, e que o historiador é responsável pela coleta das lembranças dos sujeitos entrevistados, podendo compará-las entre si, confrontá-las com documentos e objetos, estabelecendo fatos. A história levar em conta a memória, mas não fica presa somente a ela. Portanto, concorda-se com o pensamento de Halbwachs (2006) e Nora (1993), quando afirmam que a história é estática e "deslegitima o passado vivido", pois acredito que precisa da atuação da memória, esta que está sempre em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Para Nora, se não há mais memória o que resta agora são os lugares de memória, ocupado pelos museus, essa são as formas de acessar o passado, que é descontínuo e fragmentado. É através dos objetos que a memória vai se inscrever na sociedade moderna. Os museus são chaves para acessar um mundo que muda com a aceleração da contemporaneidade.

Chartie (2007), pontua que a história se fundamenta sobre um saber universal aceitável, para a memória e que a presença do passado no presente é fundamental para a legitimação de certos saberes ou hierarquizações e para articular as narrativas do passado vivido à percepção do presente pretendido.

Segundo Fernando Catroga, quando o debate é história e memória, a discussão de boa parte dos historiadores caminha no sentido de uma radical diferenciação.

Só um cientismo ingênuo pode aceitar a existência de uma radical separação entre a retrospectiva da memória e a retrospectiva historiográfica, tanto mais que ambas não são exclusivamente criadas pela imaginação e, ainda que por vias diferentes, aspiram ao verossímil, seja por fidelidade ou por verídico. [...] Pensando bem, as características apresentadas como típicas da memória (seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança, representação) encontram-se, igualmente, no trabalho historiográfico, sobretudo porque, hoje, este não se restringe à busca de explicações por casualidade mecânica, elevada a deus ex machina da visão linear, acumulativa, homogênea e universalista. Afinal, a historiografia contemporânea, como saber mediato e mediado, também opera com a ideia de não continuidade do tempo e não reconhece a existência de um vazio entre o sujeito-historiador e o seu objeto (CATROGA, 2015, p. 53-54).

Entende-se que as festividades como a do Divino Pai Eterno em Trindade estão mergulhadas em uma emoção particular que resulta da fusão entre passado e

presente o que abre as portas para ações futuras e torna mais explícita a temporalidade que confere sentido à história nas sociedades em questão.

Na Festa do Divino Pai Eterno, a memória de um grupo pode ser narrada e passada de geração a geração, não se perdendo a tradição da comunidade de Trindade, sendo sustentada pela narrativa e pela memória. Segundo Catroga (2001) é da essência da memória que traduz a necessidade de “continuar a narrar”, o acontecido através da mesma narrativa, a fim de contra a amnésia se manter e transmitir viva a presença do que passou.

Nesse contexto destacam-se aqui mais algumas narrativas dos participantes da pesquisa, em resposta a respeito da seguinte pergunta: “Como os homens e mulheres da cidade de Trindade que participam da Festa do Divino Pai Eterno, transmitem essa tradição desta festa para seus filhos e parentes?”. Assim, analisamos que todos responderam e que esta tradição está presente na memória dos trindadenses de várias formas, como citado aqui em alguns depoimentos:

Levo meus filhos comigo a festa desde que nasceram. (Entrevista 24/2021)

Através de exemplo, ou seja, levando e mostrando a religiosidade. (Entrevista 26/2021)

Participando junto dos eventos e conversando a respeito da importância e significado. (Entrevista 27/2021)

Contando a origem da festa. E também com a participação presencial. (Entrevista 30/2021)

Antes por via oral e fotos, hoje por vídeos. (Entrevista 34/2021)

Os levando para participarem. E compartilhando as histórias. (Entrevista 35/2021)

Com os registros dos entrevistados 24, 26, 27, 30, 34 e 35 percebe-se que mesmo na atualidade com todas as dinâmicas ocorridas até hoje a tradição ainda é repassada de geração e geração, não se perdendo essa tradição. Entende-se, portanto, que tradição na atualidade, o profano e o sagrado serão evidenciados a memória e a lembrança evocadas pelos acontecimentos durante as dinâmicas presentes no decorrer desses.

A tradição se evidencia nos depoimentos dos entrevistados. A memória viva aparece em algumas narrativas como, por exemplo, a Entrevista 35/2021, que compartilha as histórias dos seus antepassados, a Entrevista 24/2021 que afirma

levar o filho desde que nasceu a festa e também a Entrevista 34/2021 que passa essa tradição por fotos e vídeos. Contudo, os novos valores integram-se aos antigos, levando essa tradição até a contemporaneidade.

2.3. AS FESTAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

Entende-se que, além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de patrimônio cultural, legados de gerações anteriores, são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individual e permitem aos sujeitos lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver percepções de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva.

Nesse sentido, a ideia de preservação, identificação, registro, proteção, tombamento, divulgação e promoção do que seja o patrimônio cultural da nação, torna-se motivo, constante, de investigação, atrelada a diferentes abordagens, com vistas a se construir, continuamente, o seu significado como bem cultural, identidade, memória e cidadania (RODRIGUES, 1999, p. 147).

Durkheim (1996), por exemplo, argumentava que a própria ideia de cerimônia religiosa desperta naturalmente a ideia de festa. Para ele, a ideia de cerimônia religiosa e a ideia de festa estão interrelacionadas. No seu oposto, toda a festa pode em suas origens apresentar características de cerimônia religiosa, tendo como efeito, “aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência”.

Assim, nota-se que na Festa do Divino Pai Eterno há uma mistura de fiéis de todas as partes, que por muitas vezes mobiliza a cidade de Trindade e proporciona uma dinâmica iniciada pela entrada dos romeiros na cidade, de carro, a pé pela via dos romeiros e também com seus carros de bois seguindo com as suas famílias e intensificando em direção ao santuário.

Nela ocorre a celebração preparada para os carreiros no primeiro sábado do mês de julho às 17h acontecendo uma apoteose, que se une com todos nesta procissão, marcada pela festa no santuário, que finaliza mais uma romaria com a certeza de que no ano seguinte os mesmos romeiros, estarão agradecendo e louvando os benefícios alcançados.

Segundo Dantas (2002), as festas religiosas são eventos coletivos em que, a “sociedade pode ter uma visão não rotineira de si mesma”. Com seus ritos, representados pelas procissões, são categorias que assumem importância na organização social e na cultura da sociedade regional/local.

Os romeiros e devotos que fazem parte da Festa do Divino Pai Eterno trazem em suas vidas uma tradição que perpassa de geração em geração até os dias de hoje. Que para Hobsbawan (1997, p. 9), uma tradição surge com o propósito de socialização, inculcação de ideias, valores, estabelecendo práticas rituais que identifiquem, legitimem e dê coesão a determinado grupo.

As práticas de natureza rituais ou simbólicas, através da repetição, inculcam certos valores e normas e dão continuidade em relação ao passado. Desse modo, o espaço festivo reproduz os rituais das gerações passadas, reforça as tradições, repete códigos comportamentais e também cria novos códigos (BELTRÃO, 1980, p. 40).

As festas desempenham na cultura religiosa um papel importante no contexto da sociedade local, estão presentes anseios, crenças, expectativas e valores. Contudo, Dantas (2002) possibilita “afirmar identidades, reutilizar tradições e mitos, criar novas formas de expressão, dramatizar situações e afirmações de um grupo cultural”, e delineando a cultura religiosa.

O local da festa poderá influenciar sua trajetória e também, ser influenciado pelas trajetórias dos diferentes componentes, que se interrelacionam, se reconfiguram e se estabilizam incessantemente. As festas são manifestações da cultura de um determinado povo, fazendo parte de seu patrimônio cultural.

A cultura é um conjunto de técnicas, saberes, atitudes, ideias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos e/ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um (CORREIA, 1999, p. 51).

Os valores e crenças são expressões que nos permitem compreender como alguns grupos sociais organizam-se no ambiente em que vivem, podendo permanecer ou modificar em função do dinamismo dos grupos que lhes dão origem. Assim, entendendo a festa como manifestação cultural de um povo, pode se considera-la tão dinâmica quanto à própria cultura, podendo se modificar com o

tempo de acordo com as relações estabelecidas. Compreende-se aqui a cultura enquanto produto simbólico e enquanto processo social (RIBEIRO JUNIOR, 1982).

Assim, a partir do entendimento da festa como manifestação da cultura de um povo, deve-se considerá-la tão dinâmica quanto à própria cultura, modificando-se com o tempo e de acordo com as relações estabelecidas, ou seja, ela "[...] existe em processo, em movimento, convive com a realidade dinâmica do cotidiano e transforma a si própria sempre que necessário" (CALVENTE, 2004, p. 10).

Alguns elementos da cultura são considerados como patrimônio de uma sociedade, tornando-se importantes para as pessoas que fazem parte dela, pois na relação com o patrimônio é que se resgata a história e memória de um povo e nas dinâmicas ocorridas é que percebemos mudanças que podem ou não ocorrer em sua trajetória.

Com a leitura do livro "Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações", os autores Mércia Socorro Ribeiro Cruz, Juliana Santos Meneses e Odilon Pinto, descrevem sobre as "As festas e as celebrações na construção das relações sociais", afirmam que as festas e comemorações populares sempre fizeram parte da vida do homem. Eles citam alguns autores que falam da importância dessas manifestações populares. Beltrão (*apud* TRIGUEIRO, 2007, p. 107) afirma que "a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos, com os quais ela se identifica".

A festa é uma manifestação religiosa que se observa não só o fazer artístico, mas também as relações sociais, que perpassam pela realização dessa manifestação, que traduz a linguagem, o pensar, o fazer e o sentir de um povo.

Segundo Mazoco (2007), as festas são momentos sociais, os homens reafirmam laços, se unem e constroem suas identidades sociais. Afirma ele que conforme as transformações pelas quais as festas e comemorações populares vêm passando ao longo do tempo, vão surgindo novas maneiras de se relacionar.

A Festa do Divino Pai Eterno inclui-se nesta pesquisa como um espaço de sociabilidade e espaço público na cidade de Trindade – GO, com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros, que contribuiu muito para as dinâmicas sociais e a festa em si, com todos os seus eventos são vistas como espaço cultural que se misturam.

Em dias de eventos festivos, a população da cidade de Trindade com os participantes que chegam de fora, por meio de práticas culturais, de troca, consumo e circulação de sujeito e bens simbólicos, incluindo as carreatas (os romeiros dos carros de bois), às procissões, as missas, a via dos romeiros (onde fazem a peregrinação por meio da fé), o comércio, as barracas e outros.

Nesse evento que produzem a cada atividade realizada, participando também na organização dessa festa, sentimentos de pertencimento ao lugar (a rua e o bairro), transmitindo, portanto, uma troca de saberes apreendidos por meio de vivências pessoais de geração a geração, a cada evento.

Assim cito aqui, uma das entrevistas 1/2021 da pesquisa de campo, que refere de que forma participa socialmente da Festa do Divino Pai Eterno e contribui na organização desta festa:

[...] Na época da qual professa a fé católica eu participava tanto da parte religiosa (novenas, missas, procissões, entre outras atividades) e da festa (bingos, passeios nas barracas, parques, comidas típicas e tradicionais da festa). [...] Já participei, em grupos de evangelização e no comércio venda de marmitas. E também já participei muito das atividades festivas que a festa proporciona. (Entrevista 1/2021)

Rafael (2018) destaca que as festas populares resultam de planejamento e organização, sendo elaboradas de acordo com as regras de cada comunidade, englobando atividades vinculadas à tradição, aos rituais, e interligados a uma ideologia composta por simbologia, valores e crenças que se manifestam durante a festividade, ao mesmo tempo em que representam uma forma de agregação dos indivíduos e aproximação desses com suas identidades.

Em adição, para que se entenda a festa é imprescindível considerá-la como elemento responsável pela construção dos espaços, proporcionando sentidos aos lugares e constituindo territórios, os quais passam a ter significados materiais e simbólicos. Ele chama de “serviço religioso”, pontuando a grande integração de pessoas de outros lugares, mas, sobretudo, a mistura do sagrado e profano.

Parker (1996, p. 53) afirma que cultura popular não é sinônimo de cultura da pobreza, e sim, resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, num processo em que os setores subalternos realizam uma elaboração específica de suas condições de vida por meio de uma interação conflitiva com setores hegemônicos da sociedade.

As festas e a cultura popular não são estáticas, estão sempre em processo de modificação no decorrer dos anos pelas suas dinâmicas sociais, interação e comunicação, na atualidade pode se alcançar um número bem maior de fiéis e expectadores devido à melhoria do local e fatores de comunicação como a televisão, internet, rádio e jornais.

A festa é dinâmica, se reinventa, transforma e está inserido na globalidade, agregando novos símbolos, mas sempre formuladas a partir do tradicional, da fé, do ritual, das cores, dos cheiros e dos valores.

Mas também podemos ver uma grande contraposição em que os mendigos também fazem parte desse cenário em uma outra dimensão, procurando alimentos para matar a fome. Eles ocupam os espaços externos sempre em frente ao santuário velho ou novo e nas escadarias, em que passam os fiéis pedindo resto de comida ou esmolas. Muitos se encontram doentes ou nas cadeiras de rodas e arriscam a própria vida viajando de longa distância, sem proteção e, na maioria das vezes, marginalizados pela própria sociedade, outros são carregados por parentes ou ficam à mercê de pessoas caridosas que as ajudem a deslocam-se para Trindade durante o período que ali permanecem e comemoram quando ganham dinheiro ou alimentos. Eles também acreditam na certeza que o Divino Pai Eterno irá curar, alimentar e diminuir suas aflições. Ao mesmo tempo em que a mendicância representa as condições políticas e sociais do Brasil caracterizando as diferenças demarcadas pelo sistema capitalista, dá oportunidade de tornar real a prática cristã da caridade.

O evento da Festa do Divino Pai Eterno em Goiás é a maior festa religiosa da região Centro-Oeste, sendo considerada a segunda maior do Brasil, onde em 2019, passaram 3,2 milhões de romeiros pela cidade.

Depois de rezarem e deixarem votos, os festejos promovem a reunião dos carreiros com a comunidade e com outros. No espaço considerado profano, o forró, as barracas que servem frango assado, entre outras iguarias, bebidas favoreceram com o aumento da população, a violência como: roubos, assassinatos e prostituição. Trindade é considerada a 26ª mais violenta do país e 4ª no estado, com 69,8.¹⁶

¹⁶ Levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – Atlas da Violência 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784. Acesso em: 25 maio 2022.

O espaço de devoção à santidade; ou seja, a fé (sacralidade) e a farra (profanidade) são elementos que se atraem, divergem, mas não se excluem

Destaca-se aqui mais uma resposta da entrevistada 1/2021, realizada na pesquisa de campo em relação à Festa do Divino Pai Eterno e as mudanças ocorridas após a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros. Nesta entrevista podemos perceber uma visão mais romântica da festa em relação ao aumento da violência nos últimos anos:

Trindade vem desenvolvendo, crescendo e tem apresentado nova roupagem, digamos característica de uma Cidade em crescimento em vários sentidos, educacional, econômico, social, político e cultural. As mudanças são maiores, organização, mais, higiene, uma fiscalização mais atenta e monitorada. Houve um grande aumento de pessoas de outros estados e países visitando e participando da Tradicional festa de Trindade. (Entrevista 1/2021)

As festas populares, principalmente as religiosas, são repletas de significados e signos, apresentando como fonte principal uma tradição de origem, tendo o símbolo da fé um elemento de admiração e adoração que dá sentido à festa. Sendo assim a festa atrai o indivíduo a um coletivo que trabalha para o símbolo desta tradição e pela festa.

Atenta-se então que a Festa do Divino Pai Eterno são espaços também de momentos sociais, nos quais os indivíduos reafirmam e praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem, construindo suas identidades sociais. Nelas as representações da existência de um grupo, apresentam seus traços culturais. E que conforme as transformações pelas quais esta festa e comemoração popular vêm passando ao longo do tempo, vão surgindo novas maneiras de se relacionar.

As festas e comemorações populares são entendidas, portanto, como ativadoras das relações humanas, apresentando uma interação com o outro e que relações coletivas são recriadas e reinventadas ao incorporar características culturais diversas.

2.3.1. As festas religiosas: o caso da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade

As festas religiosas católicas se destacam nacionalmente, tais como: Festa do Bom Jesus, em Bom Jesus da Lapa, Bahia; Festa do Bonfim, em Salvador, Bahia; Festa do Círio de Nazaré em Belém do Pará; Festas Juninas e Folia de Reis. Bom

Jesus da Lapa é um município que fica localizado no estado da Bahia, na região oeste, situado a 850 km da capital, com mais de sessenta mil habitantes. Nesta cidade encontra-se uma das maiores romarias do Brasil, conhecida como Romaria Bom Jesus, que acontece no mês de agosto com participação de aproximadamente 1,2 milhão de romeiros. Lá fica exposta em uma gruta a imagem de Cristo Crucificado, sendo o objeto de devoção (SANTUÁRIO DO BOM JESUS DA LAPA, 2015).¹⁷

Nessa festa ocorre a lavagem das escadarias da Basílica do Bonfim todos os anos, tendo como tradição a participação das baianas de 5 a 15 de janeiro, que vem em cortejo na quinta-feira que antecede o domingo do encerramento do evento. As baianas partem da Basílica da Conceição da Praia, no bairro do Comércio, e seguem em direção à Colina do Bonfim (LAVAGEM DO BONFIM, 2015).¹⁸

O Círio de Nazaré, realizado em Belém do Pará, é uma das maiores procissões católicas do Brasil. Reúne, anualmente, cerca de dois milhões de romeiros em uma caminhada em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré (Mãe de Jesus). O termo “Círio” tem origem na palavra latina “cereus” (de cera), que significa vela grande de cera. Por ser a principal oferta dos fiéis nas procissões em Portugal, com o tempo passou a ser sinônimo da procissão de Nazaré em Belém e em muitas outras cidades do interior do Pará. Segundo o Santuário Basílica de Nazaré, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal.

A imagem original da Virgem pertencia ao Mosteiro de Caulina, na Espanha, e teria saído da cidade de Nazaré, em Israel, no ano de 361, tendo sido esculpida por São José. Em decorrência de uma batalha, a imagem foi levada para Portugal, onde, por muito tempo, ficou escondida no Pico de São Bartolomeu. Em 1119, a imagem foi encontrada. A notícia se espalhou e muita gente começou a venerar a Santa. Desde então, muitos milagres foram atribuídos a ela.

No Brasil, em 1700, às margens do igarapé Murutucú (onde hoje se encontra a Basílica Santuário), Plácido José de Souza encontrou uma pequena imagem da Senhora de Nazaré. Após o achado, ele teria levado a imagem para a sua casa e, no outro dia, ela não estaria mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a “Santinha”. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao

¹⁷ SANTUÁRIO DO BOM JESUS DA LAPA. O Santuário. 2022. Disponível em: <<http://www.bomjesusdalapa.org.br/site/historia/o-santuario.html>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

¹⁸ GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Lavagem do Bonfim. Secretaria de Turismo. 2021. Disponível em: <http://bahia.com.br/viverbahia/festaspopulares/lavagem-do-bonfim/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela. Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. O primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793 e, a partir de 1901, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro (DOSSIÊ IPHAN I, CÍRIO DE NAZARÉ).¹⁹

As Festas Juninas são realizadas em todo território nacional no mês de junho, homenageia Santo Antônio, São João e São Pedro com danças típicas, fogueiras, balões, músicas e partos típicos. Esta festa é realizada em todo o Brasil, nas cidades de Caruaru (PE), a capital do forró e em Campina Grande (PB), o maior São João do mundo (THE CITIES, 2015).²⁰

A Folia de Reis acontece em várias regiões do país, em especial nos pequenos municípios, entre o mês de dezembro próximo ao Natal e seis de janeiro dia dos Reis Magos. Trovadores e músicos passam pelas ruas, entrando nas casas, rezando, cantando músicas e recitando versos em homenagem aos Três Reis Magos que foram a Belém para o nascimento de Jesus Cristo. O grupo recolhe doação para a Folia em troca de uma bandeira colorida com fitas e santinhos (THE CITIES, 2015).

O estado de Goiás apresenta também algumas festas religiosas de grande importância e conhecimento, tais como: Cavalhadas em Pirenópolis, Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás, Congada em Catalão e a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, está sendo abordada mais profundamente na dissertação.

A Cavalhada de Pirenópolis trata-se da encenação tradicional entre mouros e cristãos e os mascarados (representando o povo) que reproduz as antigas batalhas medievais, que acontece anualmente no mês de maio. Os próprios moradores da cidade vestem roupas coloridas e montam cavalos enfeitados e saem pelas ruas a galope, fazendo algazarra. A encenação dura três dias e ao final, os cristãos vencem os mouros, que acabam se convertendo ao cristianismo (CAVALHADAS, 2015).²¹

A Procissão do Fogaréu ocorre na Cidade de Goiás. Na meia-noite da quinta-feira da Semana Santa, os postes de luz do Centro Histórico da Cidade de Goiás se

¹⁹ Dossiê IPHAN I - Registro Círio de Nazaré 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf. Acesso em: 23 maio 2022.

²⁰ The Cities. **As principais festas do Brasil**. Disponível em: <http://www.thecities.com.br/Artigos/Brasil/Cultura/Festas_populares/As_principais_festas_do_Brasil/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

²¹ Cavalhadas 2015. **Portal do turismo de Pirenópolis**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br/agenda/eventos/Cavalhadas+2015/2015-05-24>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

apagam, tendo início a Procissão do Fogaréu ao som de tambores e a luzes das tochas. Moradores e voluntários, também participam encapuçados (os farricocos) e com as tochas na mão seguindo o ritual a procura e a prisão de Cristo, representando os soldados romanos. Com a presença do coro com cantos em latim. A procissão é acompanhada por aproximadamente dez mil pessoas e a cerimônia dura cerca de uma hora (FOGARÉU, 2015).²²

A congada é realizada em Catalão, que comemora a Nossa Senhora do Rosário. Manifestação religiosa que ocorre sempre no mês de outubro, há mais 130 anos. Essa manifestação religiosa é uma das maiores do território nacional, ocorre por volta de 1820, que chegaram à Vila do Catalão os escravos semilibertos para o trabalho nas lavouras de café e levaram consigo suas crenças, seus usos e seus costumes; surgindo daí o louvor à Nossa Senhora do Rosário.

Essa comemoração traz uma mistura de catolicismo e ritos afros. É uma festa que ocorre na última sexta-feira de setembro, no segundo domingo de outubro, quando os dançarinos saem à rua com suas vestimentas coloridas e com seus cantos, sempre agradecendo a nossa padroeira pelos benefícios adquiridos (CONGADA DE CATALÃO, 2015).²³

O catolicismo popular, segundo Souza (2013), abrange um conjunto de práticas e crenças que são compartilhadas pelos fiéis e que pode existir simbiose, a margem ou em oposição às crenças e práticas definidas como válidas, ou que sejam aceitas pela Igreja. Portanto, o conceito do catolicismo popular é o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja, ou com uma margem de autonomia maior, ou menor em relação à instituição.

Ele descreve sobre o contraste dos fiéis de costumes e práticas de caráter tradicional, sendo transmitidos de geração em geração com alterações vistas como sacrílegas, ou perda de respeito, e a maioria dos seus praticantes é de setores mais pobres, menos escolarizados do meio rural. Apresentando um contraste, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo as, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da

²² Vila Boa de Goiás. Artigos sobre a Procissão do Fogaréu. Disponível em: <<http://www.vilaboadegoias.com.br/fogareu.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

²³ Congada de Catalão. Biblioteca da Cultura Tradicional Brasileira. Disponível em: <<http://www.encontrodeculturas.com.br/encontroteca/grupo/congada-decatalao#.VXOZus9Viko>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

população. Assim, com esse entendimento percebe então a divisão de classe e de poder.

Conforme o autor, o catolicismo popular é dinâmico e não é avesso à modernidade, é uma expressão religiosa que muda de forma e posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo em que faz parte. Mas por outro lado, existem algumas manifestações arcaicas que sofrem radicalmente o impacto da modernidade, chegando mesmo a desaparecer, o que não impede que pontes e mecanismos de adaptação sejam criados.

Souza (2013) estuda as quatro vertentes básicas do catolicismo popular: a festa, a procissão, a romaria e o milagre. Sobre as festas, o autor pontua a aproximação das festas católicas com as festas profanas, o excesso e as normas que não é necessariamente uma prerrogativa das festas cristãs, enfatiza sobre a importância do saber comportar em uma festa. Por isso, a Igreja católica tem um papel importante na organização das festas religiosas com a função de normatizar e regulamentar.

A Festa para o autor é um ato híbrido de socialização que está diretamente ligada à memória e identidade. Para ele, as festividades católicas são construídas como práticas essenciais para a construção da identidade, proporcionando uma ligação entre os que comemoram sua crença se identificando como fiéis do culto católico e se diferenciando daqueles que não seguem sua fé, mas que se ligava a um passado reconhecido e validado pela fé. Afirmando assim que a festa, a memória e identidade estão intimamente ligadas.

Em relação às procissões, Souza (2013) faz uma reflexão sobre seus significados e sentidos, como fenômeno religioso e como expressão da ação institucional e de interesses políticos e sociais por elas representadas. Com o objetivo de tornar claro o sentido híbrido do religioso e do profano a partir dos interesses políticos e sociais representado pela hierarquia durante o desfile.

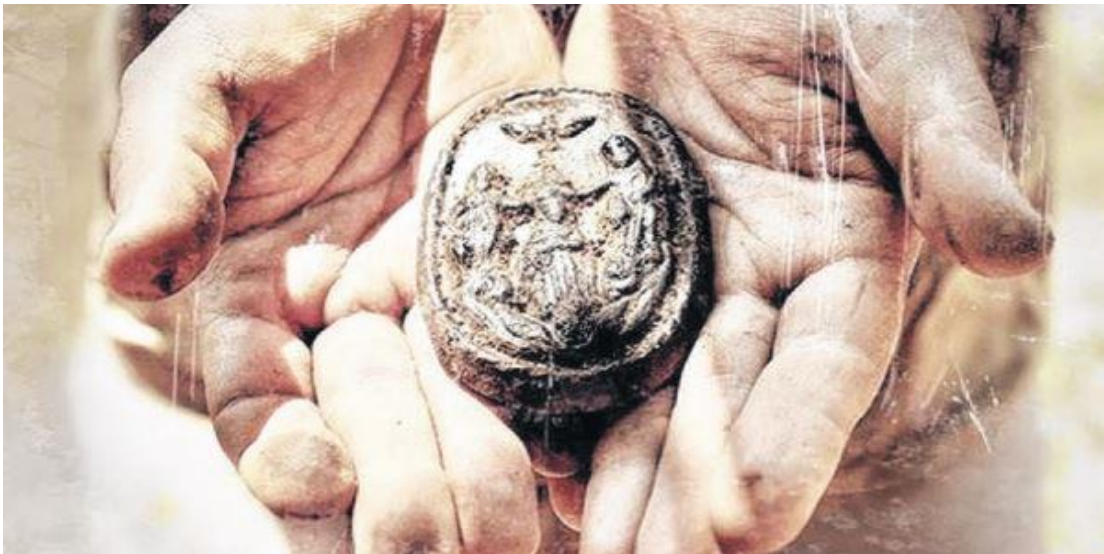
No caso das romarias descreve as motivações dos riscos sociais e sumários, a estrutura das romarias como fenômeno histórico-social e suas relações que nem sempre são cordiais e às vezes até ambivalentes com a instituição católica. Buscando como objeto de estudo o sentido simbólico das romarias, a busca por um lugar sagrado, situando no centro do universo.

Assim, pontuam os milagres como a dimensão popular da crença dos milagres, buscando conceituá-los por meio da discussão milenar que colocou de um

lado os cristãos que os defendiam e do outro lado os autores que, principalmente a partir do século XVII, buscaram colocar em questão sua possibilidade.

A Festa do Divino Pai Eterno, também conhecida como Festa de Trindade é um evento cultural, uma celebração religiosa católica e tradicional que ocorre todos os anos na cidade de Trindade-Goiás. Essa festa ocorre por dez dias, da última sexta-feira de junho ao primeiro domingo de julho, que atrai católicos de todas as partes. A festa é um registro popular, marcado pela romaria, os fiéis se deslocam de suas cidades, sendo a maior peregrinação da região Centro-Oeste, e a segunda maior festa religiosa do Brasil, em público presente. Atrai cerca de 2,4 milhões²⁴ de visitantes nos 10 dias de celebração, e está ligada às suas crenças, envolvendo as tradições das práticas e celebrações religiosas, no que tange à religiosidade e o imaginário da fé.

Figura 5 - Medalhão de barro que deu origem à tradição de fé em Trindade-GO.



Fonte: <https://www.dm.com.br/cotidiano/2017/06/o-icone-da-divindade/>

Por volta de 1840, já existia em terras pertencentes a Campinas ou Campininha das Flores, um aglomerado urbano, conhecido por Barro Preto. Conta-se que, em seus arredores, numa olaria de propriedade de Constantino Xavier Maria e Ana Rosa de Oliveira Xavier Maria, foi encontrada uma pequena imagem de barro, em formato de medalha, representando a coroação da Virgem Maria pela

²⁴ IESA - Instituto de Estudos Socioambientais - **Festas Populares/UFG**. Escritor Tito Oliveira Coelho. Disponível em: <https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/545-festa-do-divino-pai-eterno>. Acesso em: 20 maio 2021.

Santíssima Trindade. De posse da medalha, o casal Constantino Xavier e Ana Rosa, levado pelo espírito religioso, juntamente com pessoas ali residentes, passaram a rezar o terço diante da imagem. Com o ajuntamento de mais pessoas para o ato religioso, Constantino Xavier construiu, em 1843, uma capela coberta com folhas de buriti.

Com a crescente motivação pela fé e o número de pessoas cada vez maior, Constantino, com as esmolas oferecidas à Santíssima Trindade construiu em 1866 uma nova capela, a capela do Santuário, que permanece até hoje. Nesse mesmo período, Constantino e Ana Rosa doaram ao patrimônio do Divino Pai Eterno, um terreno, que saía do morro Cruz das Almas e passava pelo Córrego Barro Preto até completar uma légua.

Situado em Trindade, cuja posse real pelos padres redentoristas foi determinada por usucapião em 1948, constando no livro de registro de imóveis da Comarca pelo nº 3.648²⁵. Algum tempo depois, na tentativa de recompensar a fé dos devotos, Constantino Xavier encomendou, em Pirenópolis, a um renomado artista goiano, Veiga Valle, uma imagem da Santíssima Trindade em tamanho maior, mas exatamente igual ao Medalhão de Barro encontrado às margens do Córrego Barro Preto.

Quando soube que a imagem estava pronta, Constantino seguiu a cavalo para a cidade de Pirenópolis na finalidade de trazê-la, mas verificou, ao chegar no destino, que o preço cobrado pelo artista era maior do que a importância que carregava. Constantino não pensou duas vezes, vendeu o cavalo e trouxe-a a pé de Pirenópolis a Trindade a imagem do Divino Pai Eterno. Mesmo representando a Santíssima Trindade-Pai, Filho e Espírito Santo, a imagem é venerada até a atualidade apenas como Divino Pai Eterno. Ao que se sabe, Trindade tem o único santuário do mundo que venera a figura de Deus Pai.

²⁵ IBGE. 2022. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=33603&view=detalhes>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Figura 6 - Imagem do Divino Pai Eterno, esculpida em madeira pelo Artista Plástico Veiga Valle.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Imagem_Original_e_Milagrosa_do_Divino_Pai_Eterno.png

Oobserva-se que na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO apresenta as quatro vertentes, que Souza (2013) pontua em seu livro. Festas, procissões, romarias, milagres. Na Festa do Divino Pai Eterno os fiéis seguindo em procissão até a Igreja Matriz nos faz refletir que esse ato não é somente religioso, mas que também tem influência política e social, tornando híbrido, que apresenta, portanto, o ato religioso e também profano.

E os romeiros que se direcionam a Trindade em seus carros de bois, com sua cultura tradicionalmente rural, chamado de “catolicismo rústico” e ao mesmo tempo, apresentando a possibilidade de dialogar com os aspectos da cultura urbana, marca essa festa como um registro do catolicismo popular, vindo em grupos, às vezes a pé, em jejum ou em silêncio demonstrando pela dor a sua crença em busca do lugar sagrado e também de um milagre. Pois, mediante a invocação do Divino Pai Eterno o devoto almeja um milagre, como fruto da fé, que é uma realidade abstrata, que só pode ser sentida por quem tem.

Assim, o autor afirma que o milagre pode ser ritualizado e os seus efeitos tornam inalterados, dotados de uma força transcendente e milagrosa, visto como irracional e incompreensível, buscando na esfera divina, meios para atenuar ou anular consequências da ação destas forças.

Cardoso (2005) afirma que durante a realização da Festa do Divino Pai Eterno, quando a cidade recebe pessoas de toda parte do país e do mundo, todas as empresas ligadas, direta ou indiretamente, ao turismo religioso operam

intensamente. Pousadas, hotéis, restaurantes, lanchonetes, agências de viagem, guias de turismo, lojas e produtores de artigos religiosos em geral operam com capacidade máxima nos meses de junho e julho para atender à demanda da festa. Além das empresas locais, surge uma série de oportunidades de negócio para a população local e empreendedores de outros municípios e estados. A grande movimentação de pessoas promove emprego e renda, bem como geração de impostos, entre outros itens que permitem promover o desenvolvimento local característico de regiões que promovem o turismo.

Para enriquecer mais este estudo, prossegue-se com citações de alguns entrevistados da pesquisa de campo, que se referem de que forma participam e ajudam na organização da Festa do Divino Pai Eterno, quais os elementos da cultura regional e local que caracteriza esta festa, ressaltando se houve alguma alteração com a inauguração da nova Rodovia dos Romeiros e a importância dessa tradição para sua família e comunidade que passam de geração para geração.

[...] Procissões e missas [...] Sim, participei várias vezes [...] Além da crença, para nós de Trindade uma festa tradicional que movimenta a cidade quanto à religiosidade, comércio e turismo. [...] elemento cultural é a tradição [...] transmito por fotos, depoimentos, fatos. (Entrevista 20/2022)

[...] Participando das celebrações religiosas e outras atividades do evento [...] Tem a ver com a nossa história de vida, religião, valores, tradições [...] Crença, fé, devoção a Deus, tudo isso junto dá sentido à vida das pessoas, os romeiros [...] A Nova Rodovia ajudou a organizar melhor a peregrinação ao longo de todo o ano [...] Transmito a tradição participando junto dos eventos e conversando a respeito da importância e significado. (Entrevista 27/2022)

[...] Participo com minha família indo às celebrações e também em alguns momentos cantando nos corais [...] Da organização em si nunca participei. Apenas como voluntário na equipe de liturgia [...] essa festa é um marco tanto na cidade, quanto no país. Fico feliz vendo minha cidade aparecendo no cenário Nacional [...] Elementos da cultura é Religiosidade [...] transmito levando-os comigo. Explicando o significado. (Entrevista 33/2022)

A segunda parte da pesquisa de campo foi realizada por questionário contendo questões abertas, questionamos os trinta e cinco entrevistados que responderam prontamente sobre a Festa do Divino Pai Eterno. Com as citações dos entrevistados 20,27 e 33, destacaram que a Festa do Divino Pai Eterno realizada em Trindade tem grande significado de crença, fé e devoção.

CAPÍTULO 3: OS TRINDADENSES, OS FIÉIS E A FESTA DO DIVINO

[...] tem levado milhões de pessoas a se movimentarem num mundo sagrado, estas viagens envolvem o percurso de longas distâncias e por vários meios de transportes, podendo ser executadas de forma voluntária, cuja motivação principal é religiosa, são chamadas, em geral, de peregrinações e apresentam uma quebra de rotina diária dos participantes que deixam para traz o mundo profano para aproximar-se do sagrado (LOPES, 2006, p. 17).

Na Festa do Divino Pai Eterno há um universo de relações onde se juntam vários fiéis, tornando repleta a cidade de Trindade - GO. Os carreiros (dos carros de boi) muitas vezes se confundem com os romeiros de outras cidades, como Goiânia e outras.

Nota-se que a religião é um elemento relevante na socialização dessa região, influenciando outras cidades ou povoados, em que nesse período há uma mobilização dos trindadenses para a realização desse evento. Fiéis, sadios, doentes, em sua maioria, empobrecidos, cansados, se deslocam de diversas regiões em romaria e caminham em uma mesma direção, se organizam para participarem da Festa do Divino Pai Eterno com intenção de buscar sentido para suas vidas.

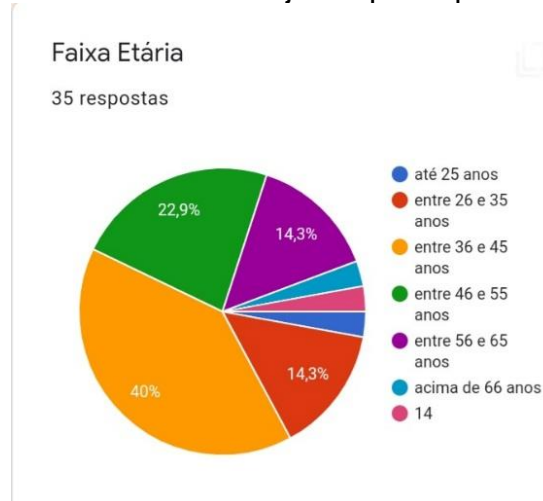
Trindade, por ser uma cidade religiosa, é a base dessa manifestação cultural, mantém sempre o ajuntamento das pessoas por meio da realização dessa festa, contribuindo muito para a formação da cultura local enfatizando a prática religiosa.

Na Festa do Divino ocorrem várias cenas culturais que expressam e sinalizam sentidos e significações do evento. Trata-se da participação dos sujeitos como camponeses e fazendeiros tradicionais; pessoas da classe média urbana; trabalhadores, evangélicos, espíritas, artistas, intelectuais, estudante, os trindadenses e tantos outros que participam da organização e realização desse conjunto de acontecimentos culturais, de símbolos que confirmam a força de sua tradição, de sua reinvenção, de sua hibridez e de todas as modificações ocorridas na realização desse evento.

Apresentando como critério de seleção dos entrevistados ter nascidos em Trindade, ter participado da festa como organizadores, voluntários e outros, com idade preferencialmente acima de 18 anos e gênero masculino e feminino. Analisando as características do perfil dos participantes desta pesquisa, na figura 7 se demonstra a faixa etária dos participantes do município de Trindade. Observa-se que a maioria dos participantes entrevistados em 40% apresenta a idade entre 36 e

45 anos, em 22,9% apresenta a idade entre 46 a 55 anos, em 14,3% apresenta entre 56 a 65 anos e 14,3% apresenta entre 26 a 35 anos de idade.

Figura 7 - Faixa etária dos sujeitos participantes da pesquisa.



Fonte: autora.

Assim, ao adentrar na coleta dos relatos dos entrevistados, as primeiras observações se concentraram na caracterização da festa e em como tal festividade é retratada pelo público investigado, sendo este composto por 35 indivíduos que nasceram e reside em Trindade.

Inicialmente, é possível inferir que a partir dos relatos, a participação desses componentes na Festa do Divino Pai Eterno, na figura 7 nos remete que grande quantidade dos entrevistados apresentados está na faixa etária entre 36 a 45 anos de idade.

Essa participação ocorre por vários sujeitos desta comunidade de Trindade e de diversas formas, como: na organização dos romeiros, no comércio, nos afazeres domésticos e alimentares, na distribuição desses alimentos como as marmitas, na segurança dos romeiros e carros de bois, nas partições das missas, batizados e até mesmo cantando nos coros, nos eventos e outros. Assim, como os políticos e empresários, a comunidade trindadense também organiza, patrocina e participa dessa festa.

Considera-se de grande importância a leitura aos gráficos, tabelas e narrativas deste estudo por meio das entrevistas e coleta de dados. Pois assim, pode-se identificar mais profundamente a participação desse sujeito nas dinâmicas e

organização da Festa do Divino Pai Eterno. Para nos possibilitar uma melhor compreensão construímos a tabela 1:

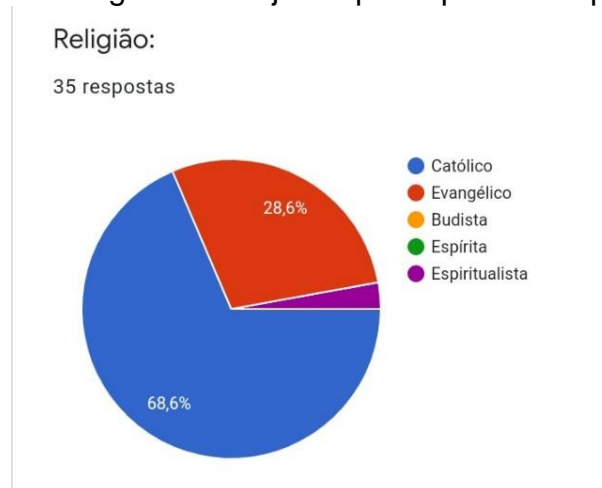
Tabela 1 - Faixa etária dos participantes da pesquisa.

FAIXA ETÁRIA		
Idades	Quantidades de participantes	Porcentagens
14 anos	1	2,85%
Até 25 anos	1	2,85%
26 a 35	6	17,1%
36 a 45	14	40%
46 e 55	7	20%
56 e 65	5	14,3%
Acima de 66	1	2,85%

Fonte: Autora.

Seguindo os resultados dos entrevistados observa-se nas próximas figuras 8 e 9, uma importante demonstração a qual nos informa a religião e escolaridade dos participantes. Pontua-se a presença de 68,6% (24 participantes) sendo católicos, mais da metade da quantidade dos entrevistados, em contrapartida 28,6% (10 participantes) são evangélicos, que não deixa de ser uma quantidade significativa e 2,8% (1 participante) espiritualista.

Com as narrativas apresentadas é importante frisar que a maioria são católicos, e ainda participa ou já participaram da festa, na organização, por continuarem seguindo essa tradição repassada por seus antepassados e que ainda passam para seus filhos até hoje.

Figura 8 - Religião dos sujeitos participantes da pesquisa.

Fonte: autora

Também é demonstrado a seguir na figura 9, a escolaridade dos sujeitos participantes desta pesquisa, apresenta em 2,85% (1 participante) dos entrevistados têm ensino fundamental; 8,6% (3 participantes) ensino médio completo; 77,1% (27 participantes) pós-graduação. Demonstra-nos que a fé está em toda parte independente da escolaridade do sujeito participante.

Figura 9 - Identificação do nível de escolaridade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Fonte: autora.

Tabela 2 - Religião e escolaridade dos participantes da pesquisa.

RELIGIÃO		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Católico	24	68,6 %
Evangélico	10	28,6 %
Espiritualista	1	2,8 %
NÍVEL DE ESCOLARIDADE		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Ensino Médio Completo	3	8,6 %
Graduação Completa	3	8,6 %
Graduação Incompleta	1	2,85 %
Pós-Graduação	27	77,1 %
Ensino Fundamental	1	2,85 %

Fonte: autora.

Após traçar o perfil desses sujeitos participantes, destaca-se a seguir, como esses homens e mulheres representantes da Festa do Divino atuam como agentes sociais na contemporaneidade por meio das dinâmicas ocorridas.

3.1. HOMENS E MULHERES COMO PATROCINADORES DA FESTA DO DIVINO.

Homens e mulheres atuam como patrocinadores dessa festa de diversas formas, como os romeiros no sistema de troca em suas promessas, os políticos e empresários que demonstram por meio da festa uma forma de patrocínio, mas que na verdade há mesmo um jogo de interesse.

Pierre Sanchis, em seu estudo sobre as romarias portuguesas, publicado em 1983, aponta para a íntima relação das romarias com a promessa:

A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um envólucro (*sic*) de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo de dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a da troca (SANCHIS, p. 47).

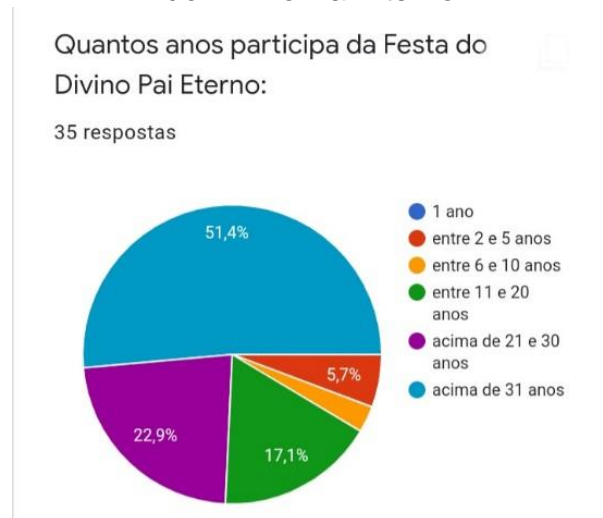
O sistema de troca que o autor refere diz respeito à noção maussiana²⁶ de dádiva, de reciprocidade, que constitui um dos princípios fundamentais da vida coletiva. No caso da promessa vinculada à romaria, o sistema de troca que se refere é entre o humano e o divino, entre o romeiro que se dá em sacrifício ao divino e ao santo, que ao reconhecer o gesto de sacrifício oferece as graças e bençãos tão esperadas, alimentando assim a fé do devoto, curando suas doenças, livrando do perigo, dos infortúnios e renovando suas esperanças de dias melhores.

Em Trindade, o pagamento de promessas, há muito tempo está ligada à contribuição monetária ao Santuário do Divino Pai Eterno. Mas também existe aquele romeiro que doa objetos, animais como gado, bezerro, mantimentos produzidos nas roças etc. Um dos momentos rituais mais significativos para o romeiro e carreiros devotos é a ida ao Santuário entregar a esmola e se benzerem aos pés da imagem da Santíssima Trindade.

A figura 10 nos auxilia a compreensão de quantos anos e como os homens e mulheres de Trindade – GO participam da Festa do Divino Pai Eterno. Assim, os dados nos mostram que a maioria dos entrevistados apresenta mais de 31 anos que são participantes dessa tradição na Festa do Divino com 51,4% (18 participantes), pode se entender também que entre 21 e 30 anos com 22,9% (8 participantes), entre 11 e 20 anos de participação com 17,1% (6 participantes), entre 6 a 10 anos com 2,9% (1 participante) e entre 2 a 5 anos com 5,7% (2 participantes). Com esses dados percebe-se que a maioria dos sujeitos da pesquisa participa assiduamente da Festa do Divino Pai Eterno.

²⁶ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

Figura 10 - Quantos anos os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.



Fonte: autora.

Tabela 3 - Quantos anos os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.

QUANTOS ANOS PARTICIPA DA FESTA		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
1 ano	0	0%
Entre 2 e 5 anos	2	5,7 %
Entre 6 e 10 anos	1	2,9 %
Entre 11 e 20 anos	6	17,1 %
Acima 21 e 30 anos	8	22,9 %
Acima de 31 anos	18	51,4 %

Fonte: autora.

Com a pesquisa realizada percebe-se que nos vários espaços da Festa do Divino Pai Eterno passam velhos, jovens, homens e mulheres de diferentes classes sociais. Chegam ao Santuário rezando terços, cansados, porém sorrindo e abraçados com amigos ou familiares, outros emocionados ou agradecendo pelas graças que acreditam terem recebidos. Cada um com a sua história de vida, alguns voltam para seu local de origem, outros ficam na festa, participam das missas, desfiles dos carreiros, procissões, visitam a Vila São Cottolengo, se emocionam com shows das bandas contratadas pelos empresários e governo.

Também há aqueles que juntam dinheiro para fazer compras nas barraquinhas de roupas, bijuterias, aparelhos eletrônicos e venda de santos. Gastam

em jogos, hotéis, restaurantes, levando a uma circulação do dinheiro para o acontecimento desta festa.

A organização dos territórios religiosos, do trabalho e dos negócios na Festa do Divino Pai Eterno em Trindade/GO, para atender o turismo, que requer um grande aparato que engloba agentes diversos (o governo, os empresários, a mídia, a própria denominação religiosa, a comunidade local praticante ou não, entre outros).

O turismo religioso contribui para a modificação/transformação dos lugares e das paisagens da cidade, promovendo os investimentos em estruturas de hotéis, restaurantes, sistemas de comunicação e rodovias para responder aos fluxos e grande aumento de romeiros.

As parcerias e os pactos de poder entre o Estado, a Mídia, a Igreja e o Governo Municipal manifestam interesses políticos e econômicos expostos em obras de infraestrutura, discursos e *outdoors*, em torno da composição dos territórios que compõem o patrocínio para a realização dessa Festa.

Em função do patrocínio que chega em Trindade de várias maneiras e com o aumento dos devotos e turistas, as estruturas da igreja em Trindade não comporta, está sendo construído um novo Santuário com maior espaço para atender os fiéis. Quando finalizado, esse projeto ocorrerá uma nova dinâmica na paisagem de Trindade/GO, pois a nova Basílica do Divino Pai Eterno implicará na transformação de roteiros, na criação de novos serviços e infraestruturas nas proximidades. Portanto, com o patrocínio e trabalho de homens e mulheres e todas as pessoas presentes nesse evento que ocorrerá sempre mudanças e transformações na organização a cada ano para a realização da Festa do Divino.

3.1.1 Homens e mulheres como organizadores da festa

Com o passar do tempo e com sua consolidação como um dos principais eventos religiosos, a Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade pressupõe não só a romaria, que é bastante conhecida, onde os romeiros se deslocam de várias localidades de Goiás e de outros estados do Brasil em direção ao Santuário do Divino, como também a participação destes na cidade em várias outras celebrações como as missas, desfiles, procissões e outras atividades.

A Festa de Trindade envolve um conjunto de atividades, rituais como a Romaria dos Carreiros, peregrinações a pé, novenas, missas, doações de esmolas, confissões, uma série de entretenimentos, como shows musicais, parques de diversões, reuniões com amigos e compras no comércio, aos quais já fazem parte da festa.

Dessa forma, a festa de Trindade também apresenta várias celebrações religiosas que são realizadas por homens e mulheres, populações em trânsito, pessoas devotas ao Divino Pai Eterno. Que se deslocam de suas moradias, objetivando peregrinar ao Santuário, lá se encontra o medalhão de barro, com a imagem da Santíssima Trindade. São pessoas que atuam e participam tanto da festa em si como na organização: nos corais, celebrações litúrgicas, decoração da igreja, cuidando do sacerdote e outros.

Na realização da Festa do Divino Pai Eterno, a organização tem divisões de tarefas por gênero: os afazeres do carro de boi são masculinos, ao passo que os afazeres domésticos são femininos. As motivações para a jornada são as promessas e votos, mas que durante o percurso percebe-se uma organização.

Desde os preparativos para a peregrinação e atuação na festa se observa que as mulheres são encarregadas da preparação dos mantimentos para a romaria, da preparação dos afazeres domésticos como almoço, jantar, cuidar dos filhos, marido, na ornamentação da Festa do Divino Pai Eterno, da igreja, da missa e dos cantos.

A função dos homens é o fazer de serviços braçais mais pesados, como descarregar bagagens e mantimentos, buscar água em latões, montar as barracas, além de comprar alguns alimentos no centro da cidade. No santuário, a presença da mulher é maioria, embora a coordenação dos cultos e a prática do poder sejam de responsabilidade dos homens.

Conforme Navarro (2006), o papel do historiador está, além de afirmar tradições, certificar hipóteses ou expor evidências, é ao contrário destruí-las para reviver o frescor da multiplicidade, a pluralidade do real. Contudo, uma história do possível se encontra na diversidade, do humano que não se liga apenas em sexo, sexualidade, dominação, posse e polarização. O historiador no olhar da autora promove inquietações, suscitando mudanças, levantando questões sobre a diversidade, reinterando a uma história sem dominação e exclusão entre os gêneros.

Trabalhar a relação das mulheres com as religiões e dessas com as mulheres é sempre estar sobre um campo minado, pois dados estatísticos afirmam que as mulheres investem mais em religião do que os homens, concluindo, portanto, que elas seriam mais religiosas do que eles, tal visão esconde um grande equívoco, pois na verdade, as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. (NUNES, 2005, p. 363)

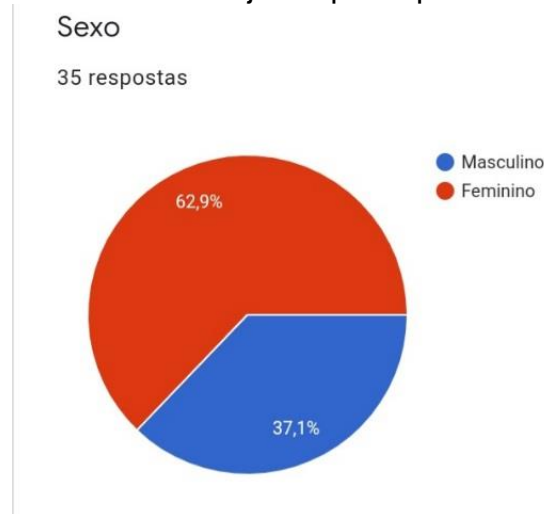
Historicamente, os homens dominam a produção do que é “sagrado” em várias sociedades. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas e as mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas.

A adoção da perspectiva de gênero, introduzida no campo científico, segundo Scott (1995), possibilitou uma ampliação nos estudos sobre as mulheres, ao inserir o masculino na discussão. Nessa perspectiva, o masculino e o feminino são uma construção social e ao mesmo tempo relacional. A categoria de gênero remete-nos à construção de conhecimentos que dirige as práticas sociais e que estão situadas em um contexto histórico, localizando conhecimento e práticas sociais em um espaço social e tempo histórico, próprios de sua especificidade.

Historicamente, as relações de poder e gênero são entremeados de valores que colocam a mulher sempre em um plano inferior, fruto de construções simbólicas que dão relevância à supremacia masculina. Quando levadas ao entendimento de uma visão teológica, as construções de identidade de gênero e suas consecutivas relações de poder apóiam-se no tradicionalismo cultural existente nas religiões monoteístas, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo para manter tal supremacia.

Com a coleta de dados da pesquisa de campo, realizada por entrevista virtual aos 35 trindadenses, foi traçado o perfil desse sujeito participante da Festa do Divino Pai Eterno, que podemos afirmar que a maior parte é do gênero feminino.

Figura 11 - Gênero dos sujeitos participantes da pesquisa.



Fonte: autora.

Na figura 11 percebe-se, ao traçar o perfil dos participantes, que a grande maioria dos entrevistados é do gênero feminino, identificado na cor vermelha como 62.9% e tem se representado na cor azul, 37,1% o gênero masculino.

Constata-se que o gênero feminino é de grande importância nas organizações e realizações das Festas populares do catolicismo, porém a mulher é vista neste contexto como uma operária, sempre nos afazeres secundários, para ela o direito de lidar com o sagrado é negado, enquanto o gênero masculino também tem o seu papel na festa, mas goza de plena liberdade de comungar com o sagrado na figura do sacerdote realizando as missas e sacramentos.

A mulher, porém, não de ser um ser limitado, mas os papéis sociais em que atua confirmam as desigualdades que ainda existe entre os gêneros masculino e feminino, por meio das atividades desenvolvidas. Ademais, os papéis desempenhados por mulheres e homens são importantes e se complementam, possibilitando que essa festa ocorra.

A pesquisa de Nascimento (2012) vai além do pensamento de Scott, pretende mostrar que, para além da divisão sexual do trabalho e da complementaridade entre os sexos, as relações do tipo “mesmo sexo” põem em xeque a ideia de antagonismo entre homens e mulheres dentro da matriz da heterossexualidade, além disso, problematizam a reprodução mecânica da família patriarcal nas relações de gênero no campo.

Para ela, a lógica homem com homem, mulher com mulher permite a construção de redes homossociais que não reproduzem a divisão sexual do trabalho

de forma engessada, e mostram que a segregação sexual não leva necessariamente ao binômio privado-feminino, público-masculino tampouco à dominação patriarcal.

A autora cita em seus estudos que segundo conjunto de textos, a saber: Moraes; Silva (1992); Fischer; Albuquerque (1995); Paulilo; De Grandi; Silva (2000); De Grandi (2000); Paulilo (2000); Abromovay; Silva (2000); Gouveia (2003); Rodrigues (1991); Grossi (1995); Bittencourt (1993); Mattos (2001), que segue diferentes linhas interpretativas, mas procura apresentar soluções para a subordinação e exploração femininas.

As autoras desse período mostram que, por meio de movimentos organizados, as mulheres começaram a denunciar sua condição subalterna, especialmente nos espaços públicos, a reivindicar igualdade de direitos e a valorizar o seu trabalho em seus aspectos sociais, econômicos e jurídicos.

Com a visão nesse contexto se faz necessário trazer as colocações da teóloga Elizabeth Fiorenza (1992) que afirma:

É muito importante, não só para as mulheres, mas para a Igreja toda e para a autoridade do Evangelho, que a linha clerical que divide os gêneros, juntamente com o status das mulheres, de cristãs de “segunda categoria”, seja abolida (FIORENZA, 1992, p. 28).

A teóloga reforça a ideia que a igreja precisa mudar sua forma de tratar de gênero. A comunidade eclesial pode e necessita desconstruir as ideias negativas a respeito do gênero feminino, levando em consideração a importância e grandiosidade da festa religiosa para a comunidade trindadense.

Ao longo da história, segundo Del Priore (2000), o espaço da mulher além do trabalho e seu cotidiano eram regidos pelas atividades em torno da igreja, na organização dos festejos e das procissões, pois há tempos, a mulher exercia um minúsculo papel de figurante na igreja e na sociedade por conta do machismo autoritário do homem de pensamento tradicional que a tinha como a “dona de casa”, para cuidar dos afazeres domésticos.

Entretanto, embora o grupo das mulheres execute determinadas e relevantes tarefas nas igrejas, bem como na organização da Festa do Divino Pai Eterno a desigualdade de gênero persiste, visto que a Igreja continua determinando tarefas complementares e subalternas às mulheres e que o exercício do poder pelas mulheres é diferente do exercido pelos homens.

Pois, segundo Pelúcio (2012), falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas.

O povo também é mentor e organizador de romarias e as promove com ou sem parceria com a Igreja. De caráter laico-sagrado, despojadas de preconceitos, especulações e dogmas teológicos, desmancham, desconstróem e a seu modo reconstroem ritos, símbolos, cânticos, formas de sociabilidade e solidariedade. Para participar não se pede filiação, frequência, participação ou adesão exclusiva àquela religião. Mais do que a filiação religiosa é importante a filiação ao santo de devoção (VILHENA, 2003, p. 22-23).

Contudo, podemos observar a seguir na coleta de dados (tabelas e figuras) e depoimentos dos 35 entrevistados que representam os homens e mulheres presentes nesta festa.

Segundo gráfico da figura 12 e tabela 4 abaixo, pode se identificar como esse sujeito homens e mulheres participam da festa em Trindade. Assim, com os dados obtidos nota se que 74,3% (26 participantes) dos 35 entrevistados, participam da Festa do Divino Pai Eterno todos os anos, 11,4% (4 participantes) participam esporadicamente, 8,6% (3 participantes) somente como participante e 5,7% (2 participantes) na organização da festa.

Analisando as narrativas dos sujeitos entrevistados, percebe-se que 2 entrevistados foram escalados para o trabalho na organização da festa, mas nos depoimentos vários outros também acabaram narrando que participaram indiretamente, voluntariamente ou esporadicamente na organização da festa. Assim, como alguns depoimentos abaixo:

[...] Já ajudei a organizar o desfile dos carreiros- visitas e cadastro nos pousos e também deciração e organização durante o desfile. (Entrevista 35/2021).

[...] Da organização em si nunca participei. Apenas como voluntário na equipe de liturgia. (Entrevista 33/2021).

[...] Já como estagiária da delegacia. Foi muito organizado (Entrevista 19/2021).

[...] Sim, na organização da primeira rainha dos carros de bois. [...] Tivemos uma ótima integração da equipe, com excelente culminância desse evento. (Entrevista 5/2021).

[...] Sim. [...] Já participei, e a interação é bem tranquila. [...] Prestando serviço junta a Secretaria de Habitação na organização dos ambulantes que vem trabalhar no município. (Entrevista 6/2021).

Figura 12 - Identificar como esse sujeito participa da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.



Fonte: autora.

Tabela 4 - Como os sujeitos participantes da pesquisa participam da Festa do Divino Pai Eterno.

COMO PARTICIPA DA FESTA		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Todos os anos	26	74,3 %
Esporadicamente	4	11,4 %
Na organização	2	5,7 %
Somente como participante	3	8,6 %
Não participa	0	0%

Fonte: autora.

Com a coleta de dados, estudando mais profundamente os depoimentos, podemos ver no questionário na parte 2 (entrevista aberta) em alguns depoimentos, foram feitas as seguintes perguntas: De que forma Sr.(a) participa da Festa do Divino Pai Eterno? Já participou da organização da Festa do Divino Pai Eterno?

[...] Sim, já participei. Trabalhei no refeitório, realizando marmita na assistência social. Foi muito bom participar. [...] Por muitos anos trabalhei nessa organização. (Entrevista 15/2021).

[...] Sim. [...] Quando fui seminarista. (Entrevista 8/2021).

[...] Sempre fui moradora de Trindade, já participei das novenas (hoje já não participo), já trabalhei em restaurante, gosto de ir nas barracas [...] Já participei da organização [...] Para mim hoje não tem mais importância pois hoje participo de uma comunidade cristã mas minha família gosta muito de participar das novenas e das procissões, vejo muita importância pois tem uns que passam o ano todo sem ir em uma igreja e sem participar de uma comunidade, com a festa tem uma melhor interação. (Entrevista 4/2021).

Na festa do Divino Pai Eterno existem vários sujeitos participantes que apresentam várias ações na realização desta festa, como vimos nos depoimentos acima.

Tabela 5 - Qual é a forma de participação dos sujeitos na Festa do Divino Pai Eterno.

PARTICIPANDO DA FESTA DO DIVINO		
Item	Homens	Mulheres
Pela Fé	8	14
Comércio	0	2
Evangélico que participa	4	4
Voluntário	1	1
Participante (a passeio)	0	1

Fonte: autora.

Percebe-se que todos os participantes da Festa do Divino Pai Eterno atuam de alguma forma, tanto pela fé (sagrado), como pela festa em si (profano). Esses sujeitos (homens e mulheres) atuam na Festa do Divino Pai Eterno, apresentando várias ações: podendo participar na organização pela fé, no coral da igreja, na decoração da festa, nas missas, batizados, novenas, apresentando a festa como uma esperança, buscando uma solução para os seus problemas, o comerciante que busca negociar seus objetos visando o poder de investimento no sistema capitalista, vendendo suas bugigangas, roupas e santinhos nas barracas, os carreiros que

chegam ao desfile com a sua alegria por meio da fé e devoção e os voluntários que também participam mesmo sem serem convocados e de tantas outras formas.

3.1.2 A programação da festa do Divino: participação dos homens e mulheres.

A programação da festa (figura 13) começa com a alvorada às 5h, realizada na Igreja Matriz e no Santuário Basílica da cidade. A partir de então serão realizadas 115 missas, 45 novenas, 30 orações do terço e 11 procissões. Também estão programados batismos, vigílias, encontros e desfiles de carreiros, cavaleiros e muladeiros. A festa do Divino Pai Eterno compreende dez dias festivos, iniciando sempre na última sexta-feira do mês de junho e finalizando no primeiro domingo do mês de julho de cada ano.

Pode-se ver em Trindade com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros em 2013, que no período da festa do Divino Pai Eterno ocorreu uma grande mudança, a festa passa a contar com algumas melhorias, levando, contudo, a um aumento na quantidade de fiéis em direção a Basílica (2,5 milhões a 3 milhões de pessoas) e tornando um espaço de sociabilidade.

Destacam-se aqui as narrativas de alguns entrevistados da pesquisa de campo em relação à Festa do Divino Pai Eterno, com a seguinte pergunta: O Sr. (a) percebeu alguma mudança após a inauguração da nova Rodovia dos Romeiros em relação à Festa do Divino Pai Eterno e na cidade Trindade?

[...] Sim. Favoreceu a acessibilidade. (Entrevista 3/2021).

[...] Muitas mudanças, a rodovia dos romeiros contribui muito para evitar acidentes, segurança para os devotos que vem a pé, para os que trabalham nas barracas... (Entrevista 4/2021).

[...] Sim, teve um grande aumento de turistas. (Entrevista 28/2021).

[...] Sim, aumento do fluxo de romeiros o ano todo e organização da romaria de forma a garantir maior segurança aos devotos. (Entrevista 5/2021).

[...] A festa ficou menos religiosa. (Entrevista 24/2021).

A Nova Rodovia dos Romeiros proporcionou para os romeiros segundo os sujeitos entrevistados, maior segurança em sua trajetória com assistência ambulatorial, distribuição e vendas de alimentos, iluminação adequada e outros.

Figura 13 - Estrutura da programação e trajeto da Nova Rodovia dos Romeiros/2013.



Fonte:file:///C:/Users/admin/Pictures/FESTA%20DE%20TRINDADE/Trindade/CAMINHO%20P%20FESTA%20trindade2.pdf

O Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (figura 13), destino principal dos romeiros e ponto de visitação principal dos devotos, encanta por sua grandiosidade e beleza. Está ornamentada por 59 vitrais, além de outros dezessete instalados na cúpula sobre o altar. No local, o romeiro encontra também uma loja com artigos religiosos e a temática Sala dos Milagres.

Os romeiros partem de todos os lugares do país e do mundo para participarem da Festa do Divino Pai Eterno e da romaria. Ao longo da GO-060, localizada entre Goiânia e Trindade, pode ser observado o maior fluxo de pessoas.

A Nova Rodovia dos Romeiros, como é chamada a GO-060, é uma das únicas temáticas em todo o mundo. São 18 km, nos quais estão instalados sete painéis duplos pintados pelo artista plástico Omar Souto, representando a Via Sacra. Construída em 1988, a obra é confeccionada no concreto em alto-relevo, tornando-se palco da encenação da “Vida, Paixão e morte de Jesus Cristo” na Semana Santa, um dos períodos em que a cidade também é muito visitada.

Na figura 13 pode-se perceber que com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros, que a Festa do Divino Pai Eterno, conta com vários benefícios como o serviço de apoio em três pontos da rodovia, instalado na GO-060, para acompanhar essa trajetória com ambulância para caso de atendimento e presença de barracas

distribuindo água e lanches, 22 banheiros químicos, capela para oração, onibus de apoio médico e posto do comando da PM, com uma maior iluminação para uma melhor segurança.

Na cidade de Trindade as celebrações religiosas antes eram realizadas na Igreja Matriz, atualmente, devido ao grande número de fiéis passou a serem realizadas durante a festa no estacionamento da Basílica com grandes estruturas, contendo cenários, palco, som e iluminação.

Apresenta também como apoio a contribuição dos meios de comunicação para a divulgação da programação dessa festa a nível nacional e internacional, com o intuito de levar essa tradição para dentro do país e até fora.

A festa compreende por realizações de várias celebrações religiosas realizadas ao longo da semana, com novenas, missas, encontro de jovens, batizados, confissões, desfile de carros de boi e shows artísticos. Destaca-se por apresentar várias transformações, política, social e econômica. Muitas vezes o poder público passa a delimitar e controlar os espaços da realização dessa festa.

Sack (1986) por sua vez, enfatiza a dimensão política e o papel dos limites ou fronteiras na definição do conceito de territorialidade. Para ele, territorialidade significa:

[...] a tentativa, por um individuo ou um grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica (SACK, 1986, p. 63).

Assim, a noção de territorialidade, para o autor, cumpre, ao mesmo tempo, os papéis de classificação (relacionada à área), de comunicação (relacionada às fronteiras) e de controle ou "aprisionamento".

A cidade de Trindade recebe pessoas de todos os cantos do Brasil, o prefeito e vereadores, atuam preparando uma bela recepção aos romeiros, os funcionários da prefeitura trabalham muito para deixar a cidade limpa. Nas avenidas são afixadas diversas faixas divulgando o trabalho do prefeito e dando boas vindas aos romeiros.

No entanto, concordo com o pensamento de Sack (1986), pois na maioria das vezes os governos aproveitam esses eventos para tentar influenciar ou controlar as pessoas, que são movidas por interesses da classe média ou da elite e a classe pobre acaba ficando à margem. Os projetos sociais ainda não considerados pelas instâncias do governo uma prioridade nacional e, em Trindade isso não é diferente.

As festividades e celebrações religiosas são apontadas como elementos de tradição e devoção nesta festa por homens e mulheres, com destaque na “Programação Especial” na figura 13 e tabela 6, está presente a Oitava Romaria da Família Franciscana, a primeira romaria da solidariedade, a Romaria dos Carros de Boi, Romaria dos Militares, Missa dos Foliões, o encerramento e o toque do despertar realizada sempre no ultimo dia da festa.

Tabela 6 - Programação Especial das atividades realizadas.

Programação Especial das atividades realizadas	
Oitava Romaria da Família Franciscana	05 h – Saída de Goiânia. 10 h – Chegada à Basílica/Missa especial. 16 h – Encontro com jovens, Salão Paroquial. 17h30 – Missa da Família, Basílica.
Primeira romaria da solidariedade	15h – Saída do trevo de Goiânia. 20h – Chegada à Basílica.
Romaria dos Carros de Boi	9h – Saída da Igreja da Matriz. 15h – Chegada ao Carreiródromo.
Romaria dos Militares	6h – Saída do trevo de Goiânia. 10h – Chegada a Basílica/Hasteamento da bandeira nacional e missa especial.
Missa dos Cavaleiros e Muladeiros	9h – Desfile do Córrego Alameda até o Carreiródromo. 17h30 – Missa Basílica.
Night Fever	22h – Adoração ao Santíssimo durante a madrugada.
Missa dos Foliões	12h – Na Basílica. 14h – Encontro dos carreiros, salão paroquial da Igreja Matriz. 17h30 – Missa especial na Praça da Basílica.
Encerramento	04h30 – Alvorada Festiva. 5h – Procissão da Penitência. 5h45 – Santa Missa, na Praça da Basílica. 8h – Missa Solene. 16h30 – Procissão Luminosa, da Igreja Matriz para a Basílica.
Toque do despertar	5h30, 7hs, 10hs, 19h30 – Missa na Basílica. 7h, 9h, 19h – Missa na Matriz.

Fonte: autora.

3.2 AS SOCIABILIDADES NOS ESPAÇOS DE TRABALHO DA FESTA DO DIVINO

A cidade de Trindade fica muito movimentada durante a festa do Divino e a maior parte das ruas são fechadas para facilitar a circulação de pessoas e de carros da polícia e de ambulâncias. O turismo religioso é muito forte, além de aquecer o comércio da

cidade, muitas pessoas vão até a capital da fé para vender artigos religiosos para os fiéis.

No que se refere às atividades de comércio nota-se que essas foram disciplinadas pelo poder público, orientado pela igreja, para que não ocorra venda de bebidas alcoólicas nas barraquinhas instaladas ao longo da Rodovia dos Romeiros que liga Goiânia a Trindade, com intuito de manter uma maior organização nesse percurso.

Com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros em 2013 apresentou mudanças de melhoria para uma melhor segurança desse Romeiro. As barracas no espaço público são montadas com estrutura metálica, cobertas com um toldo azul/ou branco, contendo o distintivo do Governo de Goiás e da Prefeitura de Trindade, as instalações de novos sanitários químicos tanto na cidade como na rodovia dos Romeiros e distribuição de água tratada nas barraquinhas em cada parada nos painéis da Via Sacra.

A cidade brasileira, como um fantástico “híbrido sociológico que funciona de maneira singular” (PEREZ, 2002, p. 47), foi e é o lugar das festas, promovendo uma incessante mistura de pessoas, códigos, trocas e transações econômicas, cindindo de um lado e unindo de outro. A festa promove o encontro de várias pessoas e com a variedade de coisas, inventando hierarquias às avessas, levando a conflitos, dissimulações e negociações.

Nessa perspectiva pode-se explorar suas formas de manifestações, considerando-as formas de sociação, assim como afirma Simmel (2006) em seu conceito, ou seja, formas específicas de ser com o outro. Gerando, contudo, vínculos sociais na celebração da vida, promovidas pelas festas. Portanto, concordo com o pensamento de Perez (2002), que afirma que utilizando o pensamento de Simmel (2006) como pedra fundamental, é possível pensar, que por meio do fenômeno festivo, os fundamentos dos vínculos coletivos tecem a sociedade. Com isso, a festa teria a forma de “sociação”, com seu intuito de estar junto e relacionar-se.

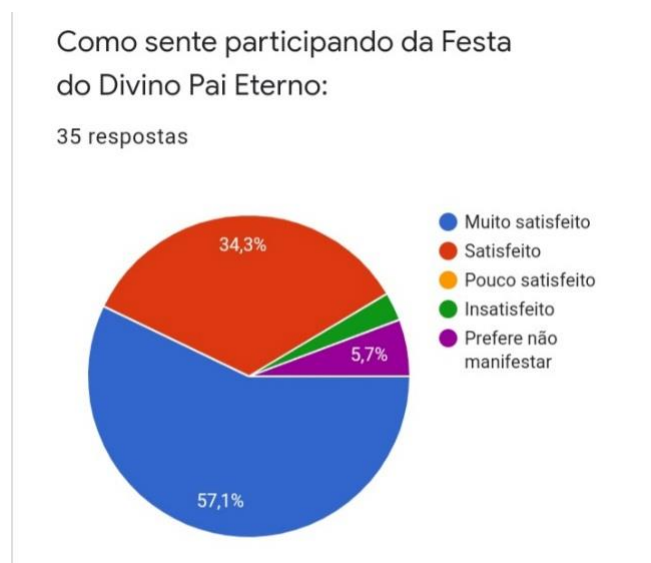
A forma lúdica de sociação não tem conteúdo, nem propósitos, nem objetivos, nem resultados exteriores, é uma estrutura sociológica que, em sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade (PEREZ, 2002, p. 19).

No ponto de vista de Simmel, a sociabilidade é “o jogo no qual se faz de conta que são todos iguais, ao mesmo tempo em que cada um é reverenciado em

particular”, e conforme suas palavras, “fazer de conta não é mentira” (SIMMEL, 2006, p. 173). Essa ligação estabelecida pelo referido autor entre jogo e sociabilidade, afirma se pela ideia de que todas as formas de interação e de sociação podem ser consideradas formas sociais lúdicas.

Conforme o gráfico da figura 13, e a tabela 7 a seguir, pode se identificar como esses sujeitos se sentem ao participarem da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, se observa que a maioria dos sujeitos participantes se sentem muito satisfeitos com 57,1% (20 participantes) e satisfeitos com 34,3% (12 participantes). Quase todos os entrevistados ainda seguem essa tradição, participando efetivamente da Festa do Divino Pai Eterno. Mas também podemos observar que 5,7% (2 participantes) preferem não se manifestar e 2,9% (1 participante), se sente insatisfeito participando desta festa.

Figura 14 - Identificar como esse sujeito se sente participando da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade.



Fonte: autora.

Tabela 7 - Como os participantes da pesquisa se sentem participando da Festa do Divino Pai Eterno.

COMO SE SENTE PARTICIPANDO DA FESTA		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Muito Satisfeito	20	57,1 %
Satisfeito	12	34,3 %
Pouco Satisfeito	0	0 %
Insatisfeito	1	2,9 %
Prefere não manifestar	2	5,7 %

Fonte: autora.

Apresento aqui as respostas desses entrevistados aos seguintes questionamentos: Como é sua interação com colegas de trabalho na organização dessa Festa? Qual a importância dessa festa para sua família e para a comunidade? Como o Sr.(a) transmite a tradição da festa para seus filhos e parentes? Podemos destacar essa análise apresentada nas seguintes afirmações:

[...] Sim já participei da organização da festa, e a interação é bem tranquila [...] Depende da religião de cada um, para os católicos é muito bem vinda, para os evangélicos não tem representação nenhuma [...] Transmito de forma clara, explicando qual a finalidade e como funciona. (Entrevista 6/2021)

[...] Foi muito bom participar dessa organização. Por muitos anos trabalhei nessa organização [...] hoje pra mim e para minha família não tem tanto significado, pois somos cristãos (evangélicos). Mas compreendo que para o crescimento econômico, social, político também para a cultura e tradições a festa tem grande significado [...] foi a vivência anual, a prática do cotidiano anual. Eles vieram seguiam. Muitas tradições culturais, religiosas e tradicionais são passadas de pai para filhos. Aprendi com meus pais e passei para meus filhos. Tradição. (Entrevista 15/2021).

[...] Sempre tive uma boa interação com os colegas de trabalho [...] Eu transmito essa festa através de conversa, fotos, vídeos. (Entrevista 4/2021).

Observa-se que na entrevista 15/2021 o sujeito participante se diz sentir insatisfeito (tabela 7) participando da Festa do Divino Pai Eterno, mas em sua narrativa acima, afirma ter participado na organização da festa que foi muito bom quando foi católico e hoje ainda participa da festa, mas no comércio nas barraquinhas, demonstrando não seguir mais a religião, mas afirma que aprendeu essa tradição com os pais. Assim, nota-se que, mesmo insatisfeito em participar da festa, estando em outra religião ainda passa essa tradição para seus filhos.

Martins (2001) afirma que nessa festa do Divino Espírito Santo em Trindade se destaca o catolicismo, mas é comum encontrar grupos evangélicos e imagens próprias para a manifestação dos cultos afros em algumas lojas, cultos esses que são realizadas as escondidas, pela discriminação que existe.

Segundo o referido autor, na cidade de Trindade no período da festa nota-se atualmente uma diversidade de crenças, mas que ainda é central o catolicismo popular apresenta um momento forte no encontro da divindade com a humanidade, fazendo com que o pecador se sinta renovado por meio da confissão, esperando uma purificação ou pagamento de suas dívidas.

Nota se que a partir do encontro entre tradição e modernidade acontece a reinvenção da cultura levando a uma transição modificando os hábitos em novos valores. Refletindo, portanto no santuário do Divino Pai Eterno, no estilo de sua construção, no culto, no atendimento espiritual e no comportamento dos romeiros.

A caminhada, o encontro com outras pessoas, a troca de experiências com outras famílias, o contato com vários tipos de paisagem, o desfile e o encontro com o Divino Pai Eterno em Trindade contribuem na reinvenção da cultura dos romeiros. Este romeiro acredita em um Deus distante, longe de suas possibilidades, mesmo assim acredita que será atendido por meio do sacrifício realizado na caminhada e caridade apresentada. Ocorre, portanto, o contato do profano com o sagrado, o encontro do pecador com o perdão é realizado no santuário, pela oração ou pelo cumprimento da dívida.

Segundo Geertz (1989, p. 26), “deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação”.

Com as afirmativas dos entrevistados para esta pesquisa, observa-se que a participação de cada um na Festa do Divino Pai Eterno é um momento de recordação e lembranças de um passado que mesmo distante, ainda é capaz de compor sentimentos e sensações que os fazem reviver momentos e fatos ali vividos, que explicam e fundamentam a realidade presente. Memória essa que foi explanada por ser estimulada, pela participação na organização da festa direta ou indiretamente, por meio de lugares, imagens, símbolos e tradições, que em sua materialidade são capazes de declarar a forma de vida dos seus antepassados. Assim, esse momento da Festa do Divino Pai Eterno, carrega em si não apenas o

material de que é composto, mas traz também uma série de experiências e significados que já foi ali vivido no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se originou do interesse em compreender melhor o papel de homens e mulheres nascidos em Trindade, que atuam na participação e organização da Festa do Divino Pai Eterno após 2013, com a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros em Trindade – GO.

Com as contribuições das referências estudadas e da pesquisa de campo, esse trabalho teve um grande suporte teórico e prático, para o desenvolvimento dos temas propostos nos capítulos.

Verificou-se que as múltiplas influências (dos romeiros, visitantes, da política, dos empresários, do poder público, da atuação dos homens e das mulheres que nem sempre são vistas e da Igreja) implicaram em constantes mudanças no modo de se fazer a festa, recriando a arte de realizá-la, afirmando a tradição da romaria ao Pai Eterno em Trindade e atraindo cada vez mais fiéis.

Nos últimos anos, diante das ações do poder público, muitas vezes orientado pela Igreja, as atividades do comércio e os espaços e estruturas da Festa do Divino, sofreram modificações para atender ao turismo religioso.

Devido ao aumento do número de romeiros, nos restaurantes, padarias e hotéis criam-se novos empregos temporários, segurança policial e corpo de bombeiros são reforçados e os serviços de taxi são ampliados. Aumentou o número de barracas nas calçadas, varandas, lotes, garagens, canteiros e por praticamente todas as ruas próximas ao Santuário Basílica do Divino Pai Eterno. Comerciantes, viajantes e vendedores ambulantes dormem nas próprias barracas, enfrentando condições precárias no período da festa. Entre os homens, mulheres, velhos e jovens que transitam na informalidade, a criatividade, o improviso e a alegria são gestos que chamam a atenção dos consumidores.

Enxerga-se também que ocorreram várias outras mudanças e recriações na organização desta festa, onde há uma mesclagem de modernas tradições com tradições antigas, como o desfile de Carro de Boi, a antiga novena à noite ou mesmo a procissão da madrugada, almoços e jantares em família que são mescladas, hibridizadas e recolocadas num patamar em que o catolicismo popular mostra estar vivo, com as cenas como jogos, lazer, forrós, pegação e outras atividades da juventude urbana. Transformações percebidas pelos atravessamentos da

mundialização do capital, redes de comunicação, sociabilidades e práticas da vida urbana que configuram a Festa e a Romaria.

Cada ano que passa a Festa do Divino Pai Eterno ganha mais inovações, aos poucos mostra se mais organizada, com uma estrutura maior, principalmente após a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros em 2013, para melhor acolher os fiéis, na tentativa de compreender o sagrado percebe-se a grande importância da religião para a comunidade.

A romaria pode ser entendida por um deslocamento a determinado lugar por romeiros com um sentimento sagrado que busca a divindade em si mesmo, o romeiro carrega consigo outras motivações de caráter social, cultural, econômica e política. Durante essa trajetória, modifica o romeiro ao mesmo tempo em que ele altera o espaço, compondo uma nova paisagem e disputando caminhos e territórios com outros sujeitos e equipamentos alheios à devoção.

A peregrinação dos romeiros (re)liga a pessoa ao lugar, aproximando o sujeito a suas raízes, que aqui nos referimos ao Divino Espírito Santo. Ela ocorre no sentido de resgatar o reconhecido formado no passado, mas vivida no momento presente e também conecta o homem à dinâmica contemporânea.

A peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno remete-se a uma reflexão sobre o espaço sagrado e a organização dessa festa religiosa pelos Trindadenses e outros. O espaço sagrado extrapola as doutrinas religiosas do passado, levando muitas vezes ao distanciamento da humanidade.

Na ocasião da festa concentravam-se romeiros de diversas localidades de Goiás e de outros estados. Havia numa sucessão de oferendas e cumprimento de promessas, mas também a participação das pessoas que ali se dirigiam, em jogos, comércio, bebedeiras, cantorias e prostituições, o resultava em brigas e assassinatos.

As estruturas são modificadas pelo novo e são mantidas pelos valores essenciais da vida, a continuidade da sociedade e da cultura. O sagrado e o profano se misturam em constante trabalho para o reencontro do homem com a natureza. A realização de um ritual entre o profano e o sagrado faz aparecer nos romeiros uma vinculação dos limites. A insistência em manter valores do passado e a presença cada vez mais intensa da modernidade faz acontecer o novo que não é totalmente antigo nem é totalmente moderno.

Com esta pesquisa constatam-se nas narrativas dos sujeitos participantes os trindadenses, um dilema ou um drama entre tradição e modernidade. Ressaltando que mesmo com tanta modernidade os romeiros não deixaram sua tradição de lado. Os políticos e empresários tentam transformar essa festa em espetáculo, com a contratação de cantores conhecidos para o acontecimento da missa realizada no estacionamento em frente à Basílica nos palcos, com big estrutura e iluminação.

A Festa do Divino em louvor ao Pai Eterno em Trindade afirma um espaço de fé e devoção, elemento importante para a valorização do patrimônio cultural e da memória, que irá reforçar os laços identitários produzidos pela festa até a atualidade.

Com a entrevista na pesquisa de campo percebe-se que diversos grupos de fiéis mantêm viva a tradição da romaria do Divino Pai Eterno, mesmo após a inauguração da Nova Rodovia, que levou à cidade grandes modificações, com um público que busca o sagrado e o profano. Não só a espetacularização e as modificações que levaram ao caráter profano da festa trouxe novos comércios, shows, modificações, a fé sempre continua presente também contribuindo para isso, atraindo muitos romeiros para a cidade à procura de cura e solução para seus problemas, reforçando a tradição em meio à modernidade.

A organização da festa, o modo como ela se espacializa, as danças apresentadas, as roupas, as comidas características, os sons, as músicas, as formas de participação direta ou indireta de quem festeja e de quem observa, enfim todos os elementos que definem a festa não se limitam a uma "figuração" no evento. Cada um desses elementos possui suas próprias conexões com diferentes redes em diferentes escalas e estabelece com os outros elementos as conexões próprias do evento que se busca compreender (FERREIRA, 2003, p. 23).

Através do estudo do tema abordado foi possível compreender, que a partir do entendimento de uma variedade de funções como: lazer, turismo, manifestações culturais, tradição, socialização, shows e contribuições financeiras, que as festas apresentam de múltiplas formas, como: religiosa, lúdica, gastronômicas, cívica e outras, sendo necessário entender a festa em seu contexto, no seu espaço geográfico, na sua organização, com contribuição e participação da comunidade trindadense.

Os dados realizados na pesquisa de campo nos fazem refletir, portanto, que a tradição e a fé dos devotos da cidade de Trindade, mesmo por meio das dinâmicas

como a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros e tantas outras ocorridas até hoje mantêm viva a grande Festa do Divino Pai Eterno em Trindade. Por fim, pensamos que a tradição dos trindadenses de realização da festa ainda nos fornece inúmeras possibilidades de investigação.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Revitalização de manifestações populares tradicionais brasileiras: Resignificação da noção de cultura popular. *In: Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.*

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário [orgs.]. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

AFIPE. **História da Igreja Matriz de Trindade.** 2021. Disponível em: < <https://www.paieterno.com.br/home-basilica/igreja-matriz/>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de. "**Daí pra cá é meu**": territorialidades no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

ALMEIDA, M. G. de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 918, 15 de abril de 2011.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério".** Disponível em: <https://www.aguaforte.com/antropologia/festabrasileira/festa.html> . 2001. Acesso em: 11 out. 2007.

AMARAL, Rita. Festas, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. *In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades – CIRS/CASO/CEFET.* Natal, 2008.

ANDRADE, Solange Ramos de. O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. *In: Revista Espaço Acadêmico.* Nº 67. Dezembro de 2006.

ARRUDA, Ângela. Feminismo, Gênero e Representações Sociais. *In: NAVARRO-SWAIN, Tania (org.).* Feminismos: teorias e perspectivas. **Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB.** Vol. 8, n.1 e 2. Brasília: UnB, 2000.

AQUINO, Valéria. **Peregrinos do Pai Eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO.** Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 2007.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.

BOAVENTURA, Deusa Maria R. **A urbanização de Goiás no século XVIII**. São Paulo: FAUUSP, 2007.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. São Paulo, Companhia das letras, 1999.

BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: Festa, Poder e Memória (Governador Mangabeira-BA - 1970-2000). Artigo apresentado no X Encontro Nacional de História Oral.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996, p. 293-294.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, MARQUES, Luana Moreira. **As festas populares como objeto de estudo**: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. *Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez/2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br> . Acesso em: 04 jan. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1974.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CALÁCIO, Mayara. **Festa do Divino Pai Eterno**: fonte de economia criativa para Goiás. Governo de Goiás. Disponível em: <https://www.goiias.gov.br/servico/94689-festa-do-divino-pai-eterno-fonte-de-economia-criativa.html> (27 jun. 2014). Acesso em: 06 fev. 2022.

CALVENTE, M. C. M. H. **Turismo e excursionismo rural**: potencialidades, regulação e impactos. Londrina: Humanidades, 2004.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Poliana Marques. **Turismo religioso em Trindade**: uma análise de como isso impacta no desenvolvimento local. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. Manifestações Culturais. *In*: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.

CAMPONERO, Maria Cristina, LEITE, Edson, PEREZ, Simone. Festas Populares: O Negro e o Branco Como Construtores do Patrimônio Imaterial. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** • São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661091_ARQUIVO_ANPUH_caponero_leite_perez_festas_populares_o_negro_e_o_branco.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

CANCLINI, Néstor García. **A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Diferente, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Maria L.V. de, FONSECA, Maria Cecília L. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: Educarte, 2008.

CATROGA, Fernando. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira. **Revista Brasileira de História (RBH)**, v. 29, n. 58, p. 469-487, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001a.

CATROGA, Fernando. Memória e história. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001b.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história**. Coimbra: Almedina, 2009.

CAVENAGHI, Airtón José; BUENO, Marielys Siqueira; CORRE, Rene Nascimento. Festa e turismo: por uma relação possível. **Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, [S.1], v. 4, n. 4, p. 587-598, dez. 2012. Trimestral. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1738>. Acesso em: 01 jan. 2022.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (CNFCP). 2022. **Festas religiosas**. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001449.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CHARTIER, R. **A História ou a leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

COELI, Regina. **Mapeamento do Patrimônio Material, Imaterial e Natural da Cidade de Trindade-GO- Caminhos para uma Educação Patrimonial**. v. 4, p.122 a 130, art. 7, 2015. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1-artigos/livros/4/artigo_7/a04.html. Acesso em: 06 julh. 2022.

COHN, C. A. **Culturas em transformação: os índios e a civilização**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/MWWF97DDGP3bLHxyFd6dqxn/?lang=pt>. Acesso em: 13 julh. 2022.

CORCINIO JUNIOR, Givaldo Ferreira. **Arte e devoção: ex-votos pictóricos do Divino Pai Eterno (Trindade/GO, séculos XX e XXI)**. 2020. 311 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura do espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.

CORREA, Jhonatan da Silva; ALVES, Flamarion Dutra. Festa de São Benedito: territorialidade e cultura no município de Machado-MG. *In*: **4ª Jornada Científica da Geografia-UNIFAL-MG**, 4, 2016, Alfenas, p. 275-279. Disponível em: https://www.unifalmg.edu.br/4jornadageo/system/files/anexos/jhonatan275_279.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro, MENESES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações**. I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – BA, em 11 de dezembro de 2008. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf. Acesso: 25 out. 2021.

CURADO, João Guilherme da T. **Lagolândia-paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas festividades**. Tese, 2011 (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás: Goiânia/GO.

DANTAS, Douglas Cabral. **O Ensino Religioso na rede pública estadual de Belo Horizonte, MG: história, modelos e percepções de professores sobre formação e docência**. 2002. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Brasil.n. 15, p.185-186. Rio de Janeiro. 2000.

DICIONÁRIO INFORMAL. Verbete durkheimiano. 2022. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/durkheimiano/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, [S.1], n. 115, p.139-154, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. [...] <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>. Acesso em: 25 jan. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Ética e sociologia moral**. Trad. Paulo Castanheira. São Paulo: Landy, 2003.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, n. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.

FERREIRA, Felipe. Festejando. *In: A Festa em múltiplas dimensões*. Itaú Cultural. 2013.

FIORENZA, E. S. **As Origens Cristãs a partir da Mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA ONLINE. **Conheça as principais festas litúrgicas da Igreja Católica**. Data de publicação: 02 abr. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/papa/0059.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2021.

FONSECA, Cecília Londres. Para além da 'pedra e cal': por uma concepção ampla de patrimônio. *In: __Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

FRANÇA, R. D. **As trajetórias socioespaciais dos carreiros da fé da Romaria do Divino. Pai Eterno**, em Trindade – Goiás. 2008. 163 f.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia** (Ribeirão Preto), [S.1], v. 14, n. 28, p.139-152, ago. 2004.

GEERTZ, Clifford. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978a.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIL, Antônio Carlos; LICHT, René Henrique Götz; SANTOS, Brigitte Rieckman Martins dos. Por que fazer pesquisa qualitativa em saúde? **Caderno de Saúde**, São Caetano do Sul, v. 1, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio *como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 19-33.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Lavagem do Bonfim. Secretaria de Turismo. 2021. Disponível em: <http://bahia.com.br/viverbahia/festaspopulares/lavagem-dobonfim/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs.). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec./EdUSP, 2001. Volume II.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IBGE. Biblioteca. 2022. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=33603&view=detalhes>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

IESA - Instituto de Estudos Socioambientais - Festas Populares/UFG. Escritor Tito Oliveira Coelho. Disponível em: <https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/545-festa-do-divino-pai-eterno>. Acesso em: 20 maio 2021.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em Portal IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 20 abr. 2022.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Livros de registro**. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>. Acesso em: 20 abr. 2022.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno**. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1331/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. Lisboa: Edições 70, 1981.

LÔBO, T. C. **A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis – Goiás**. Goiânia: UFG, 2006, (Dissertação de Mestrado).

LODY, Raul. **Eparrei, Bárbara: fé e festas de largo do São Salvador**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004.

LOPES, D. S. X. de B. **Trindade: “a capital da fé” – turismo religioso em Trindade – GO.** Brasília-DF. 2011. 50 f. Especialização (Especialização em formação de professores e pesquisadores em turismo e hospitalidade) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MACENA, Lourdes. Festas, danças e folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial de nosso povo. *In*: MARTINS, José Clerton de Oliveira. (Org.). **Turismo, cultura e identidade.** São Paulo: Roca, 2003. p. 63-76.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis:** a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002, 305p. CD-ROM.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica:** ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p.

MARTINS, João Otávio. **Os Peregrinos do Divino Pai Eterno os Carreiros e a Reprodução Social da Traição.** 2001. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2001.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Homem e identidade: o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo. *In*: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. (Org.). **Turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 67-77.

MARTINS, Tiago Costa e OLIVEIRA, Victor da Silva. Política e economia da cultura: uma proposta de análise a partir das despesas públicas. **Cadernos do CEOM - Ano 26, n. 39 - Economia Criativa e Economia da Cultura,** 2013.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** *In*: MAUSS, M. Sociologia e antropologia Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

MAZOCO, Eliomar Carlos. **Festas e artesanato em terras do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2007.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares no Brasil.** Brasília: Senado Federal, 2002. 386 p. Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1061>. Acesso em: 01 jan. 2022.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação,** Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2007.

NASCIMENTO, S. S. Homem com homem, mulher com mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), v. 39, p. 367-402, 2012.

NAVARRO-SWAIN, T. **Os limites discursivos da história: imposição de sentidos**. Labrys: Revista de Estudos Feministas, n. 9, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história A problemática dos lugares**. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n.10, 1993.

NUNES, Maria José Rosado. **Gênero e Religião**. Dossiê – Revista de Estudos Feministas, n. 13. PUC-SP. São Paulo, 2005.

OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. ABREU, R; CHAGAS, M. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

PALACÍ, Luís. **História de Goiás**. Luís Palacín e Maria Augusta Sant’Ana Moraes. 6. ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 1994.

PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL (Brasil). **Manifestações culturais negras**. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089. Acesso em: 11 dez. 2021.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista**: outra lógica na América Latina. Trad. Atílio Bruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.

PELLEGRINO, Carlos Tranquilli. Patrimônio Cultural Urbano: de quem? para quê? In: **3º Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia**, Ciberespaço, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Rev. Contemporânea**, v. 2, n. 2 p. 395-418 Jul.–Dez. 2012 .

PEREIRA, Denis Biolkino de Sousa. **Intervenções espaciais e mobilidade urbana de rodovias em regiões metropolitanas**. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. In: **Ciências e Letras**. Porto Alegre: Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2000.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI**: do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAFAEL, Luana Regina Mendes. **Entre o ritmo, a cor e o movimento: as territorialidades na festa de congada da cidade de Ituiutaba/MG**. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21554>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

REINATO, Eduardo José. Imaginário religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade - GO. **História: Debates e Tendências** [en linea]. 2009.

REVISTA RAÇA. **Festa com cultura e música afro-brasileiras**. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/festa-com-cultura-e-musica-afrobrasileiras/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

RIBEIRO JR., J. C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RICOEUR, Paul. **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal**. Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, n. 7, p. 177-194, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

ROCHA, Leandro Mendes (Org.). **Atlas histórico: Goiás pré-colonial e colonial**. Goiânia: Editora do CECAB, 2001.

RODRIGUES, Marly. **Imagens do Passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969- 1987**. São Paulo: UNESP, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, NEPEC, 2002. 92 p.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. *In*: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2013. cap. 1. p. 62-89.

SANTOS, Rosselvelt José; ALVES e LIMA, Roger. Turismo religioso e as festas rurais de Uberlândia (MG), o maior centro urbano da Bacia do Rio Araguari. *In*: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José. (Orgs). **Gestão Ambiental da Bacia do Rio Araguari: rumo ao desenvolvimento sustentável**. Brasília: CNPq, 2004.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e romaria**: um lugar para o turismo religioso. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SANTUÁRIO DO BOM JESUS DA LAPA. **O Santuário**. 2022. Disponível em: <<http://www.bomjesusdalapa.org.br/site/historia/o-santuario.html>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SCOTT, Joan. Gender: **Gênero**: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. New York, Columbia University Press. 1989.

SHILS, Edward. **Centro e periferia**. Lisboa: Difel, 1974. PDF. Publicado. 2017-04-24. Edição. v. 28 n. 1 (2008): jan./jun. 2008. Seção. Doutrina Nacional.

SILVA, Edvalma Cristina. A Festa é para Todos: (Re) Visitando a Festa de Nossa Senhora dos Remédios. *In*: **Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades**. Disponível em: <<http://anaiscoluquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>>. 2011. Acesso em: 17 jan. 2022.

SILVA, H.R. da (2002). Rememoração” / Comemoração: as utilizações sociais da memória. *In*: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 22, (44), pp. 425-438.

SIMMEL, Georg. (2006). **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.

SOARES, Lucas Eduardo (ed.). **Festas afro-brasileiras podem ser reconhecidas como patrimônio de Belo Horizonte**. 2019. HOJEEEMDIA. 20 jul. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/festas-afro-brasileiras-podem-ser-reconhecidas-como-patrim%C3%B4nio-de-belo-horizonte-1.729037>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SOUZA, C. G. G. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, n. 7, p. 37-66, 2008.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013. Disponível em: <http://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/festas-procissoesromarias-milagres-aspectos-do-catolicismo-popular>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens culturais e proteção jurídica**. 2 ed. Porto Alegre: UE, Porto Alegre, 2006.

SUAPESQUISA.COM. **Festas Populares do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://m.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/festa_populares.htm>. Acesso em: 19 jan. 2022.

TODOROV, Tezvetan. **Memoria Del mal, tentación Del bien – lindagación sobre El siglo XX**. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

TORINO, Isabel Halfen da Costa. **A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade.** *eumed.net*. Dez. 2013. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccss/26/memoria-social.html>. Acesso em: 13 julh. 2022.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1995.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional De Folkcomunicação.** Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Ano III, Número 5 - Junho/2005.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas Populares. *In:* GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação.** Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

TRINDADE. *In:* **Enciclopédia dos municípios brasileiros.** Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 36, p. 425-429. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_36.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.** Brasília: IPHAN, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

VILHENA, Maria Ângela. O Peregrinar: Caminhada Para a Vida. *In:* ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso:** Ensaios Antropológicos sobre Religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003. p. 11-2.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus:** um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZANINI, Michel. **Formulários eletrônicos.** 2007. 21 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos_projetos/projeto_698/artigo.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

1- PRIMEIRA PARTE: PERFIL DO ENTREVISTADO

1- Gênero:

- () Masculino () Feminino

2- Faixa Etária:

- () até 25 anos () entre 46 e 55 anos
 () entre 26 e 35 anos () entre 56 e 65 anos
 () entre 36 e 45 anos () acima de 66 anos

3- Cor ou raça que melhor se identifica:

- () Branca () Parda ou morena
 () Preto () Outra – Qual? ()
 () Amarelo () Prefere não identificar

4- Estado civil:

- () Solteiro () Viúvo
 () Casado () Separado
 () Divorciado () Outros - Qual? ()

5- Nível de escolaridade:

- () Ensino Médio Completo () Pós-Graduação Incompleta
 () Graduação completa () Mestrado
 () Graduação incompleta () Doutorado
 () Pós-Graduação completa () Outros – Quais? ()

6- Religião

- () Católico () Espírita
 () Evangélico () Outra – Qual? ()
 () Budista

7- Participa da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Todos os anos | <input type="checkbox"/> Somente como participante |
| <input type="checkbox"/> Esporadicamente | <input type="checkbox"/> Não participa |
| <input type="checkbox"/> Na organização | |

8- Quantos anos participa da Festa do Divino Pai Eterno:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 ano | <input type="checkbox"/> entre 11 e 20 anos |
| <input type="checkbox"/> entre 2 e 5 anos | <input type="checkbox"/> acima 21 e 30 anos |
| <input type="checkbox"/> entre 6 e 10 anos | <input type="checkbox"/> acima de 31 anos |

9- Como sente participando da Festa do Divino Pai Eterno:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Muito satisfeito | <input type="checkbox"/> Insatisfeito |
| <input type="checkbox"/> Satisfeito | <input type="checkbox"/> Prefere não manifestar |
| <input type="checkbox"/> Pouco satisfeito | <input type="checkbox"/> Outro |

2- SEGUNDA PARTE - QUESTÕES ABERTAS

12- De que forma Sr.(a) participa da Festa do Divino Pai Eterno?

13- Já participou da organização da Festa? Como é sua interação com colegas de trabalho na organização dessa Festa?

14- Qual a importância dessa festa para sua família e para a comunidade?

15- Quais os elementos da cultura regional e local que caracterizam a festa do Divino Pai Eterno?

16- Como o Sr.(a) transmite a tradição da festa para seus filhos e parentes?

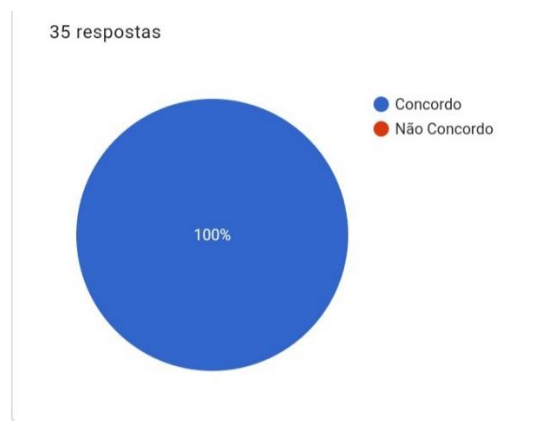
17- O Sr.(a) percebeu alguma mudança após a inauguração da Nova Rodovia dos Romeiros em relação à Festa do Divino Pai Eterno e na cidade Trindade?

18- Gostaria de acrescentar algo acerca da temática?

ANEXO B – DADOS COMPLEMENTARES DA PESQUISA DE CAMPO

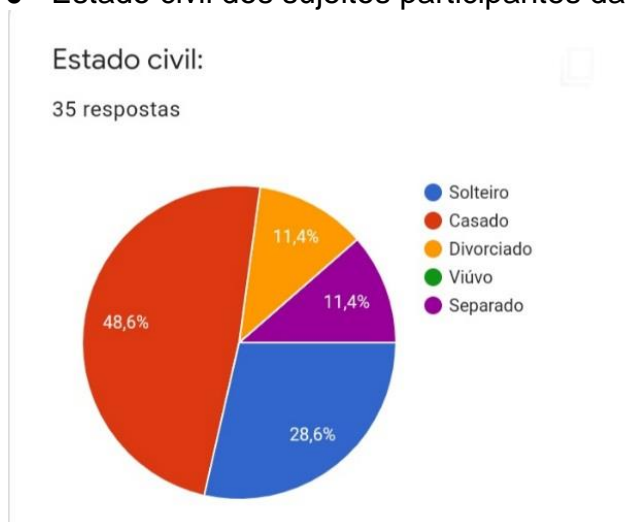
Conforme a figura 15 é de grande satisfação constatar que houve uma participação total dos candidatos da cidade de Trindade, 100% concordam em participar da entrevista em tempos remotos, por questionário, neste momento tão delicado de pandemia. Que mesmo com a distância constatou-se um eficiente diálogo entre pesquisadoras e sujeitos participantes, frisando que com as contribuições dos Trindadenses nas respostas ao questionário, juntamente com as fontes das pesquisas teóricas, fotos e gráficos, fundamentaram essa narrativa.

Figura 15 - Números de participantes que concordaram participar da pesquisa.



Fonte: autora.

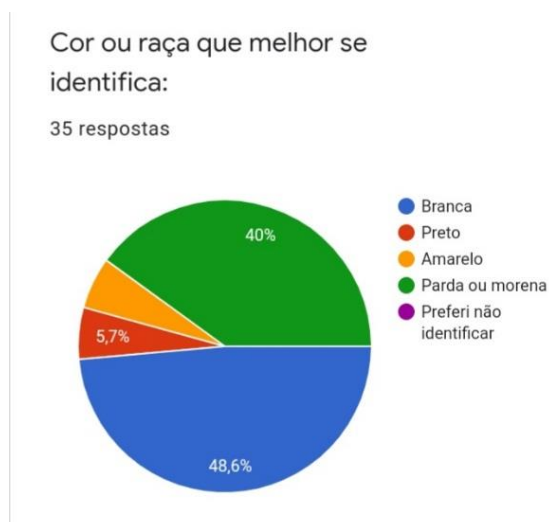
Na coleta de dados a seguir das figuras 15 e 16 nos informa o estado civil, cor/ou raça dos sujeitos entrevistados. Nota-se a presença em maior quantidade com 48,6 % (17 participantes) casados, 28,6 % (10 participantes) solteiros, 48,6 (17 participantes) brancos e 40% (10 participantes) parda ou morena. Permitindo-nos, portanto, uma melhor compreensão e leitura comparativa.

Figura 16 - Estado civil dos sujeitos participantes da pesquisa.

Fonte: autora.

A presença dos romeiros no santuário caracteriza-se, também, pela miscigenação racial brasileira. Uma quantidade maior de brancos seguida por um número bem menor de negros e alguns índios “civilizados,” muitos mestiços e poucos mamelucos (MARTINS, 2002, p. 168).

Utiliza-se na pesquisa em questão a Análise de Conteúdo com as contribuições das referências bibliográficas e imagens, juntamente com os gráficos e tabelas, sendo de fundamental importância, pois apresenta função dupla: “compreender o sentido da comunicação (como o receptor normal), mas, também, e principalmente, desviar o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da mensagem primeira” (BARDIN, 2011, p. 47).

Figura 17 - Identificação da cor e/ou raça dos sujeitos participantes da pesquisa.

Fonte: autora.

Bardin (2011), por sua vez, define a análise de conteúdo como sendo:

Um conjunto técnico de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

A escolha da Análise de Conteúdo se deu em razão da necessidade de entender e compreender como é a participação de homens e mulheres da cidade de Trindade na Festa do Divino Pai Eterno. Dessa forma, busca destacar e dialogar com as características mais marcantes apresentadas no teor desta coleta de dados em cada narrativa dos 35 participantes.

Nesse particular, a Análise de Conteúdo se mostra um valioso método de pesquisa, pois possibilita, através da análise das narrativas, interpretar ideias, concepções e posições teóricas dos participantes por meio dos dados demonstrados pela ferramenta *online*, que contribui para traçar a trajetória sobre a atuação de cada participante na organização dessa festa.

Tabela 8 - Estado civil e raça dos participantes da pesquisa.

ESTADO CIVIL		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Solteiro	10	28,6 %
Casado	17	48,6 %
Divorciado	4	11,4 %
Separado	4	11,4 %
COR E/OU RAÇA		
Item	Quantidades de participantes	Porcentagens
Branca	17	48,6 %
Preto	2	5,7 %
Amarelo	2	5,7 %
Parda/morena	14	40 %
Não Identificou	0	0 %

Fonte: autora.

Figura 18 - Carreiródromo/2022.



Fonte: Danilo Torquato.

Figura 19 - Zé Capeta – Tocador de Berrante/2022.



Fonte: Danilo Torquato.

Figura 20 - Romeiro/2022.



Fonte: Danilo Torquato.

Figura 21 - Festa do Divino Pai Eterno – Trindade/GO/2013.



Fonte: Rodolfo Carvalhaes/ AFIPE.

Figura 22 - Comércio na Festa do Divino/2019.



Fonte: Sílvio Túlio.

Figura 23 - Portal da Fé - Trindade/2019.



Fonte: Sílvio Túlio.